



UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

DANIELA BERTONCELLO DE OLIVEIRA

**REDES SOCIAIS SIGNIFICATIVAS FORMADAS PELOS EGRESSOS
DE UMA UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE**

CURITIBA

2020



DANIELA BERTONCELLO DE OLIVEIRA

**REDES SOCIAIS SIGNIFICATIVAS FORMADAS PELOS EGRESSOS
DE UMA UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e da Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia N. S. Wanderbroocke

CURITIBA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

O48 Oliveira, Daniela Bertoncello de.

Redes sociais significativas formadas pelos egressos de uma universidade aberta da terceira idade / Daniela Bertoncello de Oliveira; orientadora Prof^a. Dr^a. Ana Claudia N.S. Wanderbroocke.

168f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2020.

1. Pessoa idosa. 2. Rede social significativa .3. Universidade aberta da terceira idade. I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Psicologia/ Mestrado em Psicologia.
II. Título.

CDD – 302.4

A todas as pessoas que fazem parte da minha rede social significativa, compartilhando comigo a travessia da vida.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente a Deus, pelo dom da vida e por amparar minha caminhada, fazendo-me forte e firme em meus propósitos.

Especialmente à minha querida orientadora, Profa. Dra. Ana Cláudia Nunes Souza Wanderbroocke, por sua experiência compartilhada, sabedoria, dedicação, paciência e empatia, orientando-me dia a dia nessa construção. Seu suporte em todos os momentos tornou possível esta jornada. Aprendi muito ao seu lado e me sinto preparada para vivenciar este momento de conclusão.

À Profa. Dra. Denise de Camargo e à Profa. Dra. Rita de Cássia da Silva Oliveira, por aceitarem o convite para minha banca de qualificação e defesa, trazendo contribuições fundamentais para o aperfeiçoamento deste estudo e de sua escrita científica.

À Universidade Tuiuti do Paraná e sua equipe de colaboradores, por terem me recebido em seu Programa de Pós-Graduação de Psicologia, disponibilizando seus recursos para que eu desenvolvesse meu potencial nessa etapa acadêmica de minha trajetória profissional.

Aos demais professores do Mestrado, que muito ensinaram e compartilharam para que eu pudesse chegar até este momento. Foi muito bom conhecê-los e aprender com cada um deles.

Aos meus colegas de Mestrado, pela oportunidade das trocas sociais e científicas, como forma de não nos sentirmos sós e crescermos juntos, enfrentando o desafio dessa experiência.

À Coordenadoria da Universidade Aberta da Maturidade (UAM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por ter oportunizado a realização deste estudo, abrindo suas portas para essa vivência.

Às estimadas pessoas idosas que participaram desta pesquisa, trazendo informações relevantes sobre o contexto e o fenômeno estudado, para que eu pudesse construir meu aprendizado dia após dia, inspirando-me por sua vitalidade, disposição para a vida e esperança.

Aos meus queridos pais, João Romildo (*in memoriam*) e Galba, pela nossa família, por meio da qual vivenciei as primeiras experiências sobre amar, cuidar, respeitar, perseverar, responsabilizar-se, comprometer-se, sonhar e realizar. Aos meus irmãos, Afonso e Gisa, pela

oportunidade primeira de ter aprendido a compartilhar e a colaborar. Minha gratidão pela base segura que minha família constituiu em minha vida.

Ao meu querido esposo Mauro, por seu amor, dedicação, suporte e apoio, que fizeram com que esse momento fosse possível. Aos meus filhos amados, Matheus e Tiago, por terem transformado o sentido da minha vida para além de mim mesma, ensinando-me como amar e cuidar incondicionalmente. À Matilda, nossa *pet*, que com seu carinho diário trouxe leveza e alegria aos meus dias contínuos de dedicação a este estudo.

Às minhas colegas da Associação Paranaense de Terapia Familiar, que demonstraram seu carinho e apoio em minha trajetória no Mestrado, especialmente à querida Flavia Diniz Roldão, grande incentivadora desse movimento em minha vida.

À amiga Thelma Zugman Mazer, também minha mestra na área da Terapia Familiar Sistêmica, por sua forma sempre sensível e criteriosa de transmitir seu conhecimento. À amiga de várias décadas, Adriane Ceschin Maestri, por seu apoio e carinho em minha vida.

À revisora técnica deste trabalho, Profa. Me. Paula Maria Ferreira de Faria, que gentilmente aceitou esta tarefa, auxiliando-me nessa etapa final.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste estudo e desse enorme aprendizado.

Velhas árvores

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

(Bilac, 2014, n.p.)

RESUMO

A velhice representa uma etapa do ciclo vital na qual as redes sociais significativas da pessoa idosa podem constituir elementos fundamentais para o contorno de um processo de envelhecimento saudável e ativo. O foco incide na saúde e no desafio à formação de rede social para a superação dos principais estigmas que encapsulam o papel social do idoso, para que suas vulnerabilidades relacionais sejam transformadas em possibilidades, em todos os sistemas aos quais pertence. Nos contextos educacionais frequentados pela pessoa idosa, em que as condições de isolamento tentam ser dribladas, torna-se necessário compreender a formação de suas redes sociais significativas com o intuito de garantir sua participação e integração social, somadas ao bem-estar integral. O objetivo geral deste estudo qualitativo, transversal, descritivo e exploratório, alicerçado no marco referencial do Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático, foi analisar as redes sociais significativas formadas pelos egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade. A investigação foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com oito idosas egressas entre 65 e 87 anos, juntamente com a utilização do instrumento gráfico Mapa de Rede, desenvolvido por Sluzki (1997). Efetuou-se a análise qualitativa dos dados obtidos através do modelo de Análise de Conteúdo. Esta investigação teve como objetivos específicos: compreender se os aspectos do contexto educacional de uma Universidade Aberta da Terceira Idade favorecem a formação das redes sociais entre seus participantes; caracterizar as redes sociais significativas dos seus egressos quanto aos elementos estruturais e funcionais dos vínculos que a constituem e finalmente identificar de que maneira as redes sociais significativas desses egressos repercutem para a vivência da sua velhice. Os principais resultados encontrados foram: o contexto de uma Universidade Aberta da Terceira Idade contribui para a formação de redes sociais significativas entre seus participantes, desde os primeiros momentos de aproximação e interação entre eles no programa; as redes sociais significativas dos participantes de uma Universidade Aberta da Terceira Idade podem ser de tamanho variado, com distribuição mesclada pelos níveis de proximidade, mas com tendência a apresentar maior número de pessoas no nível de maior proximidade, além de a rede funcionar a partir consideravelmente da companhia social e do apoio emocional entre seus membros. A distância geográfica entre eles, bem como a presença de diferenças culturais e socioeconômicas, não os impede de formar redes de convívio social presencial com frequência semanal, mensal ou ocasional, ou ainda convívio virtual com frequência diária, a fim de promover a manutenção dessa rede social significativa formada a partir da sua experiência em uma Universidade Aberta da Terceira Idade. Pode-se afirmar que essas redes contribuem para a construção de um processo de envelhecimento ativo das pessoas idosas.

Palavras-chave: Pessoa Idosa. Rede Social Significativa. Universidade Aberta da Terceira Idade.

ABSTRACT

Old age represents a stage in the cycle of life in which the elderly person's significant social networks can represent fundamental elements for the outline of a healthy and active aging process. The focus is on health and the challenge of forming a social network in order to overcome the main stigmas that surround the social role of the elderly, so that their relational vulnerabilities are transformed into possibilities, in all the systems to which they belong. In the educational contexts attended by the senior citizens, in which they try to bypass their conditions of isolation, it is necessary to understand the formation of their significant social networks, with the intent of guaranteeing their participation and social integration, as well as the overall well-being. The general objective of this qualitative, transversal, descriptive and exploratory study, based on the referential framework of the New Paradigm Systems Thinking, was to analyze the significant social networks formed by the graduates of an Open University of the Third Age. The investigation was conducted by the means of semi-structured interviews with eight elderly female graduates, aged between 65 and 87, along with the use of Social Network Map, a graphic instrument developed by Sluzki (1997). A qualitative analysis of the data obtained through the Content Analysis was carried out. This research pursued the following specific objectives; first, to understand if the aspects of the educational context of an Open University for the Third Age favor the formation of social networks among its participants. Second, to describe the significant social networks of the University's alumni, regarding the structural and functional elements of the bonds that constitute them, and finally, to identify how the significant social networks of these alumni impact their lifestyle in the old age. The main results found were that the context of an Open University of the Third Age contributes to the formation of significant social networks among its participants, since the first moments of approximation and interaction between them in the program. Furthermore, the significant social networks of participants in the University can vary in size, with their distribution mixed by the proximity levels, but with a tendency to have a greater number of people at the highest level of proximity. In addition, the network considerably improves through companionship and emotional support among its members. The physical distance between them, as well as the existence of cultural and socioeconomic differences, does not prevent them from forming face-to-face social interaction networks on a weekly, monthly or occasional basis, or even daily virtual interaction, in order to maintain this significant social network formed through their experiences in an Open University of the Third Age. It can be said that these networks contribute to the development of an active aging process for the elderly.

Keywords: Elderly person. Significant Social Network. Open University of the Third Age.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dados sociodemográficos das participantes	51
Tabela 2	Resultados em relação à UATI e à formação de rede social entre seus participantes	59
Tabela 3	Resultados dos mapas de rede das participantes.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	- Biblioteca Virtual em Saúde
CAAE	- Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	- Comitê de Ética em Pesquisa
CS IAPI	- Centro de Saúde do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
EACH	- Escola de Artes, Ciências e Humanidades
FESC	- Fundação Educacional São Carlos
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LILACS	- Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
NETI	- Núcleo de Estudos da Terceira Idade
OMS	- Organização Mundial da Saúde
ONU	- Organização das Nações Unidas
OPAS	- Organização Pan-Americana da Saúde
PNAS	- Política Nacional de Assistência Social
PNSPI	- Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa
PRISMA	- Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises
SCIELO	- <i>Scientific Electronic Library Online</i>
SESC	- Serviço Social do Comércio
SHARE	- <i>Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe</i>
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAM	- Universidade Aberta da Maturidade
UATI	- Universidade Aberta da Terceira Idade
UEPG	- Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
USP	- Universidade de São Paulo
UTP	- Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

1	Introdução	15
2	Revisão de Literatura	22
2.1	Velhice como Processo de Transformação Social	22
2.2	A Construção da Realidade Social da Pessoa Idosa: Papéis e Redes Sociais	26
2.2.1	Mapa de Rede Social: instrumento gráfico para compreender as relações sociais	31
2.3	Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) Como Perspectiva de Rede Social	34
2.4	Caracterização das Universidades Abertas da Terceira Idade (UATI) no Cenário Brasileiro.....	37
3	Objetivos.....	45
3.1	Objetivo Geral.....	45
3.2	Objetivos Específicos.....	45
4	Método	46
4.1	Perspectiva Teórico-Methodológica: o Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático	46
4.2	Delineamento da Pesquisa.....	48
4.3	Participantes.....	49
4.4	Local.....	52
4.5	Instrumentos	53
4.6	Procedimentos	54
4.7	Análise dos Dados	56
5	Resultados e Discussões.....	58
5.1	A UATI Como Contexto Educacional Que Pode Favorecer a Formação de Rede Social Entre Seus Participantes.....	58
5.1.1	Acesso ao programa da UATI	58
5.1.2	Motivos para a inscrição no programa.....	63
5.1.3	Aproximação entre os participantes durante o programa.....	66
5.1.4	Momentos marcantes e de satisfação em relação à formação da rede social durante o programa	70

5.1.5	Formas de manutenção da rede social após o término do programa	78
5.1.6	Concepção de rede social significativa e percepção das suas repercussões na etapa do envelhecimento	84
5.2	As Redes Sociais Significativas, Formadas Pelos Egressos UATI, a Partir da Utilização do Instrumento Gráfico Mapa de Rede	89
5.2.1	Características estruturais	92
5.2.1.1	<i>Tamanho</i>	92
5.2.1.2	<i>Composição ou distribuição</i>	94
5.2.1.3	<i>Homogeneidade/heterogeneidade</i>	97
5.2.1.4	<i>Dispersão</i>	99
5.2.2	Funções da Rede	101
5.2.2.1	<i>Companhia social</i>	102
5.2.2.2	<i>Apoio emocional</i>	104
5.2.2.3	<i>Guia cognitivo e conselhos</i>	107
5.2.2.4	<i>Regulação social</i>	109
5.2.2.5	<i>Ajuda material e de serviços</i>	110
5.2.2.6	<i>Acesso a novos contatos</i>	111
5.2.3	Atributos dos vínculos	111
5.2.3.1	<i>Frequência</i>	112
6	Considerações Finais	115
	Referências	120
	Apêndice A - Artigo	126
	Apêndice B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada	147
	Apêndice C - Modelo Diferenciado de Mapa de Rede Social, Incluindo a Rede da UATI no Quadrante Comunidade	152
	Apêndice D - Diagrama de Relações Entre as Participantes da Pesquisa	153
	Apêndice E - Mapa de Rede de Flamboyant	154
	Apêndice F - Mapa de Rede de Caroba	155
	Apêndice G - Mapa de Rede de Guamirim	156
	Apêndice H - Mapa de Rede de Quaresmeira	157
	Apêndice I - Mapa de Rede de Ipê Amarelo	158
	Apêndice J - Mapa de Rede de Paineira	159
	Apêndice K - Mapa de Rede de Jabuticabeira	160

Apêndice L - Mapa de Rede de Araucária	161
Anexo A - Mapa de Rede - Modelo Proposto por Sluzki (1997).....	162
Anexo B - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	163
Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	165

1 Introdução

Desde o século XX, quando as pessoas idosas passaram a ser consideradas em sua integralidade e, à vista disso, com expectativas de melhor qualidade de vida, a velhice tem sido vista e compreendida a partir de sua interdisciplinaridade. Dados obtidos em 2015 no relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) demonstram que o número de pessoas com mais de 60 anos deverá crescer 56% entre 2015 e 2030. Por volta de 2050 está projetado um aumento para mais que o dobro da população de 2015, atingindo dessa forma 2,1 bilhões de pessoas idosas. Será comum cruzarmos com os “mais velhos”, chamados de *oldest-old* nas próximas décadas, ou seja, aqueles com mais de 80 anos (ONU, 2015). Afinal, o alvorecer dessa fase do ciclo vital anuncia um novo tempo e um novo lugar, à frente das suas próprias transformações e processos.

O papel social da pessoa que inaugura seus 60 anos através da entrada na velhice vem desafiando os limites de um envelhecimento mais saudável e ativo, trazendo uma longevidade que não se observava em tempos anteriores. A busca de qualidade de vida com dignidade, a partir da saúde, segurança e participação, faz com que o envelhecimento seja coroado de mudanças e novas prospecções. Para tanto, necessitamos compreender o que promove mais saúde e bem-estar para o idoso, percebendo que essa condição está intimamente ligada à sua rede de suporte social.

Nesse sentido, Neri e Vieira (2013) examinaram em um estudo a relação existente entre o suporte social percebido entre idosos e seu envolvimento social na comunidade; as autoras observaram correspondências positivas, concluindo que “a manutenção de atividades avançadas de vida diária de natureza social, de lazer, cultural, organizacional e política indica motivação para relações sociais, integração social e produtividade, elementos que integram o

conceito de velhice bem-sucedida” (p. 419). Segundo essas autoras, o envolvimento em atividades sociais traz benefícios em várias áreas da natureza humana, colaborando para a permanência da rede social da pessoa idosa e favorecendo o pertencimento e trocas sociais (Neri & Vieira, 2013).

Sluzki (1997) teceu o conceito de “rede social significativa”, indicando que advém da totalidade dos vínculos interpessoais do indivíduo – extrapolando, portanto, as fronteiras dos seus sistemas familiares e chegando a outras redes como vizinhos, colegas de trabalho/estudos, comunidades e outras pessoas que transitam nos distintos sistemas. O autor reforça que essa rede social significativa constitui uma rede de apoio ao indivíduo, influenciando o seu próprio reconhecimento como sujeito e também a sua autoimagem.

Uma das maneiras que o idoso encontra para desafiar-se e ser desafiado nesse novo papel reside em sua participação em uma Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI). Esse é um campo recente da educação permanente, surgido na França na década de 1970 e no Brasil na década de 1980, de natureza não formal, que possibilita legitimar a autonomia e o pertencimento do idoso, com qualidade de vida e dignidade. Mas o que ocorre com os idosos que já participaram de uma UATI? Como sua rede de suporte social foi delineada ao longo dessa convivência, diante da possibilidade de novas construções e significados? Qual o impacto e as consequências dessa participação da pessoa idosa em suas redes sociais significativas?

O termo Envelhecimento Ativo foi proposto pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) no final dos anos 1990, na perspectiva do Envelhecimento Saudável (OMS, 2005). O Envelhecimento Ativo foi definido como “o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p. 13). Já o processo de

Envelhecimento Saudável está fundamentado em dois conceitos importantes: o da capacidade intrínseca do indivíduo (compreendendo suas competências físicas, mentais e sua interação nos ambientes) e o da capacidade funcional (compreendendo as características ligadas à saúde). Baseada, portanto nesses dois conceitos, a OMS (2015) definiu o Envelhecimento Saudável como “o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada” (p. 13).

Erbolato (2002) ressalta, nesse enfoque, que é no convívio com o outro que o conhecimento acerca de si mesmo e do mundo são assimilados, bem como a edificação de uma identidade coletiva e individual. Segundo Sluzki (1997), “a rede social pode ser registrada em forma de mapa mínimo que inclui todos os indivíduos com os quais interage uma determinada pessoa”; desse modo, “o conjunto de habitantes desse mapa mínimo, constitui a rede social pessoal do informante” (p. 42). Moré e Crepaldi (2012) acrescentam que a construção do Mapa de Rede Social Significativa tem por finalidade realmente mapear a qualidade do compromisso relacional da rede desse indivíduo sob seus diversos contextos relacionais.

O tema do Envelhecimento Saudável provoca questionamentos por sua relevância social, uma vez que a sociedade está renovando os significados sobre a velhice e atribuindo novos sentidos, tanto para o indivíduo como para seu coletivo, nas mais variadas dimensões. Com demandas maiores e mais expressão social, os desafios do Envelhecimento Saudável associados ao nível de cobertura da rede de suporte social da pessoa idosa tornam-se fundamentais para o entendimento desse processo de emancipação e recolocação que pode ocorrer na velhice.

Há indicadores, apontados em estudos mais recentes (Domingues et al., 2012; Gouveia, Matos, & Schouten, 2016; Yamasaki, Wanderbroocke, & Camargo, 2019)

realizados dentro de universidades públicas brasileiras que enfatizam a importância da participação social do idoso, bem como o reconhecimento dessas relações sociais, na promoção de sua saúde e bem-estar social. Os achados de Domingues et al. (2012) “mostraram que a rede de suporte social reduz-se com o processo de envelhecimento” (p. 34), indicando, portanto, a necessidade de um olhar ampliado para tal fenômeno. Segundo a investigação de Gouveia, Matos, e Schouten (2016), a rede social acrescida de proximidade emocional produz repercussões positivas no nível de bem-estar dos idosos. Na pesquisa de Yamasaki, Wanderbroocke, e Camargo (2019), a avaliação participativa obteve grau de satisfação, a partir da perspectiva de idosos de uma UATI, por ter gerado convivência social e aprendizados significativos frente ao tema do envelhecimento e outros assuntos relacionados ao dia a dia dos participantes envolvidos no estudo.

Algumas categorias temáticas de produção científica que vêm sendo pesquisadas desde 1975 em todo o mundo dizem respeito aos impactos sentidos por idosos participantes de Programas de Universidade da Terceira Idade, tanto “na qualidade de vida, na saúde emocional, na ressignificação da velhice e na promoção de uma velhice bem-sucedida e saudável, como nas relações sociais, bem-estar emocional e apoio social recebido” (Cachioni, 2012, p. 7). A autora ressalta que as primeiras Universidades da Terceira Idade sempre tiveram como objetivo “este ambiente de aprendizagem e culturalmente estimulante, de diálogo entre seus pares, de exercício da cidadania, para ocupação do tempo livre e de estabelecimento de redes sociais” (p. 4).

Cachioni (2012) considera que, no Brasil, esse ambiente também propicia aos idosos a troca de experiências, a sociabilidade e o resgate da cidadania. De acordo com a investigação de Martins, Casetto, e Guerra (2019), a participação em uma UATI está associada à percepção de melhorias em relação à qualidade de vida da pessoa idosa, que atesta

que a educação e as relações sociais derivadas desse convívio são significativas para tais mudanças.

Os resultados do estudo desenvolvido por Inouye, Orlandi, Pavarini, e Pedrazzani (2018) também demonstraram que a participação na UATI é favorável para o desenvolvimento das percepções de qualidade de vida dos idosos, com resultados apontando essa diferença positiva. Outro estudo realizado por Peixoto, Lima, e Bittar (2017) conclui que idosos que participam de atividades na UATI são capacitados a ter melhor percepção de qualidade de vida global, principalmente frente ao convívio social, o que configura uma perspectiva importante nesse momento do ciclo vital.

Algumas lacunas, demonstradas em diversos estudos anteriores, sinalizam caminhos para aprofundamento das questões abordadas, salientando a importância da continuidade desse tipo de investigação. O principal deles está associado aos estudos longitudinais e de *follow-up* da participação, segundo Domingues et al. (2012). Visando integrar mais achados diante dessas questões, este estudo tem por objetivo geral analisar as redes sociais significativas formadas pelos egressos de uma UATI, que vivenciaram essa experiência em seu processo de envelhecimento. Somam-se também os objetivos específicos, que visam compreender se os aspectos do contexto educacional de uma Universidade Aberta da Terceira Idade favorecem a formação das redes sociais entre seus participantes; caracterizar as redes sociais significativas dos seus egressos quanto aos elementos estruturais e funcionais dos vínculos que as constituem; e identificar de que maneira as redes sociais significativas desses egressos repercutem para a vivência da sua velhice.

Debruçar-se sobre esse campo de investigação da UATI oportuniza a capacitação científica acerca desse contexto de desenvolvimento e promoção da saúde da pessoa idosa através da sua rede social significativa.

Para abordar a temática das redes sociais significativas de egressos de uma UATI, será adotada nesta pesquisa a perspectiva epistemológica do Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático, deslocando-se das dimensões epistemológicas do paradigma tradicional da ciência e avançando nas dimensões no paradigma emergente da ciência contemporânea. Os avanços foram demarcados nos seguintes pressupostos: da simplicidade para a complexidade; da estabilidade para a instabilidade do mundo; e da objetividade para a intersubjetividade na criação dessa percepção (Vasconcellos, 2013). Essas dimensões são surpreendentemente correlacionadas e permitem afirmar que o pensamento sistêmico é o novo paradigma da ciência, “porque pensar sistemicamente é pensar a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade” (Vasconcellos, 2013, p. 147). Tal perspectiva vem ao encontro do fenômeno do envelhecimento por sua complexidade, fatores de instabilidade e vivências na intersubjetividade, conforme as profundas transformações sociais vigentes que fazem alusão a um novo momento histórico.

Este é um estudo qualitativo, transversal, descritivo e exploratório, tendo sido realizado com entrevistas semiestruturadas com oito idosos egressos de uma UATI Federal, com a aplicação de um instrumento gráfico denominado Mapa de Rede, a partir dos estudos de Sluzki (1997). A Análise de Conteúdo embasou a avaliação qualitativa dos dados para que seus objetivos pudessem ser atingidos, gerando contribuições consideráveis nesse campo de investigação atual e relevante para a sociedade e para a ciência.

Sendo psicóloga e terapeuta familiar sistêmica há mais de 30 anos (com atendimentos clínicos a famílias, casais e indivíduos de diversos contextos) e atuando institucionalmente junto à Associação Paranaense de Terapia Familiar (APRTF) desde 2005, por meio da Clínica Social e alguns projetos científicos, constatei a magnitude desse tema relacionado às redes sociais significativas da pessoa idosa em contextos educacionais, como é

o caso da UATI. Por esse motivo dediquei meus estudos do Mestrado a essa área de investigação, o que gerou gratificação e aprendizados que serão possivelmente transformados em novas formas de intervenção profissional, juntamente às contribuições científicas e sociais propiciadas por este estudo.

A pesquisa é composta por cinco partes principais. A primeira se refere ao enquadramento teórico que apresenta uma breve revisão de literatura sobre: a) Velhice como processo de transformação social; b) A construção da realidade social da pessoa idosa: papéis e redes sociais seguindo com o Mapa de Rede social como instrumento gráfico para compreender as relações sociais; c) Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) como perspectiva de rede social; e d) Caracterização das Universidades Abertas da Terceira Idade: estudo de revisão sistemática no cenário brasileiro, apresentado em forma de artigo científico. A segunda parte refere-se à apresentação dos objetivos: geral e específicos, seguida pelo método, por meio de: perspectiva teórico-metodológica, delineamento da pesquisa, participantes, local, instrumentos utilizados, procedimentos de coleta de dados bem como de análise dos dados. Segue-se a terceira parte, onde constam os resultados obtidos e sua discussão. Na quarta parte, estão as considerações finais nas quais se discutem os principais resultados e são apresentadas algumas reflexões pertinentes ao estudo. Por último, seguem as referências, apêndices e anexos que completam a investigação.

2 Revisão de Literatura

2.1 Velhice como Processo de Transformação Social

A expectativa de vida do brasileiro no último século destacou-se por seu crescimento, uma vez que em 1910 a idade média não ultrapassava os 35 anos e em 2016 a expectativa de vida alcançava os 75,8 anos para o total da população (IBGE, 2016).

Segundo Camarano (2013), as migrações internacionais geraram um grande crescimento na virada do século XIX, somado à redução da mortalidade infantil após o final da Segunda Guerra Mundial e ao aumento dos níveis de fecundidade. Entretanto, desde o início desse século, a fecundidade teve uma queda significativa e a redução da mortalidade manteve-se estável, circunscrevendo um cenário populacional com menos nascimentos, maior expectativa de vida e o conseqüente superenvelhecimento da população. Camarano (2013) acrescenta que outras mudanças importantes ocorreram no período, como:

Aumento da escolaridade da população e da participação da mulher no mercado de trabalho, redução nos diferenciais por gênero na vida privada e social, mudanças nos arranjos familiares, especialmente na nupcialidade, menor duração das uniões conjugais, mudanças nos contratos tradicionais de gênero, redução no número de cuidadores familiares e um novo perfil epidemiológico. (Camarano, 2013, p. 3446).

Nas últimas décadas a velhice tornou-se um período de vida marcante e transformador para a humanidade. Já em 1976 a filósofa francesa Simone de Beauvoir apresentou uma relevante contribuição ao tema, intitulada “A velhice: realidade incômoda”. Com essa obra a autora referenciou a singularidade de um envelhecer natural e social, visto sob a ótica transdisciplinar. Segundo Beauvoir (1976), as mais variadas experiências humanas sobre o envelhecimento não permitiriam limitá-lo a um único conceito, frente à sua grandeza.

Desde então, são contempladas as transformações no âmbito físico, psicológico, social, político, jurídico, econômico, educacional, cultural e espiritual relacionadas à velhice. Ainda hoje algumas inquietudes são provocadas, permanecendo um contínuo desafio frente a todas essas dimensões.

Tratado como fenômeno, o envelhecimento vem atingindo marcas cada vez maiores, permitindo que o mundo articule seus conhecimentos em prol dessa transformação no cenário da sua população. Esse fenômeno decorre da redução no número de crianças e jovens e do aumento do número de pessoas com 60 anos ou mais. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), alguns dados significativos demonstram que, entre 2015 e 2030, o número de pessoas com mais de 60 anos deverá crescer 56%, passando de 901 milhões para 1,4 bilhões. Além disso, por volta de 2050, estima-se que a população global de idosos seja mais que o dobro da de 2015, atingindo cerca de 2,1 bilhões (ONU, 2015). As pessoas com mais de 80 anos, denominadas “mais velhas” (*oldest-old*), têm uma projeção de crescimento ainda maior que os idosos em geral, alcançando 434 milhões em 2050, o que indica mais que o triplo dos 125 milhões observados em 2015.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), a expectativa de vida para o brasileiro em 2014 era de 75,2 anos, sendo 78,8 anos para as mulheres e 71,6 anos para os homens. Para o ano de 2050 estima-se uma expectativa de vida entre 90 e 95 anos para mulheres e entre 85 e 90 anos para homens. Ainda segundo o IBGE (2014), o grupo de idosos com 60 anos ou mais será maior que o grupo de crianças com até 14 anos já em 2030; em 2055, a participação de idosos na população total será maior que a de crianças e jovens com até 29 anos.

As políticas públicas desenvolvidas com o intuito de atender essa população foram tratadas na Lei n. 10.741, de 1 de outubro de 2003, que dispôs sobre o Estatuto do Idoso,

regulando direitos assegurados a todas as pessoas que tivessem 60 anos de idade ou mais (Brasil, 2003). No seu Art. 3º, a legislação afirma que:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (Brasil, 2003, p. 5).

Após a promulgação dessa lei, outras políticas públicas para o idoso surgiram; dentre elas, a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), em 2004, que foi centrada na universalização dos direitos sociais do idoso como cidadão (Brasil, 2004). A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), sancionada depois em 2006, garantiria a sua atenção social integral, digna e adequada. Tais políticas teriam por intuito a promoção do envelhecimento saudável dessa população, focalizado basicamente em sua autonomia e independência (Campos, Aguiar, Ribeiro, Martins, & Pinto, 2020).

O processo de envelhecimento como experiência positiva, nascida a partir da perspectiva do Envelhecimento Saudável para uma vida mais longa, foi proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) bem antes, no final dos anos 1990, através do termo Envelhecimento Ativo (OMS, 2005). A busca pelo Envelhecimento Saudável evidencia a importância do apoio social através da formação de redes. Esse processo é exemplificado em um estudo descritivo qualitativo realizado em 2010, na Unidade Básica do Centro de Saúde do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (CS IAPI) de Porto Alegre-RS, do qual participaram 30 pessoas, sendo 10 pessoas idosas em cada um dos três grupos de educação em saúde da referida unidade. Além de dados demográficos, foi utilizada uma questão aberta: “o que é, para o(a) senhor(a), envelhecimento saudável?”. Analisadas as respostas dos entrevistados, observou-se que foram atribuídos diversos significados ao termo

envelhecimento saudável, produzindo assim 12 categorias. Um dos significados revelados foi "contar com rede e apoio social", considerado então uma das categorias, conferindo sentido à manutenção de uma rede social de convivência com grupos de idosos e outras redes que garantiriam apoio emocional. Nesse caso, o conceito de rede social foi percebido como uma teia de relações que, reunindo indivíduos com vínculos entre si, poderia promover apoio a partir dessa inter-relação (Valer, Bierhals, Aires, & Paskulin, 2015).

A Organização Mundial da Saúde (2005) reitera que a prática de políticas e programas de Envelhecimento Ativo por parte de governos, organizações internacionais e sociedade civil é importante para que os idosos sejam beneficiados em sua saúde, segurança e participação. Reconhece também o termo "saúde" como bem-estar físico, mental e social, indicando que tais políticas e programas aplicam-se também à saúde mental e às relações sociais. Durante o processo de envelhecimento a busca por autonomia e independência é fundamental como meta, pois solidariedade intergeracional e interdependência são conceitos de suma importância nesse caso (OMS, 2005).

O envelhecimento ativo revela desafios que só serão vencidos se houver um trabalho conjunto entre as esferas pública, internacional e civil, abordados de modo interdisciplinar em todos os campos do conhecimento. Todo esse processo retroalimentará o fenômeno do envelhecimento saudável com dignidade, permitindo uma longevidade com mais qualidade de vida. À medida que o indivíduo envelhece, sua qualidade de vida é fortemente determinada por sua habilidade de manter a autonomia e a independência em prol da promoção de sua saúde (OMS, 2005).

A velhice pode ser compreendida como a última fase do ciclo de vida do indivíduo, sendo composta por eventos de natureza múltipla. Na medida em que esse ciclo de vida se torna mais longo, a velhice pode estar subdividida em fases como velhice inicial, velhice e

velhice avançada, atendendo às necessidades da ciência e da sociedade. Já o envelhecimento é um processo de muitas mudanças e transformações decorrentes das dimensões genéticas e biológicas, socio-históricas e psicológicas (Neri, 2001).

Santos e Souza (2015) descrevem o envelhecimento como um processo positivo, fruto de uma construção social. Em uma investigação qualitativa com homens com idades entre 61 e 81 anos, as autoras ressaltaram as inestimáveis histórias desses participantes, produzindo os sentidos de um envelhecimento positivo e satisfatório. Sob a compreensão da velhice como construção social diferentes realidades podem ser constituídas, trazendo oportunidades para as pessoas idosas descreverem seus processos de envelhecimento a partir de um novo lugar. Tais sentidos contemplam as redes sociais da pessoa idosa e demonstram o envelhecimento positivo sendo produzido a partir da criação dos vínculos em suas comunidades.

2.2 A Construção da Realidade Social da Pessoa Idosa: Papéis e Redes Sociais

Muito se diz sobre o papel social da pessoa idosa; por conta de uma contingência de fatores nesse campo, tal papel social é visto a partir de um modelo reducionista, somado ao afastamento social do indivíduo nessa fase. De acordo com Erbolato (2002), os papéis sociais são definidos como perspectivas praticadas em todas as etapas do ciclo vital, incluindo a velhice. Eles permeiam a vida social garantindo não só a sobrevivência do indivíduo e da espécie, mas também a construção de sua identidade individual e coletiva.

A Gerontologia é o estudo dos fenômenos fisiológicos, psicológicos e sociais relacionados ao envelhecimento do ser humano. Nas últimas décadas seus principais

conceitos foram produzidos, não para compor uma única teoria, mas fazendo com que surgissem teorias psicológicas mais significativas acerca do envelhecimento (Neri, 2001).

Anos mais tarde, Neri (2013) referenciou as teorias psicológicas dos últimos 60 anos que constituíram a velhice como categoria social a partir de três paradigmas centrais, surgidos nesse contexto histórico em torno do processo de envelhecimento. Os paradigmas foram denominados ciclos de vida, curso de vida e desenvolvimento ao longo de toda a vida, e representaram, de forma correlacionada, as teorias clássicas, de transição e contemporâneas, contribuindo para a compreensão do envelhecimento e do cenário da psicologia do desenvolvimento. As teorias clássicas (relacionadas ao primeiro paradigma de ciclos de vida e indicando a linearidade dos processos de crescimento) estavam atreladas a um padrão de crescimento, culminância e contração, incluindo as teorias de desenvolvimento ao longo da vida de Bühler, teoria das fases de desenvolvimento psicológico de Jung, teoria da atividade e teoria do afastamento. Já as teorias de transição (correlacionadas ao paradigma de curso de vida, em uma concepção dialética da evolução) incluíam as teorias de desenvolvimento da personalidade ao longo da vida de Erikson e a teoria social interacionista da personalidade na velhice de Neugarten. O grupo das teorias contemporâneas (do último paradigma de desenvolvimento ao longo de toda a vida apresentando uma visão mais integralizada e diversificada) incluía a teoria de dependência comportamental ou aprendida de Baltes, a teoria da seletividade socioemocional, a teoria de controle primário e secundário e a teoria dos eventos críticos do curso, sendo que esse último grupo configura a principal influência na psicologia do envelhecimento em uma esfera internacional (Neri, 2013).

Algumas teorias contemporâneas voltam-se ao estudo do comportamento do indivíduo de acordo com variáveis microsociais, como a da dependência aprendida de Baltes (1987), a da seletividade socioemocional de Carstensen (1991) e a do controle de Heckhausen e Schulz

(1995). A teoria de Diehl (1999), focalizada nos momentos críticos da vida, observou as consequências sobre a pessoa idosa na interação com seu contexto sociocultural (Neri, 2013). Em particular, a teoria da seletividade socioemocional surgiu para contestar as teorias clássicas e de transição, desvelando que o processo que a pessoa idosa vivencia faz parte de um movimento seletivo no qual se elegem relações sociais significativas dotadas de imediações afetivas (Neri, 2001).

A própria Organização Mundial da Saúde (2005) defende que o apoio social e as oportunidades de educação e aprendizagem permanente são alguns dos fatores primordiais do ambiente social que promovem saúde, participação e segurança junto ao envelhecimento dos indivíduos. A falta desses fatores, dentre outros, acarreta a diminuição da saúde e do bem-estar geral das pessoas. Nesse sentido, os idosos são mais vulneráveis à solidão e ao isolamento social, pois têm maior probabilidade de perder parentes e amigos. Considerando essa questão, organizações não governamentais, autoridades, setor privado, profissionais da saúde e serviço social podem promover redes de contato social para idosos (OMS, 2005).

Entre os anos 1930 e 1940 surgiu o conceito de rede, por meio da Sociologia e da Antropologia. Sluzki (1997), renomado psiquiatra, psicoterapeuta e consultor argentino com ampla experiência nas intervenções de rede social, apresentou a concepção de “rede social pessoal” ou “rede social significativa”, aproximando a teoria sistêmica ao ambiente microssocial. O autor explica que as fronteiras do sistema significativo da pessoa não estariam restritas à sua família nuclear ou extensa, mas integrariam a totalidade dos seus vínculos interpessoais, tais como: família, parentes, amigos, vizinhos, relações profissionais, relações acadêmicas com integração comunitária e de práticas sociais (Sluzki, 1997).

Neri (2001) denominou como “redes de suporte social” as relações de troca estabelecidas pelo idoso em sua velhice junto ao conjunto de pessoas que se relaciona. Essas

redes podem ser consideradas formais ou informais. A primeira diz respeito à rede profissional. A segunda refere-se aos familiares, amigos, vizinhos, relações profissionais, acadêmicas e comunitárias. Elas podem ser definidas de acordo com seus atributos estruturais, natureza das relações, tipos de interação e grau de vontade em estar próximo, sendo então categorizadas seguindo o sujeito pelo curso de toda a vida (Neri, 2001).

Há estudos que demonstram a importância das redes sociais para a qualidade de vida na velhice, favorecendo com que dificuldades e fatores estressantes sejam enfrentados de forma mais satisfatória.

A investigação de Azevêdo, Silva, e Reis (2019) buscou outras pesquisas que enfatizassem a correlação entre redes sociais significativas e promoção da saúde, demonstrando a necessidade de maior articulação entre ambos os campos. Seu estudo verificou que os vínculos sociais constituem fatores de proteção à saúde integral do indivíduo e de sua coletividade. Tais convívios, se ocorridos no contexto das redes sociais significativas, viabilizam a coparticipação e a emancipação do indivíduo e da comunidade a qual pertence, ampliando os níveis de qualidade de vida dos envolvidos.

Demonstrando a relevância desse tema, alguns autores, unindo sua participação acadêmica no âmbito de um projeto europeu denominado “*Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe*” (SHARE), estudaram a incidência do impacto das redes sociais na qualidade de vida de indivíduos de 50 anos ou mais, residentes em Portugal. Foram coletadas informações em 16 países europeus entre os anos de 2010 e 2011, considerando essas características sobre as redes sociais (Gouveia et al., 2016).

O estudo realizado por Gonçalves, Pawlowski, Bandeira, e Piccinini (2011) indica que o conceito principal de relações sociais é comumente mais conhecido como apoio e rede social. Sua investigação demonstrou o aumento de estudos brasileiros voltados à melhor

compreensão sobre o apoio ou rede social, empregados principalmente em situações de vulnerabilidade física, mental e social, o que realça a importância da promoção à saúde.

Conforme relatado por Guedes, Lima, Caldas, e Veras (2017), o papel do apoio social e das redes microssociais (com efeito multiplicador) é parte da atenção integral à saúde da pessoa idosa. O desafio se estende para que o apoio social seja percebido na comunidade em que o idoso faz parte por todos os atores sociais envolvidos e pelos grupos aos quais pertence, nos quais a interação é promovida, favorecendo o bem-estar e a promoção de sua saúde. Neri e Vieira (2013) observaram, em sua investigação, correlações positivas entre o suporte social percebido e o envolvimento social, bem como correspondências negativas entre o envolvimento social e o fator etário.

O estudo já citado de Gonçalves et al. (2011) salienta a carência de instrumentos que ajudem a compreender a realidade brasileira, nos quais os aspectos teóricos desses conceitos sejam compreendidos considerando as vicissitudes das relações sociais, em termos de sua complexidade e funcionamento. Destaca, ainda, a importância da escolha do instrumento mediante os objetivos de cada estudo realizado. Gonçalves et al. (2011) avançaram nessa investigação apresentando vários instrumentos utilizados para avaliação de apoio ou rede social, em estudos brasileiros realizados entre 1987 e 2007. Descreveram algumas escalas/inventários e também alguns instrumentos, tais como entrevista, questionário, grupo focal e mapa, em suas características gerais e dimensões avaliadas. No que se refere aos mapas, os autores apresentaram três instrumentos, dentre eles o Mapa Mínimo das Relações do Idoso, adaptado do instrumento gráfico originalmente desenvolvido por Sluzki em 1997 (Gonçalves, Pawlowski, Bandeira, & Piccinini, 2011).

2.2.1 Mapa de Rede Social: instrumento gráfico para compreender as relações sociais.

Segundo Moré e Crepaldi (2012), o instrumento gráfico Mapa de Redes é utilizado para coleta de dados no campo da pesquisa qualitativa nas áreas da saúde, família e comunidade, com uma metodologia de construção conjunta com o participante e posterior verificação dos elementos levantados. As autoras realçam o objetivo do Mapa de Rede Social, explicando que:

(...) a construção do Mapa tem como objetivo a busca do mapeamento da qualidade do compromisso relacional da rede com o indivíduo, em diferentes âmbitos. Assim, as pessoas que possam vir a conformar uma rede são “significativas” para o indivíduo pela sua percepção da qualidade do vínculo construído com os envolvidos na mesma, seja numa determinada situação ou num determinado tempo histórico. (Moré & Crepaldi, 2012, p. 87).

Conforme Sluzki (1997), “a rede social pode ser registrada em forma de mapa mínimo que inclui todos os indivíduos com os quais interage uma determinada pessoa”; o autor indica ainda que “o conjunto de habitantes desse mapa mínimo, constitui a rede social pessoal do informante” (p. 42).

Esse instrumento gráfico possui um desenho básico, formado por três circunferências (interna, intermediária, externa), representando níveis de intimidade, compromisso e proximidade, separadas por quatro quadrantes, sendo:

1. Família;
2. Amizades;
3. Relações de trabalho ou estudos;
4. Relações em comunidade, relações religiosas e serviços de assistência.

De acordo com Sluzki (1997), as redes variam em termos de suas características estruturais, funções dos vínculos e seus atributos. No que diz respeito às características estruturais, o autor descreve os elementos que devem ser explorados:

- a) Tamanho: número de indivíduos que ocupam a rede;
- b) Densidade: conexão entre membros independentemente do informante;
- c) Composição ou distribuição: proporção, do total de membros da rede, localizada em cada quadrante e cada círculo;
- d) Dispersão: distância geográfica entre os membros;
- e) Homogeneidade ou heterogeneidade: demográfica e sociocultural;
- f) Atributos de vínculos específicos: intensidade ou tropismo;
- g) Tipo de funções: desempenhadas por cada vínculo.

Sluzki (1997) explica que as funções da rede são determinadas através do modelo de intercâmbio relacional predominante entre seus membros:

- a) Companhia social: realização de atividades conjuntamente ou estar juntos;
- b) Apoio emocional: poder contar com o outro;
- c) Guia cognitivo e conselhos: compartilhamento de informações;
- d) Regulação ou controle social: interações que reafirmam compromissos;
- e) Ajuda material e de serviços: colaboração específica;
- f) Acesso a novos contatos: abertura para novas conexões.

Finalmente, Sluzki (1997) apresenta os atributos do vínculo, mostrando que podem ser analisados em termos de:

- a) Função predominante: as que caracterizam predominantemente o vínculo;

- b) Multidimensionalidade ou versatilidade: quantas funções são desempenhas;
- c) Reciprocidade: se há equivalência interpessoal no desempenho das funções;
- d) Intensidade: compromisso ou grau de intimidade da relação;
- e) Frequência dos contatos: periodicidade;
- f) História: relato do início e continuidade da experiência.

Esse instrumento registra o momento do informante e pode ser examinado através das características que o evidenciam. Ao Mapa de Rede também se pode acrescentar o uso do Genograma¹ como recurso complementar, dependendo do tipo da investigação realizada. Admite-se que possa haver mobilização emocional ou subjetiva por parte do participante, decorrente da aplicação do instrumento (Sluzki, 1997).

Moré e Crepaldi (2012) ressaltam a importância de incorporar a dimensão da rede social às metodologias qualitativas e indicam as esferas acessadas a partir dessa integração:

A incorporação da dimensão da rede social na atividade de pesquisa no campo das metodologias qualitativas permite: (a) potencializar as análises descritivas presentes nas narrativas, (b) aumentar as possibilidades explicativas dos fenômenos humanos estudados, visibilizando de forma mais concreta o impacto das transformações que uma rede social significativa pode ter para o desenvolvimento do sujeito, e (c) contextualizar os dados às realidades estudadas, por meio da observação dos diferentes sistemas envolvidos, permitindo uma efetiva ampliação de um foco, uma situação ou um problema a ser investigado. (Moré & Crepaldi, 2012, p. 96).

O estudo de Azevêdo, Silva, e Reis (2019) descreve outras investigações que identificaram o papel considerável das redes sociais significativas diante de situações e contextos diversos, nas quais o enfrentamento aos desafios suscitavam o despertar das potencialidades e recursos dos indivíduos e comunidades envolvidas. Os autores explicam que

¹ O Genograma é uma representação gráfica da família, podendo incluir aspectos diversos como genéticos, médicos, sociais, comportamentais, relacionais e culturais, apresentando a configuração, estrutura, funcionamento familiar, podendo ser aplicado nos mais variados contextos (Wendt & Crepaldi, 2008).

o Mapa de Redes possibilita inúmeras intervenções, permitindo o reconhecimento e a manutenção dos fatores protetivos de cada rede; do mesmo modo, a partir de uma rede mais deficitária, os dados também poderão promover a busca de recursos para tal abastecimento.

O Mapa de Rede pode ser utilizado também em estudos de *follow-up* e medidas longitudinais. Esse processo possibilita olhar através da lente do tempo e das mudanças decorrentes em termos da manutenção ou transformação do movimento da rede, pois a coleta de dados é estática, mas seu fluxo é dinâmico (Moré & Crepaldi, 2012). As intervenções psicossociais, promotoras de saúde em contextos diversos e para variados atores sociais, mostram-se relevantes na perspectiva de uma investigação crítica que conta com a utilização do instrumento gráfico denominado Mapa de Redes (Azevêdo, Silva, & Reis, 2019), como mostra o Anexo A.

Torna-se salutar, portanto, que as pessoas idosas sejam compreendidas e analisadas junto aos contextos nos quais suas redes sociais podem representar fontes de apoio e suporte social, na promoção de sua saúde.

2.3 Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) Como Perspectiva de Rede Social

Diante do cenário atual, marcado pela ampliação da etapa de longevidade da pessoa idosa, a implementação de políticas públicas que busquem tratar conjuntamente de educação e envelhecimento deverá enfrentar duas questões centrais: o alto índice de analfabetismo e a baixa escolaridade de adultos e idosos brasileiros. Há a possibilidade desse *déficit* educacional de alguma forma comprometer a autoestima e, conseqüentemente, a qualidade de vida do idoso em seu processo de aquisição de novas habilidades, ocasionando o surgimento de obstáculos à ambientação fundamental ao meio social e dificultando, por conseguinte, o

exercício de sua cidadania. As políticas públicas educacionais voltadas ao idoso também poderiam reduzir essa distorção competitiva (OMS, 2005).

O Estatuto do Idoso (Brasil, 2003) estabelece a criação de oportunidades para o seu acesso educacional e prevê a criação de universidades abertas que possuem em seu cerne a integralização da velhice, no sentido do envelhecimento ativo e da transformação de seu papel social.

De acordo com Cachioni (2012), com o surgimento da Universidade da Terceira Idade o direito de aprender foi universalizado, oportunizando desenvolvimento e ganhos justamente em um período do ciclo vital que permaneceu anteriormente focalizado em perdas e limitações. Esse movimento propicia a redescoberta da vida e reconhece um novo lugar ao idoso com qualidade e dignidade, legitimando, por fim, seu papel social. A autora ressalta que sempre foi objetivo das primeiras Universidades da Terceira Idade constituir “este ambiente de aprendizagem e culturalmente estimulante, de diálogo entre seus pares, de exercício da cidadania, para ocupação do tempo livre e de estabelecimento de redes sociais” (Cachioni, 2012, p. 4).

Irigaray e Schneider (2008) investigaram os motivos de 103 mulheres idosas para participar de um programa de Universidade de Terceira Idade e as mudanças ocasionadas por essa participação. Segundo os resultados obtidos, os motivos referidos para a participação foram “a busca por atualização e novos conhecimentos, novas amizades, um novo sentido de vida, ocupação do tempo livre e lazer” (p. 213). Em relação às mudanças ocasionadas, resultaram as seguintes afirmativas: “não sentem mais solidão, apresentam melhor autoestima, adquiriram novos conhecimentos, apresentam mais alegria e prazer em viver, preencheram o tempo com atividades prazerosas e conquistaram um novo sentido de vida” (p. 215). Os autores concluem que a participação das pessoas idosas nesse tipo de contexto de

Universidade da Terceira Idade contribui positivamente para o seu bem-estar, colaborando para uma velhice bem-sucedida (Irigaray & Schneider, 2008).

Cachioni et al. (2017) realizaram um estudo sobre o bem-estar subjetivo e psicológico entre idosos participantes de uma Universidade da Terceira Idade; os autores concluíram que a participação contribui positivamente para o bem-estar com a vida, possibilitando que os próprios idosos acompanhassem seu traçado de desenvolvimento e compromisso social. Lolli, Lolli, e Maio (2014) enfatizaram o papel social da Universidade da Terceira Idade, destacando o papel significativo da educação como processo emancipatório da identidade da pessoa idosa como cidadão na sociedade. Silva, Souza, e Rocha (2017) também refletiram sobre o compromisso social e institucional dos programas das Universidades da Terceira Idade na sociedade.

A investigação de Oliveira, Scortegagna, e Oliveira (2015) demonstra, através de pesquisa bibliográfica sobre esse tema no campo da educação e do relato da própria experiência enquanto participantes do programa, que a pessoa idosa pode ser valorizada com ampliação e atualização de seu repertório e conseqüente aumento da sua autoestima a partir dessa participação social. Em outro estudo, Oliveira e Scortegagna (2015) ressaltam o poder da educação como processo de transformação social, de desenvolvimento da dignidade e da cidadania no qual a obtenção de conhecimentos, somada à socialização dos participantes, resulta em uma pessoa mais crítica socialmente.

Segundo Domingues et al. (2012), um dos principais caminhos para aprofundar questões tentando sanar algumas lacunas está associado aos estudos longitudinais e de *follow-up* dos participantes dos programas. Gouveia et al. (2016) destacam que as análises longitudinais ainda são escassas e também precisam ser privilegiadas, sugerindo a combinação de metodologias quantitativas e qualitativas em investigações futuras. De acordo

com Oliveira e Scortegagna (2015), apesar dos vários progressos na área, alguns pontos ainda precisam avançar, tais como a consolidação dos direitos da pessoa idosa com acesso educacional para todos, no intuito de promover maior inserção global e gerar um debate social e científico articulado acerca dessa realidade. Para isso, as investigações precisam evoluir e ampliar a compreensão a respeito tanto do fenômeno como do contexto em que ele ocorre.

2.4 Caracterização das Universidades Abertas da Terceira Idade (UATI) no Cenário Brasileiro

A caracterização das Universidades Abertas da Terceira Idade é apresentada por meio de um artigo científico, elaborado pela autora como exigência parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Saúde pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). O artigo completo, que está disponível para leitura no Apêndice A, foi submetido à Revista Kairós em dezembro de 2019 e encontra-se atualmente em processo de avaliação. Optou-se por manter o artigo completo que compõe a dissertação como apêndice para que sua leitura não comprometa a fluidez e a sequencialidade das seções da pesquisa ora apresentada; como parte dessa revisão de literatura é apresentada uma versão sintetizada do artigo ora elaborado.

O acesso do idoso à educação, através da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), carece de padronização em sua estrutura e funcionamento. O estudo da presente autora realizou uma revisão sistemática da literatura para conhecer o estado da arte em relação às características das UATI brasileiras, nos aspectos estruturais, quanto aos fatores metodológicos, de recursos e programáticos. Os resultados revelaram que as UATI descritas não obedeciam a uma estruturação padrão e pré-definida.

O apoio em relação ao estabelecimento de universidades abertas pelo estado brasileiro segue a experiência de outros países. A primeira Universidade da Terceira Idade foi criada por Pierre Vellas em Toulouse, na França, em um cenário marcado por mudanças ocorridas a partir de 1960 que apresentava a nova política social de integração da velhice, após a Segunda Guerra Mundial. Essas reformas político-administrativas trouxeram mudanças na imagem das pessoas idosas, ao salientar a possibilidade de envelhecer ativamente e de destacar as necessidades dessa população. Em 1968 foram criadas as Universidades de Tempo Livre, promovendo alfabetização, informação e educação pelo sistema educacional francês da época. Em 1973 Pierre Vellas criou, na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, a *Université du Troisième Âge - U3A* (Universidade da Terceira Idade). Segundo Cachioni (2012), dentre as razões principais que justificavam esse formato educacional e social, destacava-se retirá-los do isolamento, com ganho de saúde e motivação pelo viver, além de buscar construir uma nova representação social da velhice que se distanciasse de temas como solidão, depressão e doenças.

No Brasil, entre 1960 e 1970, ocorreram algumas transições na previdência social e nas políticas de aposentadoria que impulsionaram o surgimento dos primeiros programas educativos do Serviço Social do Comércio – SESC. Em 1982 a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI, visto como o primeiro programa brasileiro que apresentava características da Universidade da Terceira Idade. Finalmente, em 1990, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas abriu um Programa de Universidade da Terceira Idade. Atualmente no Brasil, grande parte desse tipo de programa é considerada como projeto de extensão universitária e configurada como educação permanente de natureza não formal. A partir de tais iniciativas, ainda que não estejam presentes em todas as instituições de ensino superior, o acesso ao direito de aprender

do idoso vem sendo ampliado a partir de um novo lugar, legítimo e reconhecido, que inaugura ou retoma uma etapa de descobertas, aprendizados, socialização e desafios para essa população (Cachioni, 2012).

Silva, Silva, e Rocha (2017) demonstraram que não há um modelo único a ser adotado pelas instituições para estruturar as UATI (em termos de objetivos, conteúdos, atividades e equipe de professores); ressaltam, porém, a existência de quesitos que devem ser apreciados juntamente com as condições regionais e locais, ao pensar na estruturação desses programas. Os autores analisaram e elencaram alguns fatores relevantes para definir operativamente uma UATI, tais como sua perspectiva interdisciplinar na forma de educação não formal, permanente ou continuada, com objetivo e currículo voltado à promoção da saúde integral do idoso. Além desses, mencionaram também aspectos relativos à participação, integração e autonomia dessa população, em seus contextos institucional, social e intergeracional, para a articulação do ensino, da prática e da pesquisa desse território científico e social. Tais fatores constituem ações importantes para as Universidades realizarem, tanto do ponto de vista institucional como também no que tange ao seu compromisso social frente ao envelhecimento da população mundial, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil.

Apesar das variações que os programas contemplam, há dois modelos que orientam a organização das UATI: o francês e o inglês. O francês apresenta um padrão institucional, organizado academicamente em um modelo *top-down* (de cima para baixo), como uma extensão natural dos cursos universitários regulares. Enfatiza o desenvolvimento de programas, através de pontos relacionados às instalações, infraestrutura, professores, recursos didáticos e calendário da própria universidade em que se encontra inserido. Já o inglês, considerado um modelo *botton-up* (de baixo para cima), é autogerido, sendo formado pelos

próprios idosos mais habilidosos em determinados assuntos e então, responsáveis em transmitir os conteúdos, não sendo necessariamente professores universitários, mas podendo sê-los, em alguns momentos. As metodologias são mais participativas e não seguem planos de aula tão formais, compondo uma espécie de ciclo de conferências, com encontros independentes entre si (Posada, 2016).

As investigações científicas nos contextos das UATI começaram a ser realizadas mundialmente a partir de 1975 e focalizavam quatro principais categorias temáticas: o perfil das instituições, dos estudantes e os motivos de adesão, além dos contextos históricos de implantação dos programas; o impacto na qualidade de vida e na ressignificação da velhice como bem-sucedida e saudável; impactos nas relações sociais e de apoio; e as estratégias pedagógicas para o ensino dessa população (Cachioni, 2012).

As UATI continuam sendo campo fértil para a pesquisa sobre o envelhecimento, e diversas pesquisas vêm demonstrando sua importância para ampliar a qualidade de vida e emancipação na velhice. Inouye, Orlandi, Pavarini, e Pedrazzani (2018) demonstraram que a participação na UATI é positiva para o desenvolvimento das percepções de qualidade de vida das pessoas idosas. Também Peixoto, Lima, e Bittar (2017) concluem que idosos participantes de atividades nas UATI são capacitados a ter melhor percepção de qualidade de vida global, principalmente frente ao convívio social. Neri (2001) teceu considerações à educação como oportunidade real de aprendizagem, tornando-se espaço significativo para engajamento social da pessoa idosa e como oportunidade para experienciar a percepção sobre sua própria existência.

Apesar de as UATI oportunizarem o desenvolvimento de pesquisas, ainda não é significativa a produção científica no que concerne ao questionamento das características, estrutura e funcionamento dos programas oferecidos para que possam direcionar novos

programas e contribuir para a melhoria dos já existentes. Tal lacuna compromete a difusão das informações pertinentes aos programas no cenário nacional, impedindo maior troca entre os existentes e os que estão sendo planejados e projetados. Nesse sentido, Silva, Souza, e Rocha (2017) apresentaram reflexões sobre o compromisso social dos programas de educação permanente através das UATI como um processo emancipatório, reafirmando o compromisso institucional desses programas junto à própria universidade. Esses autores resgataram o conceito de responsabilidade social em uma visão mais ampliada, como promoção de bem-estar coletivo e não de assistencialismo. De acordo com eles, há pontos frágeis nesse cenário, visto que não se apresentam políticas de médio prazo para o fortalecimento de tais programas; desse modo alertam que, apesar de haver legislação que os institui, os programas carecem ainda de estruturação.

Isto posto, a presente autora realizou uma revisão sistemática da literatura acerca das características das Universidades Abertas da Terceira Idade no cenário brasileiro, quanto às suas metodologias, estruturas e programas educacionais. A revisão sistemática foi guiada pela recomendação Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises – PRISMA, buscando atender aos avanços conceituais e práticos das construções de revisões científicas. Foi realizada em quatro etapas: definição do problema e do objetivo; coleta de dados com busca metódica e extensiva de artigos sobre o tema e seus critérios de seleção; análise dos dados qualitativos com apresentação sintetizada dos resultados em forma de tabela; e interpretação dos dados obtidos.

Partindo do objetivo deste estudo, que foi a caracterização metodológica, estrutural e programática das Universidades Abertas da Terceira Idade no cenário educacional brasileiro, os artigos considerados para esta revisão sistemática foram examinados e analisados a partir das seguintes categorias estabelecidas *a priori*, com base na literatura da área: a) título,

autor(es) e ano de publicação; b) caracterização do estudo: tipo do estudo e método utilizado, com população e instrumentos; c) unidade federativa da UATI e breve descrição; d) eixos da Estrutura das UATI em relação à: 1) metodologia, 2) recursos físicos, humanos e materiais e 3) programa, apresentando os conteúdos e forma de avaliação. As categorias foram organizadas em uma tabela com os resultados encontrados, que em seguida foram descritos e analisados.

A partir dos descritores e operadores booleanos designados, no período de 2014 a 2018, foram identificados 53 artigos científicos relativos às Universidades Abertas da Terceira Idade brasileiras. Desses, apenas sete artigos foram selecionados, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, compondo desse modo, o *corpus* de análise deste estudo.

A Tabela de Resultados apresentou os dados principais coletados nesses artigos selecionados, a partir de unidades de análise que compunham o quadro comparativo de caracterização das Universidades Aberta da Terceira Idade brasileiras.

Esta revisão sistemática de literatura apresentou resultados importantes para a compreensão do delineamento, planejamento e operatividade desses programas, demonstrando que metodologicamente utiliza-se os formatos dialógicos, através de aulas/palestras e oficinas/práticas.

Os recursos físicos fundamentais para a execução dos programas foram centralizados nos espaços educativos e estruturas físicas tanto fechadas como abertas para o desenvolvimento das atividades de cada programa. Os recursos humanos disponíveis dependeram de equipes mais próximas e atuantes, como também dos cursos de graduação envolvidos nos projetos, através dos professores, monitores e graduandos. A participação da comunidade e a parceria com outras instituições demarcaram um processo de caracterização que ultrapassou as grades externas da instituição promotora do programa. Os recursos

materiais basicamente se limitaram aos recursos tecnológicos e materiais de apoio à execução das atividades desenvolvidas. A estrutura programática das UATI contemplou, em sua grande maioria, temas diversos que atendiam às necessidades e expectativas de integração, autonomia e cidadania da pessoa idosa, com seu fortalecimento, participação social e maior qualidade de vida. Os processos avaliativos foram considerados de fundamental importância devido ao seu caráter de formação e acompanhamento, tanto da implementação como da execução desse tipo de programa.

Outros estudos, como os de Silva, Silva, e Rocha (2017) e Silva, Souza, e Rocha (2017) salientaram a necessidade de se observar mais essa caracterização que gera identidade à UATI, demonstrando a importância do compromisso social e institucional, e de pontos básicos em sua estruturação (juntamente com aspectos regionais e locais), que garantissem o bom funcionamento do programa e a concretização de seus objetivos. A maior parte desses estudos se refere fundamentalmente a aspectos como: sentido da educação não formal; interdisciplinaridade; integração social dos participantes; envelhecimento ativo; promoção de saúde integral; integração intergeracional; e produção de conhecimento, com articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

O modelo adotado pelo programa, seja francês ou inglês, garantirá algumas premissas para a estruturação dos programas, ficando demonstrado por esta revisão que não há uma forma padronizada que garanta uma mesma caracterização às UATI, em termos tanto estruturais como funcionais.

Uma limitação identificada por esta revisão sistemática decorreu da existência de um número pouco expressivo de estudos recentes que apresentassem suas UATI, em termos de características e funcionamento. Isso limitou a revisão, pois grande parte dos estudos selecionados apenas articulava esse contexto educacional com processos relacionados à

qualidade de vida dos idosos, demonstrando-os de forma mais genérica e pouco detalhada quando se tratava da caracterização dos programas ofertados aos participantes.

Diante disso, a equação contemporânea que inclui longevidade e acesso à educação, com políticas públicas e sociais que apoiem a criação de UATI por todo o Brasil apresenta oportunidades social e cientificamente significativas ao processo de qualidade de vida do idoso.

Apesar de haver pesquisas que já investigam perfis institucionais e processos pedagógicos de ensino para participantes de UATI pelo mundo, no Brasil especialmente ainda ocorrem em menor número, carecendo mesmo de apresentação desse tipo de programa por parte da instituição que o promove e também de produção científica por parte dos envolvidos nesse tipo de processo educacional. Tais investigações que exploram esse cenário estrutural e funcional das UATI constituem-se, portanto, uma das lacunas existentes no campo atual relacionado ao objeto deste estudo, retratando a necessidade de se explorar melhor os fatores relacionados, principalmente em termos de estrutura metodológica, de recursos e programática, acrescentando também a possibilidade de um delineamento histórico em relação aos diversos programas que existem, porém são pouco divulgados, no Brasil.

3 Objetivos

3.1 Objetivo Geral

Analisar as redes sociais significativas formadas pelos egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade.

3.2 Objetivos Específicos

- Compreender se os aspectos do contexto educacional de uma Universidade Aberta da Terceira Idade favorecem a formação das redes sociais entre os participantes;
- Caracterizar as redes sociais dos egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade quanto aos elementos estruturais e funcionais dos vínculos que as constituem;
- Identificar de que maneira as redes sociais significativas dos egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade repercutem para a vivência da sua velhice.

4 Método

4.1 Perspectiva Teórico-Metodológica: o Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático

O pensamento sistêmico, como novo paradigma científico, surgiu integrando todas as ciências – físicas, humanas e sociais – e ofereceu, enfim, a esperada transdisciplinaridade para a articulação desses saberes. Os pressupostos da ciência tradicional foram questionados e uma nova visão de mundo foi construída para atender a essa perspectiva de mudança do paradigma científico, pois a vida em sociedade e sob o ângulo cultural estava impactada fortemente pela ciência (Vasconcellos, 2013).

De acordo com Vasconcellos (2013), o paradigma da ciência tradicional é baseado em três pressupostos: de **simplicidade**, através da análise de relações causais lineares; de **estabilidade**, através do determinismo, previsibilidade, reversibilidade e controlabilidade; e de **objetividade**, através da desvalorização da subjetividade, que resultou em uma crise nas condições sociais e teóricas da ciência. Isto posto, surgiram avanços teóricos como desenvolvimento da própria ciência, trazendo mudanças de paradigma que atendessem às inadequações anteriores.

Para lidar com situações instáveis, complexas e que demandam a participação do próprio cientista nos eventos estudados, tornou-se necessária a nova visão de mundo trazida pelo pensamento sistêmico, como novo paradigma da ciência que ofereceu, então, um novo papel ao cientista sistêmico novo paradigmático (Vasconcellos, 2013). Com essa mudança, diversas e importantes transformações podiam ocorrer na análise dos fenômenos e sistemas. A autora esclarece ainda as noções de paradigma e epistemologia, sendo a primeira utilizada “para se referir à forma como percebemos e atuamos no mundo, ou seja, às nossas regras de

ver o mundo” (p. 29). A epistemologia, por sua vez, é concebida como “uma nova visão ou concepção de mundo e de trabalho científico, de uma nova concepção de conhecimento, implícita na atividade científica – em suas teorias e práticas” (p. 43).

O paradigma emergente da ciência contemporânea apresenta três dimensões com avanços epistemológicos concentrados em alguns de seus pressupostos da seguinte maneira: da simplicidade para a complexidade; da estabilidade para a instabilidade no mundo e da objetividade para a intersubjetividade, na percepção e apreensão desse mundo (Vasconcellos, 2013).

Para Vasconcellos (2013) é recente o reconhecimento, por parte da ciência, da dimensão da complexidade e não de suas propriedades em si, que enfim passam a ser identificadas nos fenômenos das ciências em geral. A autora abordou a complexidade como paradigma que transita da simplificação que reduz e limita rumo a uma complexidade que amplia, mas também na qual o simples se integra e se articula ao complexo. Desse modo, pode-se estudar e compreender “o objeto em contexto” (Vasconcellos, 2013, p. 111), pensando em sistemas complexos com múltiplas interações.

Vasconcellos (2013) indica o reconhecimento recente também da dimensão da instabilidade por parte da ciência. Houve a revisão acerca da estabilidade, controlabilidade e previsibilidade do mundo rumo à consideração de seus processos como contínuos, imprevisíveis e em constante transformação, frente às questões de desordem, caos e auto-organização. O pressuposto da instabilidade dinâmica aborda as relações indicadas pelos sistemas inconstantes e distantes do equilíbrio, mas que também demonstram a possibilidade real de obter novas formas de funcionamento (Vasconcellos, 2013).

Por fim, Vasconcellos (2013) apresenta a dimensão da intersubjetividade na qual a objetividade fica em segundo plano, ao contrário dos postulados da ciência tradicional,

proporcionando a expressão da transdisciplinaridade, muito além da interdisciplinaridade. O relativismo acerca do conhecimento demonstra que sua variação conforme as circunstâncias de observação dos fenômenos por parte do observador, agora considerado participante, que está e age no mundo em que produz conhecimento científico. Para a autora, “a validação das experiências subjetivas se fará, criando-se **espaços consensuais**, nos quais a ciência possa se desenvolver, com o novo pressuposto, que é o da **intersubjetividade**” (Vasconcellos, 2013, p. 140, grifo da autora).

4.2 Delineamento da Pesquisa

A presente pesquisa adotou a metodologia qualitativa realizada em um corte transversal, cujo foco consistiu em compreender e aprofundar um fenômeno explorado a partir da perspectiva do participante em um ambiente natural e em relação ao seu contexto. O olhar do participante acerca do fenômeno estudado ocorreu na dimensão do aprofundamento da sua experiência, seu ponto de vista, opinião e significados; ou seja, como ele percebeu subjetivamente a sua realidade (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013). Vasconcellos (2013) corrobora essa ideia, destacando o participante à luz de seu contexto, com sua complexidade, instabilidade e intersubjetividade, que foram apresentados como avanços do pensamento sistêmico novo paradigmático, para que a análise dos fenômenos e processos pudesse passar pelas necessárias transformações no mundo científico.

Trata-se de um estudo narrativo que busca histórias de vida e experiências, tendo caráter descritivo pela caracterização da população e do fenômeno estudado, através do levantamento das opiniões, atitudes e crenças dos participantes; por fim, trata-se de um estudo

exploratório, que busca o aprimoramento ou novas ideias que possam contribuir para o aprofundamento da compreensão do fenômeno (Gil, 2008).

4.3 Participantes

A pesquisa foi realizada com oito egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade, sendo a amostra caracterizada como de conveniência (Sampieri et al. 2013). As participantes estavam inscritas na turma 2017. Como critério de inclusão, foram selecionados os participantes que haviam preenchido os requisitos mínimos para a certificação do local, com idade correspondente a 60 anos ou mais.

As participantes deste estudo foram identificadas por nomes de árvores nativas brasileiras (Flamboyant, Caroba, Guamirim, Quaresmeira, Ipê Amarelo, Paineira, Jabuticabeira e Araucária), representando seus estados natais e simbolizando também as características associadas à longevidade, à diversidade das espécies brasileiras e à importância da sua existência para a realidade natural e social. Demonstrou-se principalmente que, assim como um pequeno grupo de árvores forma um bosque e suas variadas espécies formam uma floresta em um ecossistema complexo, também os participantes desse estudo representam o sistema examinado da UATI, no qual as peculiaridades de cada um contribuíram para a rica obtenção de dados importantes para essa investigação.

Todas as participantes eram do gênero feminino, sendo que a mais nova tinha 65 anos e a mais idosa 87 anos, compondo uma média de idade correspondente a 70 anos. Em relação ao estado civil, seis delas eram divorciadas, uma casada e outra viúva, sendo que todas tiveram filhos.

Sobre a naturalidade, quatro eram do estado de Santa Catarina, duas do estado do Paraná, uma do estado de São Paulo e outra do estado de Minas Gerais.

O nível de escolaridade apresentado foi: uma participante com nível superior completo; duas com superior incompleto; três com Ensino Médio completo; uma com Ensino Médio incompleto; e uma com Ensino Fundamental incompleto.

Em relação à moradia, duas moravam com o filho, uma morava com o marido e cinco moravam sozinhas.

Sobre crença religiosa, cinco delas identificaram-se como católicas, uma delas como católica e espírita simultaneamente; uma identificou-se como evangélica e outra disse não ter nenhuma crença.

Entre as profissões desempenhadas pelas participantes aposentadas, foram mencionadas: podóloga; técnica contábil; bancária; funcionária hospitalar; funcionária pública; cuidadora de idosos; vendedora; encarregada de produção; e dona de casa.

Sete participantes realizavam atividades físicas rotineiramente, enquanto uma delas não praticava nenhuma.

Quatro participantes não participavam de outros grupos relacionados a outras atividades. Duas permaneceram em uma oficina de memória logo após a participação na UATI. Uma participante fazia trabalho voluntário em um lar para idosos além de aulas de dança e outra, também voluntária, visitava doentes através de um trabalho em sua paróquia.

Sobre o uso das redes sociais, sete participantes utilizavam o *Whatsapp* como forma de se comunicar tecnologicamente; três delas também tinham perfil em outra rede social. Uma delas, a mais velha, tinha apenas telefone fixo, utilizando-o para manter contato com as pessoas.

Os dados das participantes estão sumariados a seguir, na Tabela 1.

Tabela 1

Dados sociodemográficos das participantes

Participante	Idade	Estado civil	Escolaridade	Mora com quem	Crença religiosa	Profissão
1- Flamboyant	66	Separada	Superior completo	Filha	Católica	Podóloga/aposentada
2- Caroba	69	Divorciada	Médio completo	Sozinha	Não	Técnica contábil/ aposentada
3- Guamirim	72	Divorciada	Superior incompleto	Filho	Católica	Bancária/ aposentada
4- Quaresmeira	65	Divorciada	Superior incompleto	Sozinha	Evangélica	Funcionária pública/ aposentada
5- Ipê Amarelo	67	Divorciada	Médio completo	Sozinha	Católica	Cuidadora de idosos/ aposentada
6- Paineira	66	Casada	Médio completo	Marido	Católica e espírita	Vendedora e bancária / aposentada
7- Jabuticabeira	71	Divorciada	Fundamental incompleto	Sozinha	Católica	Encarregada de produção / aposentada
8- Araucária	87	Viúva	Médio incompleto	Sozinha	Católica	Dona de casa

Fonte: a autora (2020).

4.4 Local

A Universidade Aberta da Maturidade (UAM) é considerada um projeto de extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e está localizada no Setor de Ciências Sociais Aplicadas da UFPR, situado à Avenida Prefeito Lothário Meissner, 642, bairro Jardim Botânico, na cidade de Curitiba-PR.

Esse projeto teve início em agosto de 2012 com a primeira turma formada em 2013. A UAM tem por objetivo valorizar socialmente a pessoa idosa, contribuindo para a promoção da qualidade de vida e para o desenvolvimento sociocultural dos participantes envolvidos nas atividades.

No momento da realização da pesquisa, as aulas haviam iniciado no mês de agosto - logo após o processo seletivo, realizado durante os meses de maio e junho -, com duração prevista até o mês de junho do ano seguinte. Os encontros eram realizados semanalmente nas tardes de terças e quintas-feiras das 14 às 17 horas. As atividades propostas consistiam em palestras e atividades, realizadas nos espaços da UFPR, em uma construção de diálogos entre os participantes, docentes e estudantes (graduação e pós-graduação) da comunidade interna da UFPR e outros parceiros, além de eventos e passeios externos. As atividades tinham como base os seguintes temas centrais: direito do idoso; saúde do idoso; atividades corporais; inclusão digital; gerontologia; arte e cultura; e meio ambiente. O requisito mínimo para participação na UAM era idade igual ou superior a 60 anos, sendo que os participantes que obtivessem pelo menos 80% de frequência do total de atividades programadas para o período receberiam certificado de participação em projeto de extensão da UFPR. Geralmente se formam turmas em torno de 80 alunos. Ao final do programa da UAM, são disponibilizadas

oficinas diversas, para que os participantes sigam em outras atividades relacionadas ao corpo, memória e sexualidade.

4.5 Instrumentos

Para a coleta dos dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, através de roteiro elaborado, envolvendo as seguintes temáticas: a) dados sociodemográficos do egresso; b) Componentes de acesso do egresso na UATI; c) Participação do egresso na UATI; d) relação do egresso com a Rede Social UATI, após a realização do programa; e) relação do egresso com a Rede Social UATI, durante a realização do programa; f) relação do egresso com o tema Rede Social Significativa e Envelhecimento (Apêndice B).

Para constituir essa coleta de dados, foi utilizado o instrumento gráfico Mapa de Rede Social Significativa, desenvolvido por Carlos Sluzki (1997), que propôs que “a rede social pessoal pode ser registrada em forma de mapa mínimo que inclui todos os indivíduos com quem interage uma determinada pessoa” (p. 42).

O Mapa de Rede pode ser apresentado em quatro quadrantes: amizades; família; relações de trabalho ou escolares; e relações comunitárias ou de serviço. Sobre esses quadrantes são demarcadas três circunferências, correspondendo a três áreas de inter-relacionamento: a circunferência interna, composta por relações íntimas e de contato cotidiano; a circunferência intermediária, composta por relações pessoais, onde há contato pessoal, mas sem intimidade; e a circunferência externa, composta por conhecidos e relações ocasionais (Anexo A).

A rede social pessoal do participante é constituída pelo conjunto de pessoas desse mapa mínimo (marcados com pontos) e desses vínculos (marcados com linhas entre dois ou

mais pontos). Com esse instrumento é possível identificar e caracterizar a rede social significativa a partir das suas características estruturais, das funções e dos atributos dos vínculos (Sluzki, 1997). Tendo em vista a relação dos participantes desta pesquisa (egressos) com a UATI, onde participaram deste programa de extensão, foi adicionada à estrutura do Mapa de Redes uma subdivisão no quadrante da Comunidade, identificada como UATI. Desse modo, foi apresentado aos participantes o desenho do Mapa de Redes com a referida adaptação (Apêndice C).

4.6 Procedimentos

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e teve sua aprovação sob o número CAAE²: 97954718.4.0000.8040 (Anexo B).

A pesquisadora esteve na UATI, a convite da coordenadora do programa, para explicar a proposta e os objetivos da pesquisa aos participantes da turma 2017, que encerraram seu programa em junho de 2018. Na ocasião foi elaborada uma lista, pelas monitoras do programa, para que os interessados em participar da pesquisa registrassem seu nome e telefone de contato. A pesquisadora recebeu a listagem da coordenação com os contatos de 29 interessados em participar, sendo que havia em torno de 50 participantes presentes, aproximadamente, na ocasião da lista.

Após um período de dez meses do término do programa, a pesquisadora fez contato com os egressos que estavam identificados nessa lista entregue pela Coordenação, reexplicando os objetivos da pesquisa e convidando-os para participar das entrevistas. A

² Certificado de Apresentação de Apreciação Ética.

realização das entrevistas durou do 10º mês ao 20º mês, após a finalização do programa da UATI para esses egressos.

Com os egressos que concordaram em participar, foi agendada data e local para a realização da entrevista e aplicação do instrumento gráfico identificado, que aconteceu em um único encontro por participante, com duração aproximada de 1 hora e 30 minutos. Foram 22 telefonemas, realizados ao longo de um período de dez meses, para agendamento das entrevistas, sendo que: em oito deles os egressos não foram localizados, pois o telefone indicado na lista não foi atendido em três tentativas em períodos e dias diferentes; em seis deles responderam não poder participar naquele momento, sendo que quatro alegaram motivo de tratamento da saúde, um alegou estar envolvido nos preparativos do casamento do filho e um estava viajando em outro estado; e, finalmente, oito pessoas aceitaram prontamente participar da entrevista, agendando o horário. O local da entrevista foi escolhido por cada participante, sendo que quatro optaram por realizar em seu próprio domicílio e os outros quatro optaram por comparecer ao consultório particular da pesquisadora. Antes do início das entrevistas foi solicitado que os participantes assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo C).

As entrevistas foram realizadas no período entre abril de 2019 e fevereiro de 2020, sendo então finalizado o processo de coleta após a oitava entrevista, por se considerar que já havia a saturação dos dados obtidos traduzindo-se em material substancial e suficiente para análise das informações. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. O instrumento gráfico foi aplicado em registro próprio individual com todos os participantes, conforme modelo apresentado (Apêndice C), sendo reservado para posterior análise e transcrição final nesse estudo.

4.7 Análise dos Dados

A análise dos dados foi fundamentada na Análise de Conteúdo proposta por Sampieri, Collado, e Lucio (2013), que sugerem um processo de análise integrando perspectivas de outros teóricos desse campo. Basicamente, a coleta e a análise ocorrem simultaneamente, sem partir de uma padronização desses processos; considera-se, assim, uma construção particularizada a partir dos dados obtidos na investigação, como ocorre com dados auditivos provenientes da gravação de entrevistas, como foi o caso deste estudo. As informações coletadas são recebidas de forma não estruturada e o pesquisador efetua a organização dispondo os dados para uma leitura compreensível de análise qualitativa (Sampieri et al., 2013).

Os autores sugerem que as percepções do pesquisador, registradas por ele, sejam somadas à análise. Através de um processo sistemático, construído manualmente pelo pesquisador, a análise qualitativa ocorre de forma contextual, integrando e articulando suas partes, em um vai e vem possibilitado justamente pela interpretação, que vai dando significado e sentido aos dados, de forma contextual e ampliada. O delineamento inicial da análise é realizado com alterações a partir dos próprios resultados, nas quais os dados obtidos vão sendo organizados em categorias, como consequência de suas correspondências e diferenças. Na sequência, os dados são descritos a partir de temas relevantes aos conteúdos obtidos pela investigação. O processo chega ao seu topo quando as informações passam a se repetir, em um processo denominado “saturação”, no qual nada mais se acrescenta ao estudo e, com isso, a análise qualitativa é encerrada. Diante de incongruência ou falta de clareza, retoma-se a investigação na busca de novos dados (Sampieri et al., 2013).

Em relação ao instrumento gráfico adotado e aplicado neste estudo, denominado Mapa de Rede, a partir do referencial de Sluzki (1997), a análise ocorreu relacionando e articulando os registros efetuados no mapa mínimo de cada participante, com foco no quadrante relacionado à rede UATI. Essa rede foi avaliada em termos de suas características estruturais, incluindo: tamanho; composição ou distribuição; dispersão; homogeneidade/heterogeneidade; e tipos de funções. As funções da rede referenciada foram distribuídas em papéis significativos, incluindo: companhia social; apoio emocional; guia cognitivo e conselhos; regulação social; ajuda material e de serviços; e acesso a novos contatos. Em termos de atributos dos vínculos referenciados, foi incluído o componente frequência (Sluzki, 1997).

5 Resultados e Discussões

Os dados coletados foram organizados em dois agrupamentos de resultados, cada um com uma tabela específica de apresentação das categorias e subcategorias, para facilitar a compreensão e orientar a discussão.

O primeiro agrupamento de resultados apresentará a UATI como contexto educacional que pode favorecer a formação de rede social entre seus participantes. O segundo agrupamento apresentará as redes sociais significativas formadas pelos egressos da UATI a partir da utilização do instrumento gráfico Mapa de Rede.

Ambas as tabelas serão apresentadas durante a discussão dos seus resultados, respectivamente.

5.1 A UATI Como Contexto Educacional Que Pode Favorecer a Formação de Rede Social Entre Seus Participantes

A primeira etapa da entrevista tinha por objetivo compreender todo o processo de formação da rede social do participante durante o programa, desde sua chegada até os momentos que se seguiram após a finalização do programa.

Assim, surgiram os primeiros resultados para explicar se a UATI, como contexto educacional, favorece a formação de rede social entre seus participantes. Os resultados dessa etapa compõem a Tabela 2.

Tabela 2

Resultados em relação à UATI e à formação de rede social entre seus participantes

Categoria	Subcategoria
Acesso ao programa da UATI	Conhecidos: amigos/filhos Desconhecidos Busca própria Veículos de comunicação
Motivos para a inscrição no programa	Automotivação através de: curiosidade, novos sonhos, novas aprendizagens, saída da zona de conforto e superação de outras dificuldades Motivação por terceiros através de experiências e/ou transformações apresentadas por outros egressos
Aproximação entre os participantes durante o programa	Momentos promovidos pela estrutura e atividades do programa Momentos promovidos pelos próprios participantes
Momentos marcantes e de satisfação em relação à formação da rede social durante o programa	Socialização com colegas e professores Autonomia em relação à família Conhecimento e aprendizagem a partir das interações Memórias emocionais
Formas de manutenção da rede social significativa após finalização do programa	Grupos de convivência pessoal presencial Grupos de convivência virtual Grupos de convivência institucional presencial
Concepção de rede social significativa e percepção de suas repercussões na etapa do envelhecimento	Convivência social Convivência afetiva Desenvolvimento pessoal

Fonte: a autora (2020).

5.1.1 Acesso ao programa da UATI.

Nessa categoria as questões se referiam ao acesso de cada egresso à UATI, a fim de compreender como cada participante teve conhecimento do programa e como sua rede pessoal colaborou para seu processo de inscrição. Essas indagações possibilitaram desenhar uma espécie de linha do tempo com cada participante, evidenciando o percurso de chegada de cada uma delas até a UATI.

Os familiares dos participantes se apresentam como figuras consideráveis no apoio à participação da pessoa idosa no programa durante todo o percurso de acesso. Como mencionado nas entrevistas, os filhos mostraram-se especialmente relevantes, por meio de seu incentivo e encorajamento. O depoimento de Flamboyant demonstra isso: “Sim. **Tive da minha filha, né?** Ela também me incentivou”. Isso se observa também no depoimento de Quaresmeira:

Aí **eu falei pra filha, pra mais nova**, a tia [cita o nome], ela chama de tia [cita o nome], a tia [cita o nome] mandou mensagem, diz que aquele curso, filha, mas tem que preencher um negócio e tem que ser hoje. “**Ai mãe, eu vou preencher pra mãe**” **aí mandou.** (Quaresmeira, 65 anos).

No relato de Ipê Amarelo, o incentivo do filho foi imprescindível para o movimento de inscrição, observado pela seguinte narrativa da participante:

Sim, ele (o filho) é muito presente, **inclusive ele me ajudou**, porque eu nem celular eu não tinha, não sabia mexer num computador, apertar um botão, nada. **Daí, inclusive ele fez pra mim a inscrição, tudo isso.** E eu pensei “vou começar fazendo um curso de computação”. Aí eu fui no SENAC, antes de ir na UAM, em fevereiro eu fiz o curso de computação. (Ipê Amarelo, 67 anos).

Outro momento da investigação revelou o interesse de uma participante em buscar um programa para pessoas idosas, decorrente do fato de já ter ouvido falar sobre esse assunto em algum momento de sua vida e contou então com a ajuda da filha. Isso pode ser notado na fala de Caroba que, após a morte da mãe, decidiu direcionar seu cotidiano para um cuidado maior – dessa vez, para consigo mesma:

Eu tinha interesse há algum tempo, só que eu não podia porque eu tava cuidando da minha mãe, que ela tava com noventa e poucos anos, eu ia na casa dela, ela não vinha. Eu não podia, assim, me prender a alguma coisa e porque tinha horas que eu tinha que ir lá e tal, daí quando a minha mãe faleceu, **a minha filha descobriu a [cita a UATI] eu já tinha falado pra ela e ela foi pesquisar e ela achou a UAM (...)**. (Caroba, 69 anos).

A rede social pessoal ampliada aos amigos e conhecidos pode apresentar referências que provoquem a busca por mais informações e mobilizem o interesse em participar, como revela o depoimento de Guamirim, explicitando uma fonte de recomendação para a experiência da UATI:

Uma amiga minha, há muitos anos atrás, conversando, **ela me falou que tinha feito uma faculdade da maturidade**, da terceira idade, e eu fiquei com aquilo na cabeça. Daí no ano de 2017, **eu conversei com o meu filho e disse procure na internet**, alguma faculdade da terceira idade, da maturidade, que a mãe quer fazer. E daí ele achou essa faculdade da maturidade. (Guamirim, 72 anos).

Esse relato corrobora os dados da pesquisa de Martins, Casetto, e Guerra (2019), que demonstraram que a maioria das participantes da investigação foi incentivada a participar da UATI também por seus familiares ou amigos.

Segundo Jabuticabeira, um desconhecido lhe apresentou as primeiras referências sobre a UATI em questão; ao revelar o benefício obtido com a participação no programa, seu testemunho a motivou a entrar em contato com o local para pedir outras informações:

Naquela época eu estava no ônibus [fala o nome da linha], e sentou um senhor comigo e puxou conversa. E a gente, eu estava vindo lá do [cita o bairro], **ele começou a puxar conversa e me relatou a UAM**, perguntou se eu não gostaria de fazer. **Assim, foi uma pessoa estranha, que eu vi pela primeira vez**, que eu não soube puxar conversa, hoje em dia eu puxo, mas até aquele tempo eu não puxava conversa com ninguém. Era eu, muda, e mais ninguém. **Aí esse senhor me alertou sobre isso, ele disse “nossa, pra mim foi muito bom”...** Ele fez, **ele havia terminado naquele ano**, digamos, em 2017. **Ele disse “eu terminei agora, mas a senhora vai lá, se inscreve, a senhora vai ver como vai ser bom pra senhora”...** Aí dois dias depois, eu vim e me inscrevi. (Jabuticabeira, 71 anos).

A evolução vivenciada por outros participantes em espaços educacionais como as UATI promove efeitos práticos em seu cotidiano e em suas interações sociais, fazendo com que essa experiência seja compartilhada em seu entorno, como tentativa de também ajudar outras pessoas. Gomes, Loures, e Alencar (2005) mencionaram o papel de agente multiplicador que deveria ser estimulado no participante de uma UATI, já que, além de adquirir conhecimentos e obter benefícios diretos pela sua participação, também poderia propagar esses mesmos efeitos em sua comunidade.

Os veículos de comunicação também podem apresentar informações e notícias sobre as UATI; isso aconteceu com Araucária, que assistiu a um programa de TV que despertou seu interesse em procurar a UATI:

Eu vi na televisão, na televisão passou um programa, mostrando a formatura do pessoal da terceira idade. E falou sobre esse programa, foi através disso que eu fiquei sabendo. (Araucária, 87 anos).

Esse achado corrobora os dados do estudo de Lima-Silva et al. (2012), que identificou caminhos viáveis para atrair participantes para a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), por meio de sugestões dos alunos do programa em relação a diferentes meios de divulgação. Eles sugeriram publicações em rádio, jornais e revistas, programas em canais abertos de televisão em horários de programação com elevada audiência, além de presença de faixas em locais de alta circulação e distribuição de *flyers* atrativos, em locais frequentados por pessoas idosas.

A investigação de Adamo, Esper, Bastos, Sousa, e Almeida (2017) em uma UATI no estado de Goiás demonstrou, entre os participantes veteranos e calouros, que a iniciativa e a decisão para participar em ambos os grupos ocorreu em sua maioria por iniciativa própria, seguido do incentivo de amigos e por último através de seus familiares. Isso se contrapõe aos

dados encontrados por este estudo, que demonstram que a maioria ingressou na UATI por incentivo e apoio dos filhos. Mas, como Adamo et al. mencionam, esse outro movimento também acontece; em determinadas situações pode não haver incentivo ou mesmo apoio externo, sendo somente a vontade do próprio participante o material suficiente para a tomada de decisão de se inscrever. Foi o que ocorreu no caso de Araucária, contrapondo-se aos demais. O fundamental é ocorrer um processo decisório para efetivar a inscrição e iniciar a participação no programa.

Esses resultados iniciais vão ao encontro das reflexões realizadas por Neri e Cachioni (1999) que indicam que, no mundo inteiro, é expressiva a busca de práticas educativas por parte de pessoas idosas. Por meio desses dados em relação ao acesso das participantes ao programa, percebe-se que há variadas formas de chamar a atenção de uma pessoa idosa sobre as UATI, fazendo com que sintam interesse em conhecer melhor a proposição e sejam informados sobre como participar. Entretanto, a divulgação tanto de notícias como referências pessoais, por meio de conhecidos, desconhecidos ou canais de comunicação em geral, realçando claramente os benefícios para o envelhecimento saudável, é o que pode efetivamente favorecer o início da caminhada da pessoa idosa até a UATI.

5.1.2 Motivos para a inscrição no programa.

Os resultados indicaram diversos motivos que levaram as participantes a se inscrever no programa da UATI, demonstrando que alguma mobilização interna mais significativa as levou a tomar essa decisão. Os motivos foram relacionados à: curiosidade por algo novo; realização de algum sonho; necessidade de sair da zona de conforto (apresentando repercussões nas proximidades familiares); necessidade de superar limitações (físicas,

emocionais e sociais); e influências externas (experiências de terceiros nesse tipo de programa), formando enfim um conjunto inspirador para essa escolha.

Na entrevista com Flamboyant, a curiosidade foi considerada o fator-chave para a tomada de decisão na direção de um novo desafio de vida, como se observa em seu discurso: “Uma **curiosidade** (risos) (...). E também era uma coisa que eu estava querendo, que eram **desafios**, procurando **fazer coisas diferentes** e tudo” (Flamboyant, 66 anos).

O anseio por aprender e buscar conhecimento pode ser considerado fator fundamental para motivar o participante a definir e seguir na direção de uma UATI. A narrativa de Caroba demonstra isso:

(...) só que eu tinha um sonho na vida de fazer alguma coisa **que me complementasse**, porque eu **não cheguei a fazer faculdade**. Então eu queria alguma coisa, assim **que me complementasse de conhecimentos**. (Caroba, 69 anos)

No caso de Ipê Amarelo, buscar um novo sonho e focalizar em sua realização foi fundamental:

Eu pensei assim, **eu tenho que fazer alguma coisa importante: vou começar por essa faculdade**. Eu não sabia lá o que era, o que não era, daí quando no começo fiquei meio assim, que **o meu objetivo era coisa maior. Mas aí foi indo e eu pensei “é isso que eu quero, vou começar assim, e depois...”** (Ipê Amarelo, 67 anos).

Araucária também identifica o desejo de aprender e conhecer muitas coisas, como explicou em sua narrativa: “Eu acho que vontade de participar, sei lá!... De conhecer, tudo” (Araucária, 87 anos).

A tentativa de movimentar a própria vida pode provocar na pessoa idosa a busca por algo novo que possa retirá-la de sua zona de conforto, fazendo com que inove e crie oportunidades distintas, como foi possível perceber no depoimento de Guamirim:

Eu acho que eu tava me sentindo assim, **muito caseira, eu quis sair do meu conforto, porque eu estava muito acomodada**. Como eu cuidava da minha neta, e eu **não saía pra lado nenhum**, eu achei que eu tinha que **começar a me expor** um pouco mais. E foi isso que eu fiz. (Guamirim, 72 anos).

A busca de um novo sentido de vida também é descrita como fator motivador na investigação realizada por Irigaray e Schneider (2008), relacionada à participação em uma UATI. Isso também foi relatado no depoimento de Paineira que, frente a algumas limitações físicas e à posterior busca de reabilitação, encontrou forças para movimentar-se na direção de uma nova forma de viver, expressando superação e resiliência:

Eu tava muito, **tinha aposentado fazia pouco tempo**, e tinha, eu coloquei duas próteses nos joelhos, **fiquei quase sem andar por causa dos joelhos. Aí depois das próteses, veio uma vida nova, então eu estou vivendo de novo, e aquilo me ajudou...** (Paineira, 66 anos).

O fato de observar que outros egressos viveram experiências satisfatórias e de transformação em suas vidas torna-se também um fator de motivação. Na entrevista com Quaresmeira, observou-se esse efeito multiplicador de um dos egressos do mesmo programa:

Foi isso, a [cita o nome] já tinha dito que era bom, e **eu achava que ela tinha mudado**, porque antes ela tinha a mãe dela, e a mãe dela depois faleceu, e ela já é uma pessoa mais velha. E eu notava assim, **que ela se sentia assim muito vazia**, eu acho. E eu ia num grupo de oração com ela, (...), e a gente ia nesse grupo de oração, e assim, a [cita o nome] **era triste. Aí depois eu achei que a [cita o nome] tava bem**, aí ela falou “eu acho que você tinha que fazer!” Porque eu tinha dito pra ela, que eu tava indo no psiquiatra. (Quaresmeira, 65 anos).

Jabuticabeira também indica que a experiência compartilhada por outra pessoa pode tornar-se fundamental para o incentivo interno da tomada de decisão para se inscrever no programa, como demonstra em seu relato:

Foi a conversa que ele teve comigo, aquela insistência daquele senhor, eu acho que ele sentiu que eu era presa dentro de mim... porque ele sentou, ele me olhava, cumprimentou, de repente ele cutucou meu braço e começou a conversar. Eu me encurralei um pouco mais, dei boa tarde, **e ele disse isso e aquilo**, e foi, sei que de lá até aqui, a gente veio conversando. **E no descer ele disse pra mim “eu espero que a senhora procure”...** (Jabuticabeira, 71 anos).

Os achados das entrevistas corroboram os resultados encontrados por Pereira, Couto, e Scorsolini-Comin (2015), que detectaram motivações prevaletentes para a busca de um programa de UATI por idosos, tais como a busca de conhecimento e novos aprendizados, o sonho de estudar, o desejo de ampliar suas interações sociais, de atingir uma maior qualidade de vida e de utilizar o tempo livre de forma menos ociosa. Yamasaki, Wanderbroocke, Massi, e Silva (2018) reiteram esses motivos e incluem ainda, a partir de sua investigação, a obtenção do reconhecimento da família e o uso do tempo para si próprio. Tais motivos confirmariam que a educação poderia proporcionar um espaço ao idoso para que essas expectativas pudessem ser atendidas, na perspectiva do envelhecimento saudável.

Os resultados dessa fase do estudo demonstram que o processo motivacional para a inscrição em uma UATI pode gerar força motriz para os idosos levarem adiante sua participação; as razões apresentadas contribuem para que eles persistam ao longo da trajetória do programa e possam concluir a experiência, com sentimento de realização e bem-estar frente aos motivos que os levaram até lá.

5.1.3 Aproximação entre os participantes durante o programa.

Os momentos que propiciaram a aproximação entre os participantes podem ser divididos entre os promovidos pela estrutura do programa e os propiciados entre os próprios

participantes. Isso demonstra que, embora o programa contribua, há também outra parte que depende dos participantes, enquanto seres socialmente inseridos nesse processo.

Em relação aos momentos proporcionados pelo programa, os lugares para cada participante se sentar em sala de aula proporcionaram a primeira oportunidade grupal de aproximação entre todos, como Guamirim relata:

Eu sou uma pessoa que **converso bastante**, que tenho amizades, **mas quando eu chego num lugar, e que eu não conheço ninguém, eu fico um pouco fechada**. Eu não brinco, até que alguém me dê uma, né, uma abertura. **E foi interessante porque a gente foi chegando e foi escolhendo os lugares (...)**. Para sentar, eu fico mais na parede, aí já aquela mais abertinha, aquela que brinca mais já veio junto. **Então a gente foi fazendo, a afinidade, eu acho que daí você vai perguntando nome, o que faz, vai brincando**. (Guamirim, 72 anos).

A formação de grupinhos por conta dos lugares na sala também foi um dos aspectos mencionados por Ipê Amarelo para explicar essa aproximação e ao mesmo tempo justificar como a formação de “panelinhas”, em alguns momentos, pode ser prejudicial à integração dos participantes:

Não sei, aquele combinava mais com aquele, porque a [cita o nome] sempre falava que não queria grupinho, **que todo dia era pra sentar num lugar diferente. Ela não queria saber de grupinho, e o que mais, na minha turma, o que mais tinha era grupinho...** é por isso que ela falava, **todo dia tinha que mudar de lugar, e não mudavam**. (Ipê Amarelo, 67 anos).

As diversas atividades promovidas pelo programa também geraram aproximação entre os participantes, como se percebe nas observações de Paineira:

Daí teve **vários tipos de brincadeiras, de reunir a sala em círculos, todo mundo sentado em volta, teve danças, que se fazia sentado. Teve várias coisas, várias atividades, na época de fim de ano, na época das bruxas, do Halloween, nossa!** (Paineira, 66 anos).

Na percepção de Araucária, a apresentação inicial entre todos do grupo favoreceu a aproximação:

Lá tinha um programa, por exemplo, **que a pessoa que estava lá coordenando fazia com que cada um levantasse e falasse o nome, a profissão, onde mora. Cada um tinha que falar sobre si... se apresentar, é, então foi assim.** (Araucária, 87 anos).

Momentos promovidos pela coordenação do programa e seu corpo docente podem beneficiar diretamente a integração dos participantes, principalmente nas etapas iniciais da formação do grupo, em que as pessoas estão se conhecendo. Isso ocorre porque a grande maioria dos alunos não se conhece anteriormente e construirá durante os primeiros encontros seu repertório relacional, que constituirá vigorosamente a formação do seu grupo social mais significativo durante a experiência e também futuramente, na etapa do pós-programa. À vista disso torna-se mais proveitoso propiciar um espaço cuidadoso para que todos se apresentem e se agreguem, possibilitando uma circulação social menos tímida e de maior alcance. Cachioni et al. (2015) ressaltam a validade das estratégias e metodologias mais interessantes, constatando que momentos dialógicos, aulas expositivas, dinâmicas de grupo, debates e discussão de textos com todos e em grupos constituem o caminho mais seguro da atividade educativa em uma UATI, nessa ordem de importância.

Em relação aos momentos construídos pelos próprios participantes, Flamboyant revela que a conversa informal acaba gerando uma aproximação natural, por meio de afinidades e mesmo necessidades:

(...) pois no primeiro dia que eu cheguei, eu não sei, eu tenho meio que isso, aí eu **estava sentada e a gente começou, nós começamos a conversar de como a gente chega até aqui**, ali um disse: eu estou vindo ali do [cita o bairro], eu venho do [cita o bairro], aí a [cita o nome] disse: **então eu posso dar carona pra vocês! Ali mesmo nós já fizemos um grupo** (...). (Flamboyant, 66 anos).

O mesmo se observa nos comentários sobre as aulas, como cita Jabuticabeira:

Eu vejo assim, que **foi o dia a dia**, de a gente estar lá, e a gente ouvir o que os profissionais estavam lá pra explicar pra gente. E daí a gente, **uma comentava com a outra, a gente fazia o lanche, quando terminava a gente saía tomar um café e ficava ali...** e a gente estava, como diz, **dialogando sobre a aula, o que aconteceu, o que foi bom e o que não foi, quem gostou e quem não gostou.** (Jabuticabeira, 71 anos).

Na fala de Caroba também se evidencia que essa aproximação é natural e deriva de situações decorrentes das similaridades e descobertas no decorrer da própria experiência, como ocorreu entre ela e outra colega de turma:

(...) Nossa, no primeiro dia **eu já conheci alguém que ficou marcado**, assim. A [cita o nome], ficou marcada, **por exemplo, nós ficamos esperando nossas filhas**, que a minha filha foi me levar lá... não, o primeiro dia a minha filha ficou na sala e o segundo dia que era lá no centro (...). (Caroba, 69 anos).

London, St. George, e Wulff (2009), ao abordarem o tema da colaboração como processo constante, flexível e de corresponsabilidade entre os membros de um grupo que se encontram unidos por desafios comuns, relatam que práticas colaborativas podem ser ampliadas para muitas áreas da vida cotidiana das pessoas. Esses autores desenvolveram um guia para promover a colaboração, especificando orientações para nortear esse processo:

(...) participação em igualdade de condições; criação de um coorte³; interações e conexões pessoais e profissionais; hospitalidade; um lugar apropriado e cômodo; retroalimentação e ajuste; resultados duradouros; aprendizagem através da arte, da cultura e das línguas e abertura que nos permite fazer o que a ocasião merece. (London, St. George, & Wulff, 2009, p. 1).

³ Quando as pessoas se unem por uma experiência comum e especialmente quando esta é intensa, o grupo pode se converter em uma influência poderosa sobre seus próprios membros e seu entorno. Um coorte também desenvolve uma sensibilidade às necessidades individuais de seus membros assim como ao que o grupo requer para reter seu valor e integridade. Os indivíduos se tornam parte de algo maior do que eles (London, St. George, & Wulff, 2009, p. 3, livre tradução nossa).

Os autores expressaram pontos fundamentais a ser observados em grupos colaborativos, cuja necessidade seria promover as inserções e trocas sociais como algo relevante a fim de garantir a construção de novas ideias na coletividade, lugar esse em que as experiências conjuntas pudessem ser somadas. A estrutura física da instituição e os contextos educacionais associados às UATI constituem ambientes propícios a essa prática colaborativa, favorecendo o desenvolvimento de um processo integral na promoção da colaboração entre todos os seus integrantes.

Nas estruturações iniciais da socialização do grupo de uma UATI, ocorridas em sala de aula ou mesmo em locais mais descontraídos como cantina, estacionamento e ponto de ônibus, podem ser promovidos os primeiros níveis de intimidade e compartilhamento, que mais tarde farão diferença para a formação efetiva da rede social significativa dos participantes. Esse aspecto foi constatado nas entrevistas, permitindo verificar que a constituição de muitas redes sociais se iniciou a partir desses contatos introdutórios.

5.1.4 Momentos marcantes e de satisfação em relação à formação da rede social durante o programa.

Os depoimentos indicaram que a participação no programa da UATI favoreceu a formação de redes sociais juntamente com novos aprendizados. Todas as participantes indicaram sentir-se satisfeitas em relação a essa experiência, que se transformou em momentos marcantes junto aos colegas e professores descritos ao longo das entrevistas e relacionados à socialização, à autonomia em relação à família, à aquisição de conhecimento e à aprendizagem a partir das interações e às memórias emocionais.

O discurso de Caroba enfatizou a socialização, como esclarece em sua narrativa:

Muito bom, muito bom! Eu sou uma pessoa assim... **eu gosto muito de conversar, então ali eu achei o meu campo, minha turma, minha “tchurma” mesmo** tava ali na UAM, sabe?! **E a gente foi assim, se escolhendo entendeu?** Eu tenho uma amiga que é amiga de infância, só que nunca foi de infância, mas é a amiga que nós falamos que somos de infância. Eu tenho uma que é irmã, que não é minha irmã, a gente fala que é irmã porque a gente é parecida, entende? (Caroba, 69 anos).

No discurso de Ipê Amarelo, também foi ressaltada a socialização:

Muito satisfeita, inclusive se desse pra voltar a ter, mais um que aceitasse a gente de volta, eu faria tudo de novo! Pra mim, eu era uma pessoa muito, **eu tive depressão durante 20 anos, era uma pessoa que eu não falava com ninguém, não tinha amigos, não tinha nada.** E eu tomava remédios fortíssimos, vivia só dormindo, e daí eu consegui sair da depressão, não sei como. Fui deixando todos aqueles remédios, fiz um tratamento com um médico homeopata, aí eu consegui... **pra mim foi uma experiência maravilhosa, mudou toda minha vida, tudo, tudo.** (Ipê Amarelo, 67 anos).

Uma das participantes relatou que os momentos de socialização foram inesquecíveis, demonstrando a importância de ambientes descontraídos para o convívio social entre os participantes, de forma a se sentirem à vontade. A colocação de Guamirim expressa isso de forma clara:

A nossa convivência era muito boa, a gente na hora do lanche, no caso, que a gente chamava, a gente ia pra cantina, meu Deus do céu, **como a gente se divertia na cantina.** Então, não era um grupinho de 2 ou de 3, era a turma, porque a cantina, você lembra, **ela é grande, tem várias mesas, bancos.** Então a gente ía, uma lá “oi, vem sentar aqui, já guardei o teu lugar”. **Era as senhoras e os senhores, tinham poucos senhores, mas era uma convivência muito boa.** E isso, eu acho que na nossa idade, hoje, **você participar de novo, falar besteira, brincar,** eu acho que isso (...) Momentos excelentes, e que a gente, na nossa idade, **a gente esquece que a gente é mais velha, e a gente volta a ser jovem de novo. Porque aquela criança, nunca morre, ela está ali, aquela adolescente, ela está sempre junto com a gente.** Só que com os anos, com o passar dos anos, a gente vai tendo mais sabedoria, mais maturidade, vai ficando numa fôrma ali, **é uma jovem senhora, é uma senhora, uma senhorinha, aquela coisa. E de repente você esquece tudo e solta...** (Guamirim, 72 anos).

A investigação de Yamasaki et al. (2019) também encontrou resultados de satisfação sobre as perspectivas dos idosos a partir de uma avaliação participativa em uma UATI, principalmente pelo convívio social e aprendizado frente ao cotidiano e ao próprio envelhecimento, como processo realmente ativo. Esses dados condizem com os achados de Castilho et al. (2020) em sua investigação sobre o ambiente de acolhimento e socialização de uma UATI, através de atividades dinâmicas que suscitam bem-estar e autoestima. Os autores salientam que se trata de uma ferramenta que propicia saúde mental às pessoas idosas.

O depoimento de Jabuticabeira exprime o processo de libertação vivenciado a partir de sua participação na UATI, por meio do qual desenvolveu autonomia através da formação de uma rede social, mas ainda manteve o sentimento de pertencimento à sua família. Cabe ressaltar que o sistema familiar de Jabuticabeira demonstrou aceitação ao processo de diferenciação adotado por ela ao ingressar na UATI, reconhecendo seu lugar na sociedade e possibilitando a renovação de seu papel no seio da família, como se nota em seu discurso:

Muito satisfeita, pra mim isso me fez muito bem... porque eu era uma pessoa que eu vivia só dentro de casa, ainda mais depois que a minha mãe faleceu, eu só ia nas minhas filhas e na igreja. E com a ida pra UAM, abriu a minha mente, eu conheci várias pessoas, a qual eu tenho muitas delas contatos até o dia de hoje, a gente formou um grupo de amizade. E comecei a sair com elas, coisa que não acontecia comigo, eu vivia naquela redoma de vidro, pra mim e pras minhas filhas, e o mundo lá fora eu não queria saber. E a UAM me alertou em várias metas da minha vida, abriu a minha mente pra realidade do mundo e isso foi muito bom... então, como eu dizia, eu me sentia assim, num mundo fechado, era assim que a minha visão via. Somente com as minhas filhas, os meus dois genros, que graças a Deus são bons genros, bom marido, bom pai, e os meus três netos. A minha vida era em volta, era 8 pessoas, e depois que eu entrei pra UAM, mudou a minha mente, abriu o meu cérebro e eu tô vivendo melhor do que eu vivia antes. (Jabuticabeira, 71 anos).

Outra participante justificou o quanto a experiência foi energizante para seu desenvolvimento, incentivando sua autonomia em relação aos filhos. Esse aspecto articula de

forma precisa a complexidade do tema pesquisado quando se percebe o objeto de estudo em seu contexto, conferindo circularidade ao fenômeno observado, na interface com as repercussões da mudança sobre o sistema familiar, conforme nos direciona o pensamento sistêmico novo paradigmático. Isso foi registrado na fala de Quaresmeira:

Então eu acho assim, eu achei que eu **tive mais vida**, eu acho que é muito bom. Tem uma amiga que ela diz “eu não gosto dessas coisas de velharada”. Depende do ponto de vista de casa um, mas assim, é bom, você **conhece pessoas, novas experiências**. E a gente chega num ponto, como que eu vou dizer pra você, os filhos, todo mundo está muito ocupado, sabe, porque eles têm a vida deles. Então aquela fase, de quando a gente era antiga, que a mãe fazia aquele almoço na casa, você leva os filhos, aquela coisa toda, tudo muito bom. Mas hoje em dia, as pessoas, cada um tem a sua vida, os rapazes têm as suas namoradas, as moças. E eu acho que a gente não precisa, assim, ficar, **você aprende lá a não ficar dependente dos filhos**. (Quaresmeira, 65 anos).

Esse relato vai ao encontro das reflexões de Carvalho e Silva (2015) que também demonstraram, por meio dos resultados de sua investigação em uma UATI de Portugal, que a vida deveria ser promovida no cotidiano dos idosos, pois seus filhos já estariam bastante ocupados com suas vidas; nesse momento, a ajuda dos pais já não se faria tão necessária. Oliveira e Scortegagna (2015) indicam que a UATI é um espaço de pedagogia social, educação e empoderamento que contribui para a mudança de paradigma em relação ao envelhecimento ativo; esse processo busca a legitimação do idoso na sociedade e sua emancipação, por meio de uma visão mais otimista e consciente acerca de si mesmo.

Guamirim demonstrou satisfação pelas lembranças ligadas aos aprendizados e pela obtenção de conhecimento junto com o grupo:

Satisfeita. Pelo conhecimento, pela [pausa], tivemos muitas palestras, vários assuntos, coisas que a gente lembrou, coisas que a gente aprendeu. E também a aproximação de pessoas da mesma idade, de como a gente, pensam como a gente pensa. Então ficou assim, uma união muito gostosa, **eu gostei muito esse ano**. (Guamirim, 72 anos).

Araucária também revelou satisfação, articulando os momentos de aprendizados e formação de rede social: “a gente assim **fez muitas amizades**, e também **a gente aprendeu muita coisa**, a **gente aprendeu muita coisa lá**, e também **as amizades que a gente fez lá**”.

A finalização do programa gerou um misto de sentimentos nos participantes, decorrentes da qualidade das experiências vivenciadas. De modo geral percebeu-se que os sentimentos positivos predominaram, retratando sensações de saudades, realização e satisfação pela vivência compartilhada daquele período; mas também surgiu, por parte de algumas, a vivência da tristeza e a sensação de esvaziamento pela etapa que chegava ao fim.

A fala de Guamirim demonstrou sua realização por meio da expressão de alegria por tudo que vivenciou e pela tristeza que demarcou o fim da experiência naquele programa.

Foi uma **satisfação maravilhosa** porque, eu vou até falar um pouquinho antes do término. **As reuniões da formatura**, você estar empenhada com as tuas amigas ali, com os teus colegas, colocar a beca, você programar “vamos jogar”, tem um nome especial, o chapeuzinho lá. Então por mais que a gente tivesse mais de 60 anos, tinha pessoas ali mais velhas, eu to com 72, tinha pessoas mais velhas que eu também, no caso. A gente estava se sentindo como colegial mesmo... **foi muito bacana. E ao mesmo tempo, um misto de tristeza, porque a gente não ia mais estar juntos novamente.** Era na aula, na sala de aula, na cantina, mesmo as reuniões que a gente fazia em casa de colegas. Nós fizemos festa caipira, nós fizemos natal sabe, então aquela aproximação, aquela coisa também ia terminar. **Então é um misto de satisfação, de alegria, e de tristeza.** (Guamirim, 72 anos).

No depoimento de Quaresmeira, que relembra a formatura como momento de finalização do programa, as emoções tanto de tristeza pelo fim como de prazer da comemoração estavam presentes:

Foi triste, porque pra gente sabe, era como se a gente tivesse indo pra escola, era voltar no tempo. E nossa, tiravam fotos da gente lá, então todo mundo numa carteira, sabe (lágrimas). **É, mas foi muito bom,** então o dia que teve, assim, **eu não convidei as filhas pra formatura, eu não sabia que ia ser tão bom,** aí eu não convidei. Porque eu preoquepei assim, as duas trabalham, numa quinta-feira. E não é justo eu pedir pra elas pra vir aqui por causa do curso da mãe, sabe? **Eu aprendi tanto assim, a ‘ficá’ mais independente, que eu falei, não, eu não vou chamar. Depois eu levei bronca delas, as duas falaram “mãe, a gente dava um jeito”.** Eu falei “filhas, vocês têm que pagar tanta coisa”. Aí elas “mãe, por que não chamou?”. (Quaresmeira, 65 anos).

A formatura foi também abordada por outra participante, que descreveu suas lembranças daquele momento final, antecedendo sua entrada em cursos adicionais na etapa posterior ao programa. Esse registro foi de Paineira:

Eu tava muito feliz por ter participado, a formatura, que eu não tive uma formatura anterior, e foi feito uma formatura, nossa, muito bom. Então a princípio, no início, a gente tava absorvido com aquilo, e daí depois teve a oportunidade de fazer esse curso de celular pra aprender a mexer melhor. **Daí eu fui fazer, esse da educação física,** participei três meses da educação física... **é, não dava pra parar, tinha que continuar.** Então eu fui, mas daí o meu marido teve [cita a doença]. (Paineira, 66 anos).

Nas palavras de Jabuticabeira, a formatura, como momento solene, teve impacto sobre seus familiares; ela retrata como isso ocorreu nesse contexto:

Foi muito bom participar do final, da formatura, nós tivemos uma formatura adequada, muito bonita. Eu me senti feliz, a minha filha mais velha e a minha neta estavam lá, que foram só as duas que puderam participar. **A outra mais nova não aceitou de ir,** a gente entende, tem que entender as pessoas, ela não quis, não posso obrigar. **Mas eu me senti bem, me senti muito feliz, porque ali nós estávamos toda a turma.** (Jabuticabeira, 71 anos).

A formatura apresenta-se como um ritual de transição que chancela socialmente o encerramento de uma etapa e conseqüentemente a vitória daquele que chegou até ali, com o apoio de outras pessoas durante a trajetória. Muitas participantes lembraram-se especialmente

desse momento como algo singular, pelo aspecto solene e social do evento e também pelo reconhecimento dessa conquista através da visibilidade desse processo perante a sociedade, como forma de legitimação das suas potencialidades, emancipação e saúde como pessoa idosa.

No estudo de Oliveira, Scortegagna, e Silva (2017), o momento da solenidade da formatura também foi apresentado como finalização da etapa do curso da UATI/UEPG, incluindo a entrega de certificados e atestando a validade da ritualização desse ciclo, que, no caso dessa UATI, antecede novas etapas que podem ser vivenciadas posteriormente. Conforme Oliveira (2013) apresenta em sua revisão bibliográfica, os resultados positivos e significativos na vida do idoso a partir dessa iniciativa educacional associada à UATI colaboram para a superação de estigmas sociais e culturais associados ao seu papel, como legado ao processo de transformação da consciência coletiva da sociedade.

As palavras de Caroba demonstram a ampliação do olhar da participante frente à vida, em suas renovadas oportunidades:

(...) pra mim não significou que acabou. Significou que abriram portas pra mim. Janelas, portas, eu fui pro MON fazer toda terça feira. (...) eu fui pra lá, a gente já tinha conhecido né, nós fomos, aí eu fiquei lá um tempo, até começar o EnvelheSendo, na Universidade [cita o nome], que a gente já tava... a gente viu as meninas dançando na nossa formatura e daí a gente ficou muito: **“nossa, vamos também, vamos, vamos” e fomos e estamos lá!** (Caroba, 69 anos).

A sensação de tristeza marcou o depoimento de Araucária, porque a convivência naquele formato havia chegado ao fim. Ela demonstrou isso em suas palavras: **“Ah, eu fiquei triste porque acabou a convivência com o pessoal tudo!”** (Araucária, 87 anos). O relato de Flamboyant também demonstrou que a finalização do programa pode provocar a percepção de esvaziamento da rotina e a diminuição da movimentação do participante em sua própria vida:

Olha, não deixa de dar aquele vazio, né? Aquele vazio assim, de qualquer situação que a gente está adaptada, que a gente está fazendo algo que está bom, né? Você está ouvindo as pessoas, saindo de casa, fazendo alguma coisa diferente, então tem aquele encerrou né? Não tem mais, então as pessoas que você conheceu né, apesar de que lá eles têm uma movimentação, as que ficaram, mais movimentos assim entre elas e tudo, eu te digo sinceramente que eu não era muito do meio. (Flamboyant, 66 anos).

De acordo com Peixoto, Lima, e Bittar (2017), a participação social das pessoas idosas nas UATI promove melhor percepção de qualidade de vida global, fundamentalmente em suas interações e convívios sociais, já que esses são aspectos consideráveis na influência positiva para essa etapa da vida. Essa conclusão também é apontada no estudo de Bajotto e Goldim (2011), que salienta a participação do idoso em grupos sociais como elemento que gera atenção e sensação de pertencimento à sociedade; além disso, segundo os autores, as trocas sociais favorecidas pelas atividades em grupo somam forças para o enfrentamento dos episódios do cotidiano dessas pessoas.

A experiência nesse tipo de programa é um exercício para sair do lugar comum, ampliar o próprio horizonte e também a própria visão de mundo. Todas as participantes sentiram-se satisfeitas e tiveram alguma lembrança sobre a rede social formada nos momentos de socialização, de percepção da autonomia em relação à família, de aquisição de conhecimentos junto ao grupo e das emoções despertadas por essa convivência, durante a aquisição dessa bagagem no período de formação da rede social no programa.

O fato de as participantes finalizarem sua experiência na UATI com diversas marcações significativas assegura que a abrangência da participação em programas como esse pode ter efeitos importantes na vida dessas pessoas, com geração de possíveis divisas para momentos de convívio social.

Cabe ainda ressaltar os sentimentos de esvaziamento e tristeza que algumas participantes relataram. Embora a avaliação das experiências sobre o término do programa

não tenha sido objetivo deste estudo, pode-se inferir que a tristeza das participantes esteja relacionada ao medo de perder o pertencimento da rede de suporte social construída durante o programa, em uma espécie de luto pela finalização da vivência. Esse é um aspecto relevante na participação de programas descontínuos em UATI, pois em algum momento os participantes precisarão gerenciar a finalização da experiência. Nesse caso, a manutenção das redes sociais significativas decorrentes da experiência compartilhada em uma UATI pode contemplar a continuidade da interação social como processo permanente de apoio ao envelhecimento saudável, tanto sob a forma de novas atividades e programas nos mesmos ou diferentes contextos educacionais, como por meio de interações de iniciativa privada, a partir da rede pessoal construída dentro do programa. Essa rede social mais significativa poderia funcionar de modo contínuo em uma função retroalimentadora, para que o processo do envelhecimento ativo perdure *a posteriori*. Nesse sentido discute-se, na próxima categoria, as formas encontradas pelas participantes para a manutenção dessa rede de convívio social após a finalização do programa.

5.1.5 Formas de manutenção da rede social após o término do programa.

As participantes, por unanimidade, afirmaram que houve manutenção da rede social da UATI que frequentaram naquele período do programa. Perceberam isso através da convivência que se estendeu após o programa, tanto por meio de grupos pessoais presenciais e virtuais, como também pela participação subsequente em programas adicionais e outras atividades promovidas pela mesma instituição e também por outros locais.

A construção de momentos pessoais presenciais no pós-programa foi relatada por Caroba, que contou como foi o primeiro encontro assim que o programa finalizou e outras programações que surgiram a partir disso:

Ó, todos, **todos a gente não tem, mas nós fizemos o primeiro encontro assim**, depois de terminar a UAM, **foram mais de... foram umas quarenta pessoas**, trinta e poucos...quarenta(...). Fomos lá na [cita o local], que é na Praça [cita o nome] (...) é uma confeitaria, seria uma confeitaria **e daí a gente foi lá e daí a gente continuou**, mas não indo na [cita o local], porque na [cita o local] , para alguns, era muito alto o preço né, então a gente continuou **indo em outros lugares que nós achamos**, assim, com os preços melhores e tudo. **A gente tem ido ao cinema também. Uma vez por mês, nós vamos no cinema. Eu não ia no cinema há 30 anos mais ou menos... e eu comecei a ir ao cinema.** Então, a gente tem uma vez por mês assim, a gente escolhe um filme que, assim, todo mundo dá um palpite. O último filme nós assistimos porque uma delas tinha ingressos (...). (Caroba, 69 anos).

A participante Ipê Amarelo contou como a comunicação digital lhe ajuda a manter o contato social em dia, intensificando a proximidade com algumas pessoas em particular e ajudando no planejamento dos encontros presenciais:

Bom, **a gente ficou se comunicando no *Whatsapp***, e de amizade mesmo, eu fiquei muito amiga da [cita o nome], da [cita o nome] mais ou menos. **Inclusive a gente, uma vez por mês, eu e a [cita o nome] a gente sai, vai almoçar, vai no shopping, vou na casa dela, ela vem na minha casa.** (Ipê Amarelo, 67 anos).

Em relação aos encontros virtuais, Flamboyant também explicou que as redes sociais tecnológicas colaboraram para essa proximidade no pós-programa e na manutenção dessa interação. Ela declarou como isso funcionou: **“Nós temos um grupo no *Whats*, né? Temos dois grupos, um que foi da unificação das salas e o outro que era só a nossa”** (Flamboyant, 66 anos).

Diversos modelos de interação digital formam caminhos para o convívio social, com camadas de socialização, suporte emocional e emancipação social. As palavras de Caroba

atestam esse fato, revelando que os grupos virtuais dos quais faz parte funcionavam como extensão do programa e seguiam mobilizando sua autoestima e renovando sua força vital.

No *Whatsapp* (...) nós temos o da UAM que chama-se R9, que é um Renove... continua, sabe? E temos “As Poderosas”, que é as mais íntimas (...). Depois tem o grupinho do EnvelheSendo. (...) É, nós temos todos esses grupos, que a gente continua participando. (...) A gente também curte as... nós somos amigas no *Facebook* também, mas a gente se comunica tudo pelo *Whatsapp*, quem vai, quem não vai, quem fica. (Caroba, 69 anos).

De acordo com Sluzki (1996), as redes de suporte social compõem um dos fatores centrais da experiência individual de identidade, protagonismo, satisfação e capacidade. Esse aspecto está representado na dimensão do convívio social estabelecido pelos egressos da UATI em estudo.

As participantes expressaram que, quando não se faz possível o encontro presencial, as redes sociais tecnológicas propiciam o encontro virtual, com a retroalimentação da interação social do grupo mantendo a rede ativa. A participante Guamirim, ao explicar suas limitações para estar de forma presencial, reitera o quanto a rede social tecnológica favorece o movimento de manutenção do acesso interpessoal.

Eu não tive muito mais contato visual, físico, eu tenho mais contato só pelas redes, pelo *Whatsapp*. Fazem encontro de café colonial, fazem essas coisas, mas como eu cuidava da minha neta, então eu não tinha muito como ir. Então agora, este ano, que eu não tenho mais a minha neta, é que eu quero começar novamente a me dedicar a me encontrar com eles. (...) E eles fazem questão, eles não desistem de você. Porque tanto os colegas como o próprio museu, mesmo eu não indo a nada, que já faz, já vai fazer um ano em junho, nós estamos em junho. É que terminamos, e eles mandam, eles não desistiram de mim. (...) O convite que vem, entende? Quer dizer, eles não desistem da gente. (Guamirim, 72 anos).

O relato de Paineira indica que houve programas presenciais, como viagens, nos quais nem todos os participantes conseguiram estar; por meio das redes sociais tecnológicas, então, muito apoio mútuo aconteceu em momentos distintos e de dificuldade de alguns deles:

É, estava impossibilitada de viajar, não tive como. (...) E o pessoal viajaram muito, até nesse final de ano mesmo, muitos se reuniram e viajaram, sabe? Mas como eu não pude, então. (...) Mas a gente sempre se fala, a gente tem o *Whatsapp*, tem o *Facebook*, então a gente está sempre se falando. Qualquer problema de saúde, eles postam ali, todo mundo faz uma oração, faz aquela corrente, são muito solidários um com o outro. (Paineira, 66 anos).

Como referem Guimarães, Ito, e Yamanoe (2019) em seu estudo, nos dias atuais é possível reconhecer que os idosos têm tentado se apropriar de diversas tecnologias que possibilitam conectá-los através da internet em seu cotidiano. A chamada Inclusão Digital, através do estímulo às capacidades cognitivas, pode promover níveis de bem-estar e saúde mental entre os idosos, incluindo sentimentos de conforto emocional e social por meio da participação em grupos e comunidades virtuais e também em outras redes sociais virtuais, o que era incomum até algum tempo atrás. A investigação desses autores verificou que a Inclusão Digital pretende articular a apropriação tecnológica junto ao aumento da amplitude do desenvolvimento integral da pessoa idosa, incluindo seu repertório social em um contexto educacional tal qual uma UATI. Eles concluem que ampliar as conexões da pessoa idosa se traduz em favorecimento para o seu contexto educacional e social (Guimarães, Ito, & Yamanoe, 2019).

Da mesma forma, os achados de Quadros, Rodrigues, e Oliveira (2017) salientam que o processo de aquisição digital gera a emancipação da pessoa idosa frente à potencialização de seu repertório, além de colaborar substancialmente para seus processos de convívio social.

Em outro relato, uma participante comenta de forma similar que nem todos participavam dos encontros após a finalização do programa, por questões de saúde e também por recusa própria, como no caso dos participantes masculinos:

Uma faleceu agora no começo desse ano, que a gente, eu pelo menos convivia, ligava, pra saber como ela estava. Ela fez a UAM, mas ela faltou muito... A [cita o nome], ela estava com [cita a doença] e Deus chamou ela. E os outros, **teve alguns senhores que participaram, e esses a gente, eles nunca aceitaram, se afastaram. A gente procurou pra manter, a gente faz café, se reúne em cafés...** tem uma que ela foi, no ano passado, ela foi pra [cita a cidade], então quando ela vem pra cá, ela liga e a gente se reúne todos juntos. **Pra sempre manter aquele grupo de amizades.** (Jabuticabeira, 71 anos).

Paúl (2005) realizou uma investigação sobre o processo de envelhecimento em Portugal, para estudar mais profundamente as redes de apoio social. Percebeu diferenças marcantes entre mulheres e homens, no número de pessoas confidentes que faziam parte de suas redes, sendo significativamente em número maior para as mulheres. Talvez esse achado explique o caso da menor adesão dos homens nas redes sociais significativas neste estudo. Ainda outro aspecto se refere à feminização da velhice; o fato de que as mulheres são maioria significativa nessa faixa etária, apresentando maior índice de longevidade, também pode justificar a presença menor de homens nesses encontros pós-programa, uma vez que também estão em número mais reduzido na participação da UATI. Cabe lembrar que a maioria das participantes deste estudo era separada e morava sozinha.

O depoimento de Araucária também registra que alguns não participavam dos encontros e recusavam os convites por razões particulares – como inclusive ela mesma, que devido a uma importante dificuldade de locomoção, percebe que sua adesão fica prejudicada para o aceite de muitos dos convites enviados pelo grupo.

Acho que duas vezes... acho que foi café também... foi, **porque não é sempre que eles podem fazer e que eu posso ir, entendeu?** Por exemplo, **quando está chovendo eu não posso sair, porque eu ando com [cita o objeto que usa], ando devagar, é difícil.** Então quando eu posso, eu vou... é, nem todos, muita gente trabalha, ou então mora longe, **e como eu disse, num dia chove, surge um problema, aí não vai todo mundo.** (Araucária, 87 anos).

Outras instituições promovem variadas atividades para essa faixa etária, divulgadas pela instituição promotora da UATI do presente estudo e pelos próprios participantes; isso faz com que as redes sociais fiquem estendidas por meio de cursos complementares ou mesmo de atividades distintas, que promovem uma continuidade no aprimoramento da convivência e na oportunidade da contínua busca do conhecimento. Isso foi evidenciado na fala de Quaresmeira, que explica como acontece a formação dessa rede maior: “Eu acho que houve [se refere à formação da rede social significativa após o programa] (...). Eu acho, por exemplo, **tem uma amiga também que eu arrumei pra ela fazer lá no [cita o local] a ginástica,** tudo isso através, ela não sabia, não conhecia”.

O depoimento de Paineira revelou que algumas participantes conseguiram manter a convivência participando de atividades físicas em outro estabelecimento dentro de um *shopping* da cidade:

No cinema, muito bom, a gente se encontra, se abraça, se beija. **E agora está juntando mais uma turminha, essas pra ir lá no Shopping [cita o nome], então amanhã é dia. Já tem uma turminha, uma já foi na semana passada.** (Paineira, 66 anos).

Na mesma Universidade há algumas atividades pós-programa, às quais muitos participantes aderem, mantendo-se presentes na mesma instituição e fazendo com que a rede de convivência entre os egressos seja incentivada a continuar.

Através da amizade, através dos contatos, **através da aula que eu continuo fazendo lá, agora é o grupo EnvelheSer, que é de alongamento e dança. Então eu estou lá ainda, até hoje.** (Jaboticabeira, 71 anos).

Os achados desta investigação corroboram os dados encontrados por Neri (2005). Segundo o autor, as relações que promovem experiências emocionais significativas são as mais satisfatórias para favorecer a sensação de bem-estar subjetivo das pessoas envolvidas. Condizem também com o estudo de Cachioni et al. (2017), que avaliou os níveis de bem-estar subjetivo e psicológico a partir da participação em uma UATI e ressaltou que os contatos sociais regulares atuam como suporte emocional entre os idosos, sendo esse um contexto importante para o incentivo das interações sociais.

À vista disso, os resultados desta categoria esclareceram que houve manutenção do convívio social entre os egressos, que conseguiram reabastecer essa rede por meio dos encontros presenciais, virtuais e na continuidade de novas práticas comunitárias, através da educação ou mesmo pelas práticas físicas nas instituições. Por conta do reconhecimento dessa rede por parte das participantes, investigou-se, na próxima etapa, sua compreensão conceitual do tema.

5.1.6 Concepção de rede social significativa e percepção das suas repercussões na etapa do envelhecimento.

As participantes compreenderam o conceito de rede social significativa fundamentalmente como momentos de convivência social e de desenvolvimento pessoal. Essa mescla de fatores relacionados à coletividade, sem desprender-se de aspectos da própria individualidade, mostrou a importância de perceber que o programa integra todas essas esferas.

Para Quaresmeira esse conceito compreendeu uma dimensão relacional e ao mesmo tempo individual: “Eu entendo que pra mim, **é uma forma de você não ficar sozinha, de você ser mais útil às pessoas, eu sinto que eu sou mais útil...**”. Para Jabuticabeira a questão da convivência social também foi realçada, quando explicou que o contato teria que continuar para não perder o vínculo da amizade que havia sido construído.

O relato de Guamirim destaca esse aspecto do fortalecimento que a rede social significativa possibilita a cada pessoa, em distintas formas:

(...) é aquela que as pessoas têm necessidade, **de ter um tempo, de estar juntas, ou só jogar conversa fora, ou fazer algum curso juntas, ou dançar, fazer um curso.** É aquela coisa que eu digo, às vezes sair do conforto, de não ficar em casa. **E quando você tem pessoas da tua idade, da tua convivência, que você se dá bem, é muito bom estar junto (...).** Então essa rede é que fortalece. (Guamirim, 72 anos).

O relato de Flamboyant também apresenta a concepção de rede social como momento de convivência:

Ah, muito importante. (...) É importante, pois o caminhar nessa fase que a gente está, **a não ser que você seja muito autossuficiente,** porque é uma coisa assim que vai de, eu não sei, eu tiro assim, tem pessoas que vivem, “Ah! Eu quero minha velhice tranquila e tal”, eu também quero minha velhice bem tranquila, **quando eu tiver meu momento de viver sozinha, estar sozinha, de fazer minhas orações, de fazer minha meditação, quem que não quer né? Mas eu acho que, você ter o convívio com outras pessoas também é importante (...).** É fundamental. (Flamboyant, 66 anos).

O mesmo ocorreu com Paineira, que enfatizou aspectos da convivência social:

Esse contato que a gente consegue ter com as outras pessoas, que você consegue chegar, falar um bom dia, porque muitas pessoas nem bom dia te falam. Chegar, falar um bom dia, **um abraço, um beijo, nas amigas. Ou mesmo pessoas que você não conhece, quando te apresentam, você se achega, tem um sentimento, um carinho, uma coisa assim, gostosa, que a pessoa tem a vontade de te ver de novo.** (Paineira, 66 anos).

Cabe aqui resgatar o conceito de rede social pessoal ou rede social significativa utilizado por Sluzki (1997), que circunscreve as fronteiras do sistema significativo de uma pessoa, incluindo o conjunto total de vínculos interpessoais que é percebido por ela como significativo. Moré e Crepaldi (2012) retomaram esse tema enfatizando o conceito de redes sociais como forma de a pessoa sentir-se reconhecida pelo outro, além de compreendida e aceita em seus pensamentos, emoções e atitudes frente aos diversos sistemas ou grupos sociais pertencentes.

Esses resultados atestam que o convívio social demonstra ser a melhor forma de buscar esse reconhecimento do outro e de ter sua identidade legitimada nos variados contextos sociais. As participantes detinham uma concepção de rede social significativa como fator de garantia para que as construções sociais realizadas ao longo do período de convivência no programa pudessem perdurar, com o objetivo de manter os vínculos criados. Com isso, esses vínculos poderiam ser alimentados pela convivência física, afetiva e social, reproduzida com reciprocidade entre os membros da rede pessoal significativa.

A articulação entre a rede social significativa a partir da participação em uma UATI e a vivência simultânea da fase do envelhecimento demonstrou ser uma equação considerável, justamente pelos pontos anteriormente abordados pelas participantes na conceptualização de rede social significativa; ou seja, tanto a convivência social como os desafios para o desenvolvimento pessoal se mostraram notórios. Questões ligadas ao suporte afetivo na convivência também foram incluídas em algumas reflexões realizadas pelas participantes.

A forma como elas entrelaçaram essas experiências demonstrou isso, como revela a declaração de Guamirim:

Elas agregaram muitas coisas na minha vida nesse ano da (...), como eu te disse, eu estava num ano de conforto. E quando eu fui pra (...), que eu saí do conforto, além de eu me divertir muito, de eu brincar muito, elas me proporcionaram um outro modo de ver, de pensar, de dar valor à nossa idade, à nossa vida, dar mais importância ao hoje, agora. Não no futuro, porque nós não temos mais muito futuro, nós temos que viver o hoje agora. (Guamirim, 72 anos).

Nesse mesmo sentido, para Quaresmeira, o compartilhamento dessa experiência foi evidenciado:

Eu aprendo muito com cada uma delas, cada um a gente vê as atitudes, a gente vê assim, a vivência da pessoa. Aí a senhora começa a ver que, meu Deus, passei por muitas coisas, mas olha, tem pessoas que também já passaram. Então é uma troca, e isso pra mim não tem preço, não saberia nem explicar. (...) E por isso que eu digo, eu acho que a gente vai num asilo, a gente vai lá, vê aquelas pessoinhas. E hoje eu penso assim, se elas tivessem tido essa oportunidade que a gente teve, talvez não estariam nem aqui. Porque tem muitos que tão, com a memória lúcida. (Quaresmeira, 65 anos).

No caso de Ipê Amarelo o registro foi significativo, mostrando a mudança real em sua vida: “Eu acho que pra mim foi muito importante, porque eu não tinha amigos. (...) Eu acho assim, que quem me conheceu antes da UAM e depois da UAM, diz que é outra pessoa”.

De acordo com Peixoto et al. (2017), os idosos participantes de uma UATI estão propensos a ter melhor consciência da qualidade de vida global, essencialmente nos aspectos relacionados à convivência social que repercutem positivamente nesse momento do ciclo de vida. Essa afirmação vai ao encontro dos depoimentos deste estudo, como Ipê Amarelo notificou em sua transformação social.

O depoimento de Paineira mostrou a importância da rede no momento pessoal que estava vivendo com a saúde de seu esposo, reforçando o quanto a rede pôde funcionar positivamente nesse momento de dificuldade pessoal.

Como que eu digo, **um apoio, que qualquer coisa que você precise**, e de repente acontece qualquer coisa, **como o meu marido teve [cita a doença]**, depois [cita a doença] ele teve uma [cita o quadro de saúde]. **Então é um desespero, e é só postar ali que chove relacionamento, sabe? Orações, palavras de conforto, de amizade, é muito bom.** (Paineira, 66 anos).

Na entrevista de Jabuticabeira, suas palavras clarificam que a rede social da UATI tem uma função de confiança e suporte:

É ótimo, é uma boa recordação dessas amizades, é ótimo demais pra mim. Porque eu não tenho contato assim, de conversar, de desabafar, de procurar a minha família, e tem muitas coisas que eu me reservo até pras minhas filhas. Mas com alguma dessas a gente expõe alguns problemas. (Jabuticabeira, 71 anos).

Para Araucária, a intimidade despertada por esse vínculo produziu laços importantes:

“Foi, a amizade delas, que eu posso ligar pra elas, elas ligam pra mim, foi a amizade”.

Essa investigação registrou que as redes sociais formadas pelas participantes a partir da experiência compartilhada em uma UATI contribuíram positivamente para seu processo de envelhecimento ativo e qualidade de vida. Em vários depoimentos essas redes foram referidas como experiências significativas durante o envelhecimento, na esfera das inter-relações sociais e do desenvolvimento da autonomia, emancipação e cidadania da pessoa idosa em seus diversos contextos.

Esses dados corroboram o estudo de Gouveia et al. (2016), que confirmou a importância das redes sociais para a qualidade de vida na velhice e relacionou as características das redes sociais com aspectos da qualidade de vida da pessoa idosa. Os autores mencionaram que, independentemente do conceito de qualidade de vida que se define ou se aplica às investigações, os estudos têm verificado de modo consistente as repercussões benéficas das redes sociais sobre a qualidade de vida e o bem-estar dos idosos.

Como citam Castilho, Medeiros, Santos, Amaral, e Silva (2020) em seu estudo, as UATI constituem ambientes físicos propícios, formando espaços sociais que valorizam os idosos e promovem sua participação de acordo com as políticas públicas existentes através de convivência, troca de experiências e atividades interativas, em um processo educacional voltado para o enfrentamento do envelhecimento ativo.

Após essa etapa de apresentação e discussão do primeiro agrupamento de resultados sobre a UATI como contexto educacional que pode favorecer a formação de rede social entre seus participantes, apresenta-se o segundo agrupamento de resultados, sobre as redes sociais significativas formadas pelos egressos da UATI; esses resultados foram obtidos a partir da utilização do instrumento gráfico Mapa de Rede.

5.2 As Redes Sociais Significativas, Formadas Pelos Egressos UATI, a Partir da Utilização do Instrumento Gráfico Mapa de Rede

Em relação aos dados coletados por meio do instrumento gráfico Mapa de Rede, que foi aplicado em cada uma das participantes ao final das entrevistas, alguns elementos foram identificados, caracterizados e analisados neste estudo a partir da formação da rede social significativa do egresso da referida UATI e sua localização no quadrante referente às relações comunitárias.

Os elementos definidos para a análise da rede social significativa fazem parte das características estruturais, funções e atributos da rede. Em termos de características estruturais, foram selecionados para o estudo: tamanho; composição ou distribuição; presença de diferenças culturais e socioeconômicas; e dispersão.

Quanto às funções da rede, foram adotadas todas as categorias recomendadas por Sluzki (1997): companhia social; apoio emocional; guia cognitivo/conselhos; regulação social; ajuda material e de serviços; e acesso a novos contatos.

Sobre os atributos dos vínculos da rede, foi selecionada a frequência dos contatos.

A Tabela 3 sintetiza todos os resultados obtidos com os mapas de rede das participantes desse estudo.

Tabela 3
Resultados dos mapas de rede das participantes

Rede social significativa		Características estruturais						Funções da rede						Atributos do vínculo			
Participantes	Tamanho	Composição ou distribuição			Presença de diferenças culturais e socioeconômicas		Dispersão		a) Companhia social b) Apoio emocional c) Guia cognitivo/conselho d) Regulação social e) Ajuda material e de serviços f) Acesso a novos contatos						Frequência dos contatos		
		Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível Hom. (1)	Het. (2)	Perto (bairro vizinho)	Longe	a	b	c	d	e	f	Presencial	Meios de comunicação (fone e virtual)	
Flamboyant	6	01	02	03	X		01	05	06	01	00	00	02	00	00	Semanal	Diário
Caroba	11	02	04	05	X		03	08	08	03	01	00	05	01	00	Semanal	Diário
Guamirim	14	06	06	02	X		00	14	11	02	01	00	00	00	00	Ocasional	Diário
Quaresmeira	27	13	08	06		X	01	26	06	08	00	00	02	00	00	Ocasional	Diário
Ipê Amarelo	9	03	03	03	X		01	08	06	01	01	00	00	00	00	Mensal	Diário
Paineira	24	17	07	00		X	01	23	04	04	00	00	00	00	00	Mensal e bimestral	Diário
Jabuticabeira	14	09	04	01		X	01	13	10	06	01	00	00	00	00	Semanal	Diário
Araucária	12	08	04	00	X		00	12	04	03	00	00	00	00	00	Ocasional	Quinzenal
Total geral (todas as citações)	117	59	38	20													
Total sem as repetições	56	40	27	20													

Fonte: a autora (2020).

As demarcações gráficas deste estudo correspondem aos mapas de rede dos egressos da UATI, que se referem ao nicho interpessoal (Sluzki, 1997), representado nesse estudo por meio da reprodução dos seus dados principais, de forma individual, e, ao final, de forma coletiva do grupo das entrevistadas (Apêndices E, F, G, H, I, J, K e L).

Um diagrama foi criado para demonstrar a relação entre as participantes, com base na menção dos nomes nos mapas de rede (Apêndice D).

Os elementos selecionados para este estudo puderam ser ilustrados por meio dos relatos das participantes, como registrado a seguir.

5.2.1 Características estruturais.

5.2.1.1 Tamanho.

Em relação ao tamanho de cada rede social significativa formada a partir da experiência na UATI, cada uma das participantes indicou sua quantidade de pessoas. A menor rede foi a de Flamboyant, que apresentou seis pessoas, e a maior foi a de Quaresmeira, com 27 pessoas. As redes mais próximas do tamanho médio foram as de Jabuticabeira e Guamirim, cada uma com 14 pessoas.

O tamanho de cada rede demonstrou ser variável frente às diferentes quantidades de pessoas identificadas como significativas da fatia da UATI, no quadrante comunidade. Nesse elemento, as participantes indicaram o número de pessoas significativas da UATI e também puderam nominá-las, entre colegas e pessoas da coordenação.

As marcações nos mapas de redes de todas as participantes somaram 117 pessoas, incluindo algumas repetições nos mapas de rede. Considerando essas repetições, foram

citadas como pessoas significativas em todos os mapas um total de 56 participantes da UATI. Em relação ao número de menções, 28 participantes foram mencionados uma única vez; dez participantes foram mencionados duas vezes cada; cinco participantes foram mencionados três vezes cada; 11 participantes foram mencionados quatro vezes cada e dois participantes foram citados por cinco das entrevistadas. As participantes do estudo eram todas do gênero feminino, mas assinalaram oito participantes do gênero masculino em suas redes, sendo que cinco deles foram citados por uma das participantes, dois mencionados por duas e um deles por três participantes.

As entrevistadas também foram mencionadas entre si nos seus mapas de rede, sendo que uma delas (Flamboyant) não mencionou nenhuma das outras entrevistadas e não foi mencionada por elas também. Caroba e Jabuticabeira foram as mais mencionadas, por quatro entrevistadas. As menos mencionadas entre as participantes foram Ipê Amarelo e Araucária, citadas apenas uma vez. A reciprocidade, em que ambas as participantes se mencionam, ocorreu entre Ipê Amarelo e Quaresmeira; Quaresmeira e Paineira; Paineira e Araucária; Paineira e Caroba; e finalmente entre Caroba e Jabuticabeira. Paineira foi a participante que assinalou mais vezes a reciprocidade entre a rede cruzada das entrevistadas (Apêndice D).

Segundo Gouveia et al. (2016), em geral o tamanho da rede social tem sido associado positivamente aos níveis de bem-estar da pessoa idosa, mas nem todos os estudos indicam essa correlação. De acordo com Sluzki (1997), as redes de tamanho médio (de oito a dez pessoas) seriam mais efetivas do que as pequenas (risco de sobrecarga dos cuidados da relação) ou mesmo as maiores (risco de dispersão ou perda de interesse dos cuidados da relação). O autor acrescenta que a rede social das pessoas idosas se reduz por desgaste e por falta de renovação em função do passar do tempo, sendo esse um dos fatores que afetam o tamanho da rede. De acordo com a indicação de Sluzki (1997), a rede de tamanho médio

ficaria ao encargo de Ipê Amarelo, com nove pessoas. As maiores, com mais chance de sofrer dispersão, seriam as redes de Quaresmeira e de Paineira. A menor rede, da participante Flamboyant, não estaria tão pequena, de acordo com a recomendação de Sluzki (1997).

Observou-se neste estudo, a partir do número total mencionado por todas as participantes, que as redes de Guamirim e Jaboticabeira tinham o número médio de integrantes, comparado às demais redes. Embora Sluzki seja um grande estudioso nesse tema, seu principal estudo data de 1997; por isso, com a chegada da rede social tecnológica principalmente na última década, que tem contribuído amplamente para a manutenção da rede social significativa das pessoas idosas, como também se verificou nos resultados desse e outros estudos, poderíamos questionar essa redução da rede social dos idosos a partir da participação em uma UATI. Caroba inclusive citou três grupos de *Whatsapp* que foram desenvolvidos por sua rede social, denominados “R9 – Renove”, “As Poderosas” e “EnvelheSendo” demonstrando vigor, potencialização e emancipação dos integrantes após a participação no programa.

5.2.1.2 Composição ou distribuição.

A distribuição ocorreu em níveis de mais proximidade, média proximidade e menos proximidade na composição. A participante que apresentou mais pessoas no Nível 1 de sua rede foi Paineira, com 17 indicações para mais proximidade. Flamboyant indicou uma pessoa nesse nível de proximidade. No Nível 2, de média proximidade, a maior indicação foi a de Quaresmeira, com oito pessoas citadas; a menor foi a de Flamboyant, com duas pessoas. No Nível 3, Paineira e Araucária não indicaram ninguém, enquanto Quaresmeira mencionou seis pessoas, sendo o maior número para esse nível. É preciso considerar, entretanto, que esses

números devem ser contextualizados conforme o tamanho da rede de cada uma, conforme apresentado na Tabela 3.

Em relação ao total de marcações dos mapas de rede na composição ou distribuição entre todas as participantes, há a indicação de 59 pessoas distribuídas no Nível 1 de mais proximidade das participantes, 38 pessoas distribuídas no Nível 2 e 20 pessoas distribuídas no Nível 3, de menor proximidade. Entretanto, alguns do total dos 56 participantes da UATI citados, como constatado na característica tamanho, foram mencionados mais de uma vez entre as diferentes entrevistadas, em relação a cada um dos níveis. Descartando essas repetições – ressaltando que a análise foi feita **por nível** –, foram assinalados em cada nível de proximidade como rede social significativa da UATI um total de 40 pessoas no Nível 1, 27 pessoas no Nível 2 e 20 pessoas no Nível 3. No Nível 1, um participante foi mencionado quatro vezes (desconsiderou-se três repetições), cinco participantes foram mencionados três vezes (desconsiderou-se duas repetições), seis participantes foram mencionados duas vezes (desconsiderou-se uma repetição) e os demais, uma vez. No Nível 2, nove participantes foram mencionados duas vezes (desconsiderou-se uma repetição) e um participante foi mencionado três vezes (desconsiderou-se duas repetições); os demais foram mencionados somente uma vez. Em relação ao Nível 3, todas as menções ocorreram somente uma vez e assim foram consideradas.

Os dados perfazem um total de 87 pessoas distribuídas pelos três níveis de proximidade, sem repetição dentro de cada nível. Frisamos que esse número é superior ao total de 56 participantes porque algumas pessoas foram mencionadas mais de uma vez, embora em diferentes níveis de proximidade. Isso ocorreu com 24 dos 87 participantes totais dessa característica de distribuição, sendo que 18 foram citados em dois diferentes níveis de

proximidade e seis deles foram citados nos três níveis de proximidade (Níveis 1, 2 e 3), no conjunto de mapas de rede das entrevistadas (Tabela 3).

Em um comparativo, Flamboyant e Caroba colocaram menos pessoas mais próximas e mais pessoas, com menor proximidade. Ipê Amarelo distribuiu igualmente todos os níveis de proximidade. As demais participantes distribuíram, ao contrário, mais pessoas próximas e menos pessoas com menor proximidade.

De acordo com Moré e Crepaldi (2012), a composição ou distribuição se refere à posição que cada membro ocupa nos quadrantes e nos círculos. Para Sluzki (1997), redes muito localizadas são menos flexíveis e geram menos movimentação, fazendo com que as relações fiquem centralizadas proporcionalmente mais, nas relações do círculo de convivência mais próximo. Como indicado por Neri (2005), a qualidade da rede de suporte da pessoa idosa não se respalda na quantidade, mas na qualidade de suas interações.

O estudo de Gouveia et al. (2016) analisou a correlação entre o nível de proximidade emocional do idoso em relação aos integrantes da sua rede ou número de pessoas emocionalmente perto do idoso e a qualidade de vida e bem-estar. Os autores salientam que proximidade emocional alta tem sido associada a graus mais altos de qualidade de vida e bem-estar nessa fase da velhice. Assim, os idosos podem reforçar seus vínculos sociais como forma de compensar o risco da formação desses obstáculos nessa etapa do ciclo vital, focalizando seu interesse em poucos membros sociais, mas com grande repertório de níveis de satisfação relacional.

Desse modo podemos pensar que surge uma ressalva, pois poderia produzir uma invasão de alguns limites e fronteiras existentes entre os integrantes da rede, justamente pelo nível de proximidade da relação e da convivência ficar mais elevado. Neste estudo, particularmente, as entrevistadas não realizaram nenhuma queixa de falta de limite por parte

de algum integrante de sua rede; ao contrário, mantiveram mais pessoas no Nível 1, comparado aos Níveis 2 e 3, nessa ordem decrescente.

Houve, entretanto, duas participantes (Flamboyant e Caroba) que distribuíram menos quantidade no Nível 1 em relação aos outros níveis das suas redes. Isso poderia sugerir que essas participantes podem ter tido mais cuidado para essa aproximação maior com as pessoas da sua rede social significativa. Em contrapartida, também poderíamos associar a uma maior dificuldade de conviver com níveis mais elevados de intimidade e proximidade. Uma delas (Flamboyant) tem o menor número de pessoas no tamanho da sua rede, comparado às demais, sendo que dos seis integrantes da sua rede, localizou apenas uma pessoa no Nível 1 de proximidade. Considerando a complexidade das relações, esse fato poderia também estar associado a algum fator de ordem pessoal e familiar, onde estão localizadas algumas das relações mais íntimas das pessoas, podendo gerar uma espécie de sistema compensatório em relação aos demais quadrantes. Cabe ressaltar que as atividades e encontros promovidos pela UATI geraram condições para o estabelecimento de relações consideradas de proximidade para a formação de redes sociais mais significativas.

5.2.1.3 Homogeneidade/heterogeneidade.

Esta característica estrutural da rede demográfica e sociocultural corresponde à avaliação da idade, sexo, cultura e nível socioeconômico dos membros da rede, identificando diferenças e semelhanças entre eles.

Dentre as oito participantes, cinco perceberam homogeneidade em suas redes sociais significativas. Alguns depoimentos, como os de Guamirim, Araucária e Caroba, demonstram

isso: **“Não, pelo menos eu não senti nenhum...”** (Guamirim, 72 anos) e **“Não, não, acho que é tudo meio igual”** (Araucária, 87 anos). Caroba explicou:

Não, todo mundo assim. **Sinto que tem alguma que gosta de se achar**, assim, muito, **mas não vejo nada...** pra mim eu não vejo nada de (...). Às vezes a gente fala “ai, esse mês acho que eu não posso gastar”, a (...) fala **“não posso gastar, gente”**, daí eu falo “também não posso”, aí outra hora eu to devendo aí... tem uma lá que, a (...), ela faz viagens assim, foi pra [cita o país], foi no Cruzeiro [cita o nome], então ela faz tudo empréstimo, daí ela fala “gente, não me convidem pra nada” (risos). (Caroba, 69 anos).

As outras três participantes indicaram heterogeneidade entre os participantes em sua percepção. Quaresmeira por exemplo, explicou dessa forma esse aspecto:

Tem, tem (...). Tem diferenças (...), eu acho que **era mais gritante quando estava no curso (...)** porque eu acho assim, **que elas se uniram também assim, as que tem mais condições, ficou mais juntas (...)**. Existe, e acho assim, que tem pessoas que talvez, sei lá, tanto é que elas duas, não ficavam mais assim. [Pesquisadora indaga se elas estão representadas ali no mapa de rede dela: E elas estão representadas aqui?] Estão, e uma delas está lá pra fazer alongamento. (Quaresmeira, 65 anos).

Paineira também apresentou essa percepção em seu discurso, dizendo: “Tem, bem variadas, mas as pessoas se comportam como todos... Existem”. E Jabuticabeira explicou com mais detalhes sua compreensão sobre as diferenças:

(...) dentro do um ano da UAM **essas quatro pessoas aqui, elas não se chegavam muito**, elas se chegaram ao nosso grupo, a nós, agora no EnvelheSer. **Mas elas tinham assim, a gente notava que era um nível a mais...** é, tanto que [cita 3 participantes] são pessoas formadas, pessoas aposentadas **e elas nunca demonstraram assim ambição, que eu vi nesse casal durante a UAM. Porque tinham pessoas simples, tinham pessoas bem ambiciosas, que nem cumprimentavam...** é, depois que passamos pro EnvelheSer, eles se chegaram com a gente assim... **agora, como diz, aquele preconceito acabou.** (Jabuticabeira, 71 anos).

No que se refere à homogeneidade da rede, algumas participantes perceberam características idênticas entre os seus integrantes, sem vantagens ou inconvenientes entre si, ao contrário das que verificaram maior heterogeneidade, nos aspectos socioeconômicos e nos níveis de escolaridade e formação profissional.

No caso deste estudo, as três participantes que indicaram perceber aspectos de heterogeneidade em algum dos integrantes da rede estavam mencionando pessoas que selecionaram como parte da sua rede social significativa, não demonstrando, que a diferença percebida impusesse impossibilidade para essa inclusão na rede social significativa.

5.2.1.4 Dispersão.

A dispersão diz respeito à distância geográfica entre os integrantes da rede, trazendo informações sobre a facilidade para essa aproximação e oportunidade concreta para contatos mais rápidos frente a menores distâncias geográficas.

Caroba identificou três colegas da UATI que moravam próximo a ela e colocou cada uma em um nível de proximidade na composição, demonstrando que a distância geográfica não determina o nível de proximidade relacional:

(...) a [cita o nome] é porque **ela mora mais próximo e aí a gente se encontrava...** foi uma das primeiras que eu encontrei fora da UAM e **ela mora perto, aí eu comecei a dar carona** pra ela, entendeu? (Caroba, 69 anos).

A [cita o nome] é o seguinte, ela é da outra turma e a gente ficou amiga. **Muito querida**, a gente já foi ao cinema várias vezes juntas, fomos tomar café juntas, **só que como vizinhas a gente não... ela mora, tem esse prédio aqui, o outro; mas a gente não se... como vizinha, não. Ela não faz parte da minha vida.** Eu não andava de ônibus né, só de carro e elas me ensinaram. Como eu tinha o cartão, **elas me ensinaram a andar de ônibus, elas se preocupam comigo, porque, a [cita o nome], ela veio até aqui, ela mora lá pra cima, ela veio até aqui pra fazermos juntas o caminho, pra eu não ir sozinha,** porque eu tenho medo de assalto e essas coisas. Sempre alguma delas vem. (Caroba, 69 anos).

Quaresmeira descreveu que quatro colegas da sua rede social significativa moram próximas entre si, sendo que somente uma outra colega mora próximo dela.

Olha, a [cita três nomes], **elas moram mais próximas ... entre elas.** Não, **entre elas, perto de mim mais é só a [cita o nome], que é lá no [cita o bairro], só, não tem mais ninguém aqui próximo.** (Quaresmeira, 65 anos).

A participante Flamboyant citou duas colegas e explicou esse aspecto da dispersão: **“Elas são bem amigas. (...) Isso. Elas moram, eu acho, em [cita o bairro], as duas”.** Em outro trecho, citou duas outras participantes e argumentou: **“Aqui é por elas morarem aqui no [cita o bairro]. Elas têm mais facilidade de estarem mais juntas”** (Flamboyant, 66 anos).

Jabuticabeira comentou que apenas uma das participantes era sua vizinha de bairro.

A que mora mais próximo aqui é a [cita o nome], porque ela mora aqui no [cita o bairro] e eu moro no [cita o bairro]. Aí a [cita o nome] mora no [cita o bairro] mesmo, a [cita 3 nomes] as três moram no [cita o bairro]. Ai a [cita 2 nomes] **moram aqui no [cita o bairro]** e a [cita o nome] mora em [cita o bairro]... **Outras moram mais distantes.** (Jabuticabeira, 71 anos).

O estudo de Gouveia et al. (2016) menciona que há pouca literatura sobre esse tema; os autores não conseguiram identificar nenhuma correlação entre aspectos da dispersão da rede e qualidade de vida da pessoa idosa.

Na presente investigação não se percebeu impedimento para o convívio social entre as integrantes da rede frente aos distanciamentos geográficos existentes conforme os locais em que elas residiam. Mas, em contrapartida, quando existia alguma espécie de proximidade por bairro, a carona foi um dos destaques para a aproximação e funcionou como um dos elementos de função da rede social significativa das participantes enquanto estavam no programa e quando se tornaram egressos.

Apresenta-se, a seguir, as funções da rede social.

5.2.2 Funções da Rede.

As funções desenvolvidas por cada vínculo da rede social significativa acabam por cumprir uma troca interpessoal entre seus membros, na qual muitas vezes predominam determinados aspectos da convivência que caracterizam o tipo de vínculo. Essas funções foram estabelecidas inicialmente por Sluzki (1997) em uma listagem que inclui: companhia social; apoio emocional; guia cognitivo/conselhos; regulação emocional; ajuda material/serviços; e acesso a novos contatos. Tais funções podem ser observadas de modo predominante ou mesmo de forma associada entre si, quando as pessoas descrevem suas trocas interpessoais com as pessoas da sua rede social significativa.

O estudo de Moré (2005) ressaltou que as funções de uma rede estão relacionadas de forma bastante estreita à qualidade daquelas relações sociais que foram construídas, através

das quais se desenvolvem as principais características da história daquele vínculo, juntamente à sua frequência, reciprocidade e intensidade.

De acordo com Domingues et al. (2012), ao selecionar suas relações sociais mais significativas, as pessoas idosas compõem mais contatos voluntários e por isso estabelecem trocas mais equilibradas. Para Domingues, Ordonez, Silva, Barros, e Cachioni (2011), conhecer as relações da pessoa idosa em sua rede social mais significativa significa identificar essas trocas proporcionadas pelas interações sociais.

As participantes deste estudo mencionaram todas as funções relacionadas por Sluzki (1997), embora com predominâncias variadas. Cada uma dessas funções será examinada separadamente, com a veiculação de relatos que ilustram seu funcionamento.

5.2.2.1 Companhia social.

Esta função descreve o estar juntos e realizar atividades conjuntamente, compartilhando o cotidiano e suas rotinas. Percebeu-se que a simples presença de algum dos colegas na vida do entrevistado, em que momentos eram partilhados socialmente, já demonstrava que essa função era exercida em maior ou menor grau na rede que se formou. Algumas pessoas exerciam essa função de modo mais contínuo, com contatos cotidianos, ou mesmo eram simplesmente consideradas pessoas mais próximas nesse grau de significado pessoal. Outras eram companheiras de modo descontínuo, mas ainda assim a função ocorria de alguma forma.

Vemos, em vários depoimentos, trechos que demonstram como se dava essa construção da presença social entre as participantes, manifestada 58 vezes nos relatos das

participantes. Guamirim e Jabuticabeira mencionaram mais vezes essa função; e Paineira e Araucária, menos vezes.

Sabe, ela vai aonde...**“vamos? Vamos!”** e ela gosta de caminhar aí eu falo “eu não vou, então a gente se encontra em tal lugar”, entende? **Então ela é companheira (...). Eu fui numa festa** no [cita o local], a (...), eu falei **“ó, se alguém quiser ir, vamos, tô de carro”**, ela topou, ela topa qualquer coisa. (Caroba, 69 anos).

Assim de sair, **a gente sai, a gente vai almoçar fora**, sabe esses tipos de coisas. (Flamboyant, 66 anos).

Inclusive a gente, uma vez por mês, **eu e a [cita o nome] a gente sai, vai almoçar, vai no shopping, vou na casa dela, ela vem na minha casa.** (Ipê Amarelo, 67 anos).

Isso. **A gente continua se comunicando**, e assim que ela pode, **ela vem pra cá e a gente marca, um café, alguma coisa.** (...) **A gente conversava muito.** (...) Com a [cita o nome] também. (Paineira, 66 anos).

É, [cita dois nomes], **que a gente mantém aquele contato, um café numa casa, um café na outra casa, e quando a gente sai, a gente tá junto.** Tem mais pessoas, que daí uma convida, porque o meu grupo no caso é elas. (...) **É de conversa, de amizade, querem participar quando a gente viaja,** fala que viajou, que é pra convidar eles, **que eles também querem estar junto.** (Jabuticabeira, 71 anos).

Talvez é que assim, a gente conversando, como se diz? (...) que a gente às vezes conhece, tem amizade e tudo, mas não se identifica né? (...) tem essa, [cita o nome], **ela é bem mais chegada...** A gente se encontra pouco, a [cita o nome] também é legal. **Não teve assim uma coisa muito, sabe?** (Araucária, 87 anos).

Jabuticabeira explica o que diferencia a companhia social de um momento de maior abertura emocional, revelando que a reciprocidade é importante para ampliar a intimidade do vínculo de confiança: **“E as outras assim, a gente sabe delas, mas elas não se abriram. (...) é, só de encontro ali, de momento, eles não se abrem então a gente também não se abre”.** (Jabuticabeira, 71 anos).

As participantes ilustram com diversos exemplos os momentos em que compartilharam companhia entre as pessoas da sua rede demonstrando que, após a finalização do programa, conseguiram manter ativa essa rede social significativa em sua rotina de socialização. Frisamos que os dados foram coletados entre o 10º e o 20º mês após a finalização do programa. Esta foi a função que atingiu um número maior de menções nos depoimentos, ao descreverem a companhia social exercida, comparada às demais funções que serão descritas a seguir.

5.2.2.2 Apoio emocional.

Neste tipo de função da rede social significativa percebe-se um avanço no nível principalmente de confiança e intimidade, demonstrando maior empatia pela dor da outra pessoa diante de alguma vivência que impacte as emoções dos participantes, seja por identificação com experiências parecidas ou pela compreensão e escuta ativa do outro. Já não se trata apenas de fazer algo conjuntamente, mas saber algo da história do outro e ajudá-lo com algum tipo de suporte emocional, mesmo que seja simplesmente escutá-lo com compaixão.

As participantes deste estudo mencionaram 28 situações em que foi descrita essa função, revelando que se estabeleceu uma conexão segura entre as participantes e suas redes sociais significativas após a UATI. Todas descreveram exemplos da função, sendo que Flamboyant mencionou apenas uma vez e Quaresmeira fez oito menções a esta função em sua rede social significativa.

Alguns trechos nas entrevistas com Flamboyant, Guamirim, Ipê Amarelo, Paineira e Jabuticabeira revelam esse aspecto do vínculo entre elas e suas redes, em termos da função de apoio emocional:

Como se fosse assim uma irmã. Sabe, ela tem uma história assim, e **isso faz então que eu me identifique com ela**, mas no sentido assim, ela é uma pessoa retraída, não é muito de falar, **então a gente se fala de coisas que ela não iria falar para as pessoas.** (Flamboyant, 66 anos).

É, mas ela participa de tudo, **aquela companheira, que está ali do lado quando você precisa.** (...) É, a [cita o nome] **tem sempre uma palavra boa pra dar, e se preocupa muito com os outros.** (Guamirim, 72 anos).

E a [cita o nome] **ela tem uma história de vida muito sofrida também**, ela perdeu [cita o papel do membro da família] com [cita a doença]. **Daí nós ficamos, ela contando pra mim, só pra mim, aí a gente ficou bem íntimas.** (Ipê Amarelo, 67 anos).

Como que eu digo, **um apoio, que qualquer coisa que você precise**, e de repente acontece qualquer coisa, **como o meu marido teve [cita a doença]**, depois [cita a doença] ele teve [cita o quadro físico]. **Então é um desespero, e é só postar ali que chove relacionamento, sabe? Orações, palavras de conforto, de amizade, é muito bom!** (Paineira, 66 anos).

São, foi o que eu senti e elas também sentem comigo, a **confiança nos desabafos, porque problema todo mundo tem. E eu tenho às vezes os meus problemas que eu não quero expor pras minhas filhas**, e elas tem a vida delas. Então como a minha mãe dizia, elas vão casar, não vão acabar com a gente, mas elas vão viver a vida delas. Elas vão ter os problemas delas, e você tem que saber contornar a situação e não estar expondo muita coisa, pra não incomodar a vida delas. **E eu continuo nisso até hoje, então com essas pessoas, com esse grupo, às vezes a gente se reúne pra gente ter um desabafo, pra gente expor os problemas. Ai uma dá uma opinião, a outra também, depois ligam, mandam no Whatsapp. Porque a gente não põe os problemas, eu principalmente, no Whatsapp, eu prefiro cara a cara...** (Jabuticabeira, 71 anos).

A identificação com fatos e papéis da história de vida dos participantes faz com que esse nível de intimidade e proximidade se fortaleça. Na medida em que compartilham suas histórias de vida, as participantes conseguem estabelecer empatia e promovem suporte

emocional entre si. Um trecho do depoimento de Ipê Amarelo demonstrou claramente esse aspecto:

Principalmente, todas as mulheres, menos a [cita o nome], que é casada, no fundo, **cada uma tem a mesma história de vida**, e a [cita o nome] que é viúva. **Todas nós somos separadas, cada uma tem uma história que passou, que sofreu, todas criaram filhos sozinhas.** (Ipê Amarelo, 67 anos).

Sluzki (1997) descreveu essa função como uma troca com atitudes emocionais de empatia, estímulo, apoio e compreensão ao outro com que se compartilha níveis próximos, mas não em termos de frequência e sim em termos de intimidade.

Apresentando outro ponto de vista, o estudo de Torres et al. (2012) enfatiza o arranjo familiar como promotor de maior rede de suporte à pessoa idosa. Já a investigação de Monteiro (2015) indica que, à medida que a pessoa idosa envelhece, suas concentrações relacionais vão ficando ao encargo dos laços familiares; mas, ao mesmo tempo, há a necessidade de promover a diversificação e o acesso a novos vínculos, garantindo uma rede social mais efetiva com ampliações sobre a ordem familiar, em favorecimento do bem-estar integral da pessoa idosa.

A família conseguirá, afinal, exercer suficiente apoio emocional aos seus membros idosos? Como Monteiro (2015) ressalta, talvez não suficientemente; por isso, a importância de ampliar o alcance da rede social da pessoa idosa, estendendo-se além das fronteiras dos vínculos familiares como uma rede de suporte emocional. A UATI participa dessa diversificação como contexto em que as pessoas idosas expandem suas interações sociais para além dos seus núcleos familiares.

Em relação ao presente estudo, as participantes mostraram ter construído relações de amizade íntima com suas redes sociais significativas, realçando o que Sluzki (1997) nomeou

como ressonância emocional; nesse sentido, as histórias iniciais foram sendo compostas durante o programa da UATI e acabaram por fertilizar o terreno de novas histórias, emocionalmente mais íntimas, que surgiram com o passar do tempo, como os registros evidenciam.

5.2.2.3 Guia cognitivo e conselhos.

Esta função da rede demonstra como algumas informações, baseadas nas experiências pessoais e profissionais dos participantes, podem circular e retroalimentar os vínculos mais próximos, funcionando como um modelo de papéis que pode ser apresentado à outra parte da rede social significativa.

As participantes fizeram quatro menções a essa função, como se verifica nos trechos das entrevistas de Caroba, Guamirim, Ipê Amarelo e Jabuticabeira:

Eu não andava de ônibus né, só de carro e elas me ensinaram. Como eu tinha o cartão, **elas me ensinaram a andar de ônibus, elas se preocupam comigo**, porque, a [cita o nome], ela veio até aqui, ela mora lá pra cima, ela veio até aqui pra fazermos juntas o caminho, pra eu não ir sozinha, porque eu tenho medo de assalto e essas coisas. Sempre alguma delas vem. (Caroba, 69 anos).

O [cita o nome] é um rapaz, um homem, **que eu não era muito ligada em política, e ele é muito político. Ele que me fez pensar**, ele só me manda vídeos sobre política, **então eu acho que hoje eu sou uma pessoa melhor.** (Guamirim, 72 anos).

O [cita o nome] é porque ele é uma pessoa, **ele é [cita a profissão], ele me incentivou. Depois que ele ouviu a minha história**, ele veio conversar comigo e disse que era pra mim escrever um livro da minha vida, **daí nós ficamos bem próximos.** (...) **O [cita o nome] que sempre dá uns conselhos, que ele era [cita a profissão] já**, daí ele sempre tinha... (Ipê Amarelo, 67 anos).

Houve um episódio durante o programa em que Jabuticabeira se sentiu constrangida pela abordagem de uma colega, inclusive pensando em desistir da participação na UATI. A manifestação de empatia e orientação de parte de sua rede social significativa contribuiu para que ela se fortalecesse novamente e encarasse o desafio de permanecer e conviver com o grupo, inclusive com a participante que a constrangeu. Ela descreveu como foi importante a intervenção da sua rede social significativa nessa função: “A [cita o nome da colega da sua rede] também é uma pessoa bem aberta, **ela que me orientou muito, ela falou, ela notou o que estava acontecendo**” (Jabuticabeira, 71 anos).

Quando exercida pela rede social significativa, essa função pode deixar legados importantes para que a pessoa tenha expectativas mais claras a respeito de fatos, situações ou de outros, levando-a a sentir-se, de algum modo, protegida pela rede, em relação ao seu processo emancipatório e desenvolvimento de autonomia frente aos modelos vivenciados através dessa função nas interações sociais da sua rede.

Conforme Veras e Caldas (2004) apresentam, o movimento da UATI visa contribuir também à promoção da saúde social das pessoas idosas, resultando em perspectivas de ampliação de sua participação social com consequente melhoria de sua qualidade de vida. Isso corrobora o papel efetivo que as redes sociais significativas, formadas a partir dessa experiência, desempenham no processo de emancipação social da pessoa idosa, tornando-a mais ativa como cidadã e conferindo-lhe o protagonismo social.

5.2.2.4 Regulação social.

Esta função se refere especificamente a solicitar ou evocar que não se desvie da conduta esperada para determinada situação social, como uma espécie de rememoração dos valores sociais que podem estar sendo deixados de lado ou descumpridos de alguma forma.

No episódio registrado por Jabuticabeira na função anterior, estava presente o exemplo desse descumprimento – que, no caso relatado, não se referia a uma pessoa da rede social significativa da participante, e sim a uma pessoa que estava fora da sua rede social mais próxima e que precisava ter seu comportamento regulado. Nesse caso, sua rede social significativa entrou em favor de Jabuticabeira, pensando em como resolver o conflito que havia se formado.

Sim, ela disse “se você não se manifestar, eu vou procurar falar com a [cita o nome da coordenadora], porque eu não admito isso, porque isso é uma coisa que jamais a pessoa poderia fazer. Você está diferente, você tá se retraindo, você tá se fechando a cada dia.”... Sim, sim, me orientou bastante, que daí eu, através dela, ela fez um café, levou a [cita o nome de outra colega], nós estávamos em quatro, aonde ela fez eu passar pra frente, contar pras outras. E as outras também acharam assim, demais, quer dizer, essa pessoa lá pra elas ficou marcada, não só pra mim. (Jabuticabeira, 71 anos).

Moré (2005) menciona também essas intervenções relacionais com efeito neutralizador de comportamentos que acabam se desvirtuando da direção mais esperada socialmente, rememorando responsabilidades pessoais e agindo inclusive para a resolução de conflitos existentes, quando envolvem alguém da própria rede social significativa. Cabe destacar que essa função se torna essencial para a prevenção da violência de qualquer tipo contra a pessoa idosa.

5.2.2.5 Ajuda material e de serviços.

Estes auxílios específicos, sejam materiais ou de serviços, podem fazer parte dos vínculos relacionais nas redes sociais significativas, como uma função entre pessoas da rede social. A participante que mais mencionou foi Caroba, mas também isso se confirmou em outras entrevistas, como de Flamboyant e Quaresmeira:

A [cita o nome] é porque eu **comecei a dar carona pra ela**, quando a gente vai em algum lugar **sempre eu dou carona, sempre vai junto**. (...) A [cita o nome] é que, por exemplo, eu fui na casa dela já duas vezes. Ela convidou a gente pra ir lá e **eu fui lá buscar tampinhas para o [cita o local] (...) eu vou fazendo essa coleta, vou na casa delas buscar, que às vezes elas não têm condição de trazer**. (Caroba, 69 anos).

Então, essas aqui a **gente vinha com elas de carona né**, todas no mesmo carro (...). Não muito né, esses tempos aí uma delas caiu, aí foi passar uns dias na casa do filho dela, aí ela já estava com assistência da família, **aí eu me prontifiquei a ela né, que quando ela precisasse de mim para alguma coisa...** (Flamboyant, 66 anos).

Uma pequena ajuda financeira, porque eu sabia, mas não foi nada assim. Eu vi, Deus dá, tudo que a gente tem é Deus que dá, e eu achei que... (Quaresmeira, 65 anos).

Esta função, apesar de pouco mencionada pelas participantes do estudo, pode ser verificada em momentos específicos da rede social significativa, já que assuntos financeiros podem ser constrangedores em relação a alguém da sua própria rede, pois são situações mais complexas e que podem causar algum sentimento de exposição e constrangimento. Entretanto essa também seria uma das funções da rede social significativa, já que as perdas econômicas surgem com a chegada da aposentadora e a pessoa idosa pode estar vivenciando momentos difíceis e desafiadores nesse aspecto.

5.2.2.6 Acesso a novos contatos.

Esta função promove uma ampliação dos contatos entre os participantes, acrescentando ligações pessoais, por qualquer necessidade que possa disparar esse movimento. Não foi uma função tão presente nos relatos, mas surgiu no depoimento de Caroba:

(...) pra conversar, pra tudo. Ela participa do [cita o local], **que eu queria, eu falei pra ela que eu queria**, que é das idosas que dançam, **até ela ficou de falar com alguém pra gente ir, porque a gente tava acostumada a dançar e tudo**. (Caroba, 69 anos).

Sluzki (1997) deu relevância à complexidade dessas funções, cuja identificação é importante para a constituição das redes sociais significativas, através da investigação das ações dos participantes da rede. Em sua reciprocidade e sentido, tais funções podem ter efeitos favoráveis – e até mesmo desfavoráveis – para a transformação de seus integrantes.

Para finalizar essa compreensão, abordamos os atributos dos vínculos, analisados pela associação dessas funções junto a aspectos específicos de cada vínculo.

5.2.3 Atributos dos vínculos.

Algumas características podem fornecer dados para a análise dos vínculos, como se observou especialmente na frequência dos contatos, validando as demais informações transmitidas sobre a forma como a rede social significativa das participantes se mantinha ativa para cada uma.

A frequência pôde ser observada em dois campos de contato: presencial e através dos meios de comunicação adotados pelas participantes – que, no caso das entrevistadas, ficaram distribuídos entre o telefone fixo e os meios virtuais, como aplicativos e redes sociais tecnológicas (*Whatsapp, Facebook e Messenger*).

5.2.3.1 Frequência.

A participante Caroba indicou que a periodicidade de contato com sua rede acontece diariamente, através do canal do *Whatsapp* e também de modo presencial, semanalmente, com algumas colegas que participam da mesma oficina pós programa. Além disso, outros encontros presenciais ocorrem circunstancialmente em momentos de lazer, visitas e convites específicos para alguma programação do grupo. Ela também encontra algumas colegas para buscar doações que arrecada para uma instituição, o que gera uma periodicidade maior com algumas, como já foi descrito em trechos anteriores.

Flamboyant explicou que tem uma frequência maior de encontros com a amiga classificada por ela no Nível 1 de proximidade:

É, quase toda semana a gente está se vendo. Então, um dia né, normalmente final de semana, um sábado. Eu digo: Vamos caminhar um pouco. Pra tirar ela um pouco de casa, aí nós vamos caminhar no parque [cita o parque], damos uma volta no parque, daí a gente conversa. Aí eu digo: **Se você quiser uma programação pra amanhã, ou para domingo está em aberto, justamente pra gente ter outras programações.** (Flamboyant, 66 anos).

A participante Quaresmeira relatou contato diário: “Essas aqui, **praticamente eu falo quase todo dia**” (Quaresmeira, 65 anos). Guamirim também apresentou sua periodicidade em relação às colegas: “**Todo dia, se elas mandam mensagens,** se elas

mandam, colocam alguma coisa na rede, **aí eu curto, ponho um comentário**” (Guamirim, 72 anos). Ipê Amarelo descreveu como fizeram:

No começo, ano passado, a gente se encontrava geralmente uma vez por mês. Daí foi distanciando, daí agora, por exemplo, até agora, esse ano, já era pra estar se movimentando pra gente marcar pra fevereiro, alguma coisa assim, mas até agora... (...) **Daí eu tenho o *Whatsapp*** da [cita o nome], tenho da [cita o nome], da [cita o nome] e tenho da [cita o nome]. (...) **Geralmente todo dia é um bom dia, alguma coisa.** (Ipê Amarelo, 67 anos).

Paineira relatou: **“De se falar é praticamente todo dia. (...). Não com todos, mas com uma parte todos os dias”** (Paineira, 66 anos). Jabuticabeira explicou: “Na verdade com algumas mais, com a [cita 2 nomes], é praticamente toda semana, a gente vai em novena, vai na missa aos domingos, uma liga pra outra” (Jabuticabeira, 71 anos).

No caso de Araucária, que só utiliza o telefone fixo, verificou-se que o contato também tinha certa periodicidade, como demonstrou nesse trecho:

Depende, que nem agora, eu fui pra [cita a cidade], fiquei na casa da minha filha, **então a gente não ligou pra ninguém.** Fiquei acho que dois meses... **é, só telefonema... só o fixo... às vezes eu ligo, elas também ligam.** (Araucária, 87 anos).

De acordo com Sluzki (2007), quanto menor o nível de proximidade do vínculo, maior será a necessidade de manter a periodicidade dos contatos para reativar a intensidade da relação da rede social significativa. Ao mesmo tempo, o autor também mencionou que vínculos com nível maior de intensidade podem ser reativados rapidamente, caso haja distanciamento em algum momento. Evidencia-se assim que, quanto maior o nível de proximidade e da história construída, mais chances de manter a formação da rede social significativa. A necessidade de periodicidade dos contatos, levantada por Sluzki (1997), pode

ser ponderada frente à periodicidade dos outros vínculos significativos existentes das pessoas idosas, especialmente junto ao quadrante da família, que também tem expressivo valor para a formação de sua rede social significativa.

6 Considerações Finais

O presente estudo qualitativo, de caráter descritivo e exploratório, foi realizado em um corte transversal e buscou analisar as redes sociais significativas formadas pelos egressos de uma UATI. Para a compreensão desse fenômeno foram estabelecidos, como objetivos específicos: compreender se os aspectos do contexto educacional de uma UATI favorecem a formação das redes sociais entre os participantes; caracterizar as redes sociais significativas dos egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade quanto aos elementos estruturais e funcionais dos vínculos que a constituem; e identificar de que maneira as redes sociais significativas dos egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade repercutem para a vivência da sua velhice.

O pensamento sistêmico novo paradigmático apresentado por Vasconcellos (2013) conferiu o enquadre para essa análise, pela ótica da complexidade, instabilidade e intersubjetividade. Frente a isso, os resultados encontrados perpassaram seus elementos individuais e foram contextualizados sistemicamente, com foco nos aspectos relacionais.

As oito participantes deste estudo eram do gênero feminino, entre 65 e 87 anos e foram denominadas como árvores nativas brasileiras: Flamboyant, Caroba, Guamirim, Quaresmeira, Ipê amarelo, Paineira, Jabuticabeira e Araucária, simbolizando longevidade, diversidade e sua importância para a realidade natural e social.

Em relação ao primeiro objetivo específico, sobre a compreensão dos aspectos da UATI como contexto educacional em favorecimento da formação das redes sociais entre os egressos, observou-se que esse sistema beneficia diretamente a formação de redes sociais significativas. A aproximação entre os participantes desde os primeiros instantes em que chegam ao programa revelou-se fundamental para a formação inicial da rede social entre eles.

Esse aspecto foi evidenciado neste estudo, demonstrando a importância da condução da aproximação inicial de forma mais sistematizada. Além dessas situações foram observados outros momentos promovidos pelos próprios participantes, durante os intervalos e horários de entrada e saída, que também promoveram a interação e a formação de redes sociais. Os momentos marcantes do programa incluíram a socialização com colegas e professores, além das aprendizagens realizadas a partir de interações sociais e memórias emocionais mais significativas. A formatura foi registrada como um dos momentos mais especiais de todo o programa, devido ao seu caráter de emancipação social, de conquista de sonhos almejados e do compartilhamento dessa realização ao lado da rede social construída ao longo do programa, além da família. Considera-se, então, que a estrutura curricular do programa pode facilitar a aproximação e a formação de redes no contexto da UATI e para além dele. Por isso, é importante estruturar sua programação para esse fim.

Quanto ao segundo objetivo, caracterizar as redes sociais significativas das participantes quanto aos elementos estruturais e funcionais dos vínculos que a constituíram, foi utilizado o instrumento gráfico Mapas de Rede, desenvolvido por Sluzki (1997), que amparou toda a análise dos dados coletados. Dentre as características estruturais identificou-se o tamanho da rede, sendo a menor com seis pessoas; as de tamanho médio, compostas por 14 pessoas; e a maior com 27 membros. Em relação à distribuição entre os níveis de proximidade, quatro participantes apresentaram um número maior de pessoas no nível mais próximo comparado aos outros níveis e outras duas igualaram o número entre os Níveis 1 e 2. Cinco delas consideraram sua rede social significativa mais homogênea do que heterogênea, em relação à presença de diferenças culturais e socioeconômicas. Quanto ao distanciamento geográfico entre os membros da rede, verificou-se que somente oito pessoas residiam no mesmo bairro ou próximo das participantes, embora esse fator não tenha impedido sua

formação social. Sobre as funções desempenhadas pelos participantes das redes sociais significativas, a partir de Sluzki (1997), a companhia social foi indicada como a função predominante entre as redes sociais. A seguir encontra-se o apoio emocional como a função mais exercida, realçando a importância de vínculos mais seguros, demarcados pelo compartilhamento de relações mais próximas e íntimas. As funções de guia cognitivo/conselho e de ajuda material/serviços foram mencionadas de forma menos expressiva em comparação com as anteriores, assim como a de regulação social e acesso a novos contatos, que foram citadas uma única vez cada. A frequência dos contatos no campo presencial, seja via programação social ou mesmo pela participação em outros programas educacionais, aconteceu desde a ocorrência ocasional, passando pela semanal, mensal até bimestral. Já no campo virtual, os encontros diários da rede social significativa mostraram a importância da utilização dos meios digitais, proporcionando praticidade e uma possibilidade bastante efetiva de manutenção das redes. Ressalta-se, assim, a importância das redes digitais na socialização da pessoa idosa.

Finalmente, o último objetivo foi identificar de que maneira as redes sociais significativas dos egressos de uma UATI repercutem sobre a vivência de sua velhice. Os resultados deste estudo indicaram que a formação de redes na velhice promove o bem-estar da pessoa idosa com melhora na qualidade de vida percebida, além de integração social com sentimentos de dignidade, autonomia e pertencimento à comunidade e à sociedade, o que corrobora a proposta da OMS sobre o envelhecimento ativo.

Esta investigação visou analisar as redes sociais significativas formadas pelos egressos de uma UATI, considerando ser esse um fenômeno complexo pelas suas transformações socio-históricas frente ao contexto da UATI, de educação permanente e de natureza não formal. As mudanças demográficas (mais idosos ao longo do tempo) e na

estrutura familiar (mais famílias reduzidas em tamanho) conduzem à necessidade de alternativas de apoio à pessoa idosa; nesse sentido, os dados desta pesquisa demonstram como as redes podem ser provedoras de diferentes tipos de apoio (companhia, emocional, guia cognitivo, ajuda serviços, regulação social e acesso a novos contatos).

As redes são promotoras de dignidade para o envelhecimento, merecendo, por isso, mais atenção da sociedade e do governo. Há a necessidade de mais investimentos em divulgação, estruturação dos programas e regulamentações, o que requer ajuda ou parceria financeira para promover o aumento do número de UATI no país.

Investimentos em pesquisas nas UATI também são importantes para levantar as limitações e benefícios entre programas contínuos e descontínuos. Sugere-se ainda pesquisas direcionadas ao gênero masculino nas UATI e também que possam mapear as diferenças de necessidades dos idosos mais velhos (acima de 80 anos de idade).

As entrevistas foram realizadas entre o 10º e o 20º mês após a finalização do programa da UATI em estudo; desse modo, as informações condizem às redes sociais significativas formadas e mantidas até esse período. Não sabemos se as redes sociais significativas das participantes desta investigação se manterão da mesma forma, com as mesmas características e funções, de acordo com a passagem do tempo a partir do 20º mês, mas conclui-se que as UATI formam redes sociais significativas capazes de se manter, ao menos, em curto e médio prazo.

Algumas limitações deste estudo podem ser assinaladas frente ao gênero feminino das participantes, já que a amostra foi por conveniência, sendo que o contato seguiu a ordem relacionada na lista fornecida pelo programa. Outro ponto foi o intervalo de dez meses entre a realização de todas as entrevistas, podendo já ter sofrido algum desgaste relacionado à manutenção das redes durante o próprio percurso da pesquisa. Uma última questão refere-se

ao fato de a investigação ter sido realizada em um programa descontínuo, com duração de um ano, sugerindo que diferentes estruturas pudessem apresentar dados distintos dos achados nesta investigação. As limitações encontradas neste estudo podem vir a guiar futuras pesquisas, a fim de que as UATI sejam progressivamente fortalecidas na sua vocação primeira de favorecer o processo de envelhecimento ativo.

Referências

- Adamo, C. E., Esper, M. T., Bastos, G. C. F. Cantarelli, Sousa, I. F., & Almeida, R. J. (2017). Universidade aberta para a terceira idade: o impacto da educação continuada na qualidade de vida dos idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(4), 545-555. doi: 10.1590/1981-22562017020.160192
- Alvarenga, M. R. M., Oliveira, M. A. C., Domingues, M. A. R., Amendola, F., & Faccenda, O. (2011). Rede de suporte social do idoso atendido por equipes de Saúde da Família. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(5), 2603-2611. doi: 10.1590/S1413-81232011000500030
- Azevêdo, A. V. S., Silva, M. A., & Reis, T. C. M. (2019). Promoção da saúde no contexto das redes sociais significativas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 55-66. doi: 10.38034/nps.v28i63.482
- Bajotto, A. P., & Goldim, J. R. (2011). Avaliação da qualidade de vida e tomada de decisão em idosos participantes de grupos socioterápicos da cidade de Arroio do Meio, RS, Brasil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(4), 753-761. doi: 10.1590/S1809-98232011000400014
- Beauvoir, S. (1976). *A velhice: realidade incômoda*. São Paulo: DIFEL.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2014). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- Bilac, O. (2014). *Poemas de Olavo Bilac: seleção de poemas*. Coleção Clássicos Melhoramentos. São Paulo: Melhoramentos. [Original publicado em 1888]
- Brasil. Câmara dos Deputados. Centro de Estudos e Debates Estratégicos. Consultoria Legislativa (2017). *Brasil 2050: desafios de uma nação que envelhece*. Brasília: Centro de Documentação e Informação; Edições Câmara.
- Brasil. Ministério da Saúde (2003). *Estatuto do Idoso*. 3. ed., 2. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social (2004). *Política Nacional de Assistência Social*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Cachioni, M. (2012). Universidade da terceira idade: História e pesquisa. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), 1-8.

- Cachioni, M., Delfino, L. L., Yassuda, M. S., Batistoni, S. S. T., Melo, R. C., & Domingues, M. A. R. C. (2017). Bem-estar subjetivo e psicológico de idosos participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(3), 340-352.
- Cachioni, M., Ordonez, T. N., Batistoni, S. S. T., & Lima-Silva, T. B. (2015). Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Educação & Realidade*, 40(1), 81-103. doi: 10.1590/2175-623645741
- Camarano, A. A. (2013). O novo paradigma demográfico. *Ciênc. Saúde Colet.*, 18(12), 3446-3446.
- Campos, M. E. M., Aguiar, C. C., Ribeiro, A. Q., Martins, S., & Pinto, T. R. G. S. (2020). Desafios y potencialidades para la gestión local en la implementación de políticas públicas para el envejecimiento. *GIGAPP Estudios Working Papers*, 7(150-165), 429-446.
- Carvalho, L., & Silva, M. F. (2015). Universidades da Terceira Idade: dimensão educativa e social. *Revista da Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Portalegre*, 36, 48-62.
- Castilho, J. A., Medeiros, M. O. S. F., Santos, J. S. N. T., Amaral, J. B., & Souza, R. S. (2020). Desafios do envelhecimento e a participação na universidade aberta à terceira idade: percepção de idosos. *Rev baiana enferm*, 34, e34846. doi: 10.18471/rbe.v34.34846
- Domingues, M. A., Ordonez, T. N., Torres, M. J., Barros, T. C., Lima-Silva, T. B., Batistoni, S. S. T., M., & Cachioni, M. (2012). Rede de suporte social de idosos do programa universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), 33-51.
- Erbolato, R. M. (2002). Relações Sociais na Velhice. In E. V. Freitas, L. Py, A. L. Neri, F. A. X. Caçado, M. L. Gorzoni, & Rocha, S. M. (Orgs.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 957-964). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, L., Loures, M. C., & Alencar, J. (2005). Universidades abertas da terceira idade. *Revista História da Educação*, 9(17), 119-135.
- Gonçalves, T. R., Pawlowski, J., Bandeira, D. R., & Piccinini, C. A. (2011). Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: aspectos conceituais e instrumentos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16 (3), 1755-1769.

- Gouveia, O. M. R., Matos, A. D., & Schouten, M. J. (2016). Redes sociais e qualidade de vida dos idosos: Uma revisão e análise crítica da literatura. *Revista Brasileira Geriatria Gerontologia*, 19(6), 1030-1040. doi: 10.1590/1981-22562016019.160017
- Guedes, M. B. O. G., Lima, K. C., Caldas, C. P., & Veras, R. P. (2017). Apoio social e cuidado integral à saúde do idoso. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27(4), 1185-1204. doi: 10.1590/s0103-73312017000400017
- Guimarães, F., Ito, G., & Yamanoe, M. C. P. (2019). Inclusão digital na terceira idade: considerações sobre a experiência com a informática. *Anais do XXV Workshop de Informática na Escola*, Brasília. pp. 964-973. doi: 10.5753/cbie.wie.2019.964
- Inouye, K., Orlandi, F. S., Pavarini, S. C. L., & Pedrazzani, E. S. (2018). Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. *Educação e Pesquisa*, 44, e142931. doi: 10.1590/S1678-4634201708142931
- Irigaray, T. Q., & Schneider, R. H. (2008). Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 211-216. doi: 10.1590/S0102-37722008000200011
- Lima-Silva, T., Ordonez, T., Litardo, G., Nagai, P., Eguchi, L., Suzuki, M., & Cachioni, M. (2013). Universidade Aberta à Terceira Idade: como atrair novos estudantes? *Revista Kairós Gerontologia*, 15(Esp. 14), 259-276. doi: 10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial14p259-276
- Lolli, M. C. G. S., Lolli, L. F., & Maio, E. R. (2014). Universidade aberta à terceira idade: uma tentativa de emancipação. *Revista Labor*, 12(1), 131-151. doi: 10.29148/labor.v1i12.6579
- London, S., St. George, S., & Wulff, D. (2009). Guía para la colaboración. *International Journal of Collaborative Practices* 1(1), 1-8.
- Martins, R. C. C. C., Casetto, S. J., & Guerra, R. L. F. (2019). Mudanças na qualidade de vida: a experiência de idosas em uma universidade aberta à terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 22(1), e180167. doi: 10.1590/1981-22562019022.180167
- Miranda, L. C., & Banhato, E. F. C. (2008). Qualidade de vida na terceira idade: a influência da participação em grupos. *Psicologia em Pesquisa, UFJF*, 2(1), 69-80.
- Moré, C. L. O. O., & Crepaldi, M. A. (2012). O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 43, 84-98.

- Moreira Jr., C. S., & Japur, M. (2003). Grupo de sala de espera: sentidos do envelhecimento humano. *Paidéia*, 13(25), 85-96. doi: 10.1590/S0103-863X2003000200008
- Neri, A. L. (2001). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea.
- Neri, A. L. (2013). Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In L. F. Malloy-Diniz, D. Fuentes, & R. M. Consenza, *Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional* (pp. 17-42). Porto Alegre: Artmed.
- Neri, A. L., & Cachioni, M. (1999). *Velhice bem sucedida e educação*. In A. Neri, & G. Débert (Orgs), *Velhice e sociedade* (pp.113-139). Campinas: Papirus.
- Neri, A. L., & Vieira, L. M. (2013). Envolvimento social e suporte social percebido na velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(3), 419-432.
- Oliveira, R. C. S. (2013). A universidade aberta para a terceira idade e a educação do idoso nas dissertações e teses de 2000 a 2011. *Revista HISTEDBR On-Line*, 13(52), 372-386. doi: 10.20396/rho.v13i52.8640248
- Oliveira, R. C. S., & Scortegagna, P. A. (2015). Universidad Abierta a las personas adultas mayores: espacio de pedagogía social, educación y empoderamiento. *Revista Actualidades Investigativas en Educación*, 15(3), 1-18. doi: 10.15517/aie.v15i3.20672
- Oliveira, R. C. S., Scortegagna, P. A., & Oliveira, F. S. (2015). Universidades abertas a terceira idade: delineando um novo espaço educacional para o idoso. *Revista HISTEDBR On-Line*, 15(64), 343-358. doi: 10.20396/rho.v15i64.8641945
- Oliveira, R. C. S., Scortegagna, P. A., & Silva, F. O. A. (2017). A educação permanente protagonizada pelo idoso na universidade aberta para a terceira idade/UEPG. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, 14(27), 19-33. doi: 10.5007/1807-0221.2017v14n27p19
- Ordonez, T. N., & Cachioni, M. (2011). Motivos para frequentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 461-474. doi: 10.1590/S1809-98232011000300007
- Organização Mundial da Saúde – OMS (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Gontigo, S. (Trad.). Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde.
- Organização Mundial da Saúde – OMS (2015). *Relatório mundial sobre envelhecimento e saúde: resumo*. Genebra: OMS.

- Paúl, C. (2005). Envelhecimento activo e redes de suporte social. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15, 275-287.
- Peixoto, N., Lima, L. C. V., & Bittar, C. M. L. (2017). Percepções sobre qualidade de vida entre idosos que participam de uma Universidade Aberta para Maturidade. *Acta Scientiarum. Humam and Social Sciences* 39(2), 209-216. doi: 10.4025/actascihumansoc.v39i2.33089
- Pereira, A. A. S., Couto, V. V. D., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Motivações de idosos para participação no programa Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 207-217.
- Posada, F. V. (2016). La generatividad en la vejez: implicaciones para el futuro de los Programas Universitarios para adultos mayores. In R. C. S. Oliveira, P. A. Scortegagna, & M. J. F Cury, *A velhice e o envelhecimento no contexto ibero-americano* (pp. 35-54). Cascavel: EDUNIOESTE.
- Quadros, S. F., Rodrigues, V. E. R., & Oliveira, R. C. S. (2017). Inclusão digital e educação permanente de idosos na Universidade Aberta da Terceira Idade: uma discussão sobre a longevidade, o empoderamento e a tecnologia. *Linguagens, Educação e Tecnologia*, 21(41), 111-128.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- Santos, S. T., & Souza, L. V. (2015). Envelhecimento positivo como construção social: Práticas discursivas de homens com mais de sessenta anos. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 46-58.
- Serrão, C., Paulo, A. L. & Lopes, B. (2014). A rede social como instrumento de mudança. Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. *XXVII Congresso Internacional Pedagogia Social*. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10400.22/10167>>.
- Silva, F. M., Silva, A. T. D., & Rocha, R. A. (2017). Onde estão as UNTI das universidades públicas federais do Brasil. *XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária*, Mar del Plata, Argentina.
- Silva, F. M., Souza, I. M., & Rocha, R. A. (2017). Universidade da terceira idade, compromisso social e compromisso institucional. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, 14(27), 4-18. doi: 10.5007/1807-0221.2017v14n27p4
- Siqueira, R. L., Botelho, M. I. V., & Coelho, F. M. G. (2002). A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 899-906. doi: 10.1590/S1413-81232002000400021

- Sluzki, C. E. (1996). *La red social: frontera de la practica sistémica*. Barcelona: Gedisa.
- Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Torres, M. J., Ordonez, T. N., Lima-Silva, T. B., Domingues, M. A., Batistoni, S. S. T., Melo, R. C., Lopes, A, Yassuda, M. S., & Cachioni, M. (2012). Características de rede de suporte social masculina e feminina no quadrante família do Mapa Mínimo de Relações Sociais do Idoso-MMRI, de estudantes frequentadores de universidade aberta à terceira idade. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), 53-70. doi: 10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial14p53-70
- Vasconcellos, M. J. E. (2013). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.
- Valer, D. B., Bierhals, C. C. B., Aires, M., & Paskulin, L. M. G. (2015). O significado de envelhecimento saudável para pessoas idosas vinculadas a grupos educativos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 18(4), 809-819. doi: 10.1590/1809-9823.2015.14042
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicol. Refl. e Crít.*, 21(2), 302-310. doi: 10.1590/S0102-79722008000200016
- Yamasaki, F., Wanderbroocke, A. C. N. S., & Camargo, D. (2019). Avaliação participativa de uma Universidade Aberta à Terceira Idade: perspectiva dos idosos. *Revista Kairós: Gerontologia*, 22(1), 635-655. doi: 10.23925/2176-901X.2019v22i1p635-655
- Yamasaki, F., Wanderbroocke, A. C. N. S., Massi, G., & Silva, R. R. (2018). Sentidos de envelhecimento e motivos para a procura da Universidade Aberta para a Terceira Idade. *Psicol. Argum.*, 36(93), 328-342. doi: 10.7213/psicolargum.36.93.AO04

Apêndice A - Artigo

Artigo científico apresentado como uma exigência parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Saúde da UTP. O artigo foi submetido para a Revista Kairós, em dezembro de 2019 e encontra-se em processo de avaliação.

Caracterização das Universidades Abertas da Terceira Idade: Estudo de revisão sistemática no cenário Brasileiro

Characterization of Open Universities of the Third Age: Systematic review study in the Brazilian scenario

Resumo: O acesso do idoso à educação, através da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), carece de padronização em sua estrutura e funcionamento. Este estudo realizou uma revisão sistemática da literatura para conhecer o estado da arte em relação às características das UATI brasileiras, nos aspectos estruturais, quanto aos fatores metodológicos, de recursos e programáticos. Os resultados revelaram que as UATI descritas, não obedeciam a uma estruturação padrão e pré-definida.

Palavras-chave: Universidade Aberta da Terceira Idade; idoso; educação.

Abstract: The access of the elderly, to education through the Open University of the Third Age (UATI), needs standardization in its structure and operation. This study performed a systematic literature review to know the state of the art in relation to the characteristics of the Brazilian UATI, in the structural aspects, as the methodological, resources and programmatic factors. The results revealed that the described UATI did not follow a standard and predefined structure.

Key words: Open University of the Third Age; elderly; education.

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (2005) informa que os idosos poderão representar 29,3% da população mundial no ano de 2050. Ainda nesse mesmo ano, os idosos acima dos 80 anos, poderão constituir 6,7% da população brasileira. Sendo assim, dentre as políticas públicas e sociais existentes, ressalta-se a importância da educação como ponto fundamental na construção da cidadania e participação social, além de benefícios advindos da estimulação cognitiva e da autoestima para este grupo etário. (OMS, 2005).

Dentre as políticas públicas existentes para pessoas idosas encontra-se a Lei Nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, a qual afirma que “dentre as atribuições que estabelece como obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público, está a criação de oportunidade de acesso à educação, mediante adequação de currículos, metodologias e material didático” (p.13). Em seu Art. 25º, localizado no Capítulo V relacionado à Educação, Cultura, Esporte e Lazer, a mesma Lei assinala que “O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas” (Brasil, 2003).

O apoio em relação ao estabelecimento de universidades abertas, pelo estado brasileiro, segue a experiência de outros países. A primeira Universidade da Terceira Idade foi criada por Pierre Vellas, em Toulouse na França, num cenário marcado por mudanças ocorridas a partir de 1960 que apresentava a nova política social de integração da velhice, após a Segunda Guerra Mundial. Essas reformas político administrativas trouxeram mudanças na imagem das pessoas idosas, ao salientar a possibilidade de envelhecer ativamente e de chamar a atenção para as necessidades desta população. Em 1968, foram criadas as Universidades de Tempo Livre, promovendo alfabetização, informação e educação pelo sistema educacional francês da época. Em 1973, Pierre Vellas criou, na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, a “*Université du Troisième Âge - U3A*”, Universidade da Terceira Idade. Segundo Cachioni (2012), entre as razões principais, que justificavam esse formato educacional e social, destacava-se: retirá-los do isolamento, com ganho de saúde e motivação pelo viver, além de buscar construir uma nova representação social da velhice que se distanciasse de temas como solidão, depressão e doenças.

No Brasil, entre 1960 e 1970, ocorreram algumas transições na previdência social e nas políticas de aposentadoria, que impulsionaram o surgimento dos primeiros programas educativos do SESC. Em 1982, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI, visto como primeiro programa brasileiro que apresentava características da Universidade da Terceira Idade. Finalmente, em 1990, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas abriu um Programa de Universidade da Terceira Idade. Hoje em dia no Brasil, grande parte desse tipo de programa é considerada como projeto de extensão universitária e configurada como educação permanente de natureza não formal. A partir de tais iniciativas, ainda que não estejam presentes em todas as instituições de ensino superior, o acesso ao direito de aprender do idoso vem sendo ampliado, a partir de um novo lugar, legítimo e reconhecido, que inaugura ou retoma uma etapa de descobertas, aprendizados, socialização e desafios para essa população (Cachioni, 2012).

Silva, Silva e Rocha (2017) demonstraram que não há um modelo único a ser adotado pelas instituições para estruturar as UATI, (em termos de objetivos, conteúdos, atividades e equipe de professores), mas ressaltam que existem quesitos que devem ser apreciados juntamente com as condições regionais e locais, ao se pensar na estruturação desses programas. Os autores analisaram e elencaram alguns fatores como relevantes para definir operativamente uma UATI, tais como sua perspectiva interdisciplinar na forma de educação não formal,

permanente ou continuada, com objetivo e currículo voltado à promoção da saúde integral do idoso. Além desses, mencionaram aspectos relativos à participação, integração e autonomia dessa população, em seus contextos institucional, social e intergeracional, para a articulação do ensino, da prática e da pesquisa desse território científico e social. Constituem-se ações importantes para as Universidades realizarem, tanto do ponto de vista institucional como também no que tange ao seu compromisso social frente ao envelhecimento da população mundial, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil.

Apesar das variações que os programas contemplam, há dois modelos que orientam a organização das UATI, o francês e o inglês. O francês, por exemplo, apresenta um padrão institucional, organizado academicamente em um *modelo top-down*, (de cima para baixo), como uma extensão natural dos cursos universitários regulares. Enfatiza o desenvolvimento de programas, através de pontos relacionados às instalações, infraestrutura, professores, recursos didáticos e calendário da própria universidade em que se encontra inserido. Já o inglês, considerado um *modelo botton-up* (de baixo para cima) é autogerido, sendo formado pelos próprios idosos mais habilitados em determinados assuntos e então, responsáveis em transmitir os conteúdos, não sendo necessariamente professores universitários, mas podendo sê-los, em alguns momentos. As metodologias são mais participativas e não seguem planos de aula tão formais, compondo uma espécie de ciclo de conferências, com encontros independentes entre si (Posada, 2016).

As investigações científicas nos contextos das UATI começaram a ser realizadas mundialmente a partir de 1975 e focavam em quatro principais categorias temáticas: o perfil das instituições, dos estudantes e os motivos de adesão, além dos contextos históricos de implantação dos programas; o impacto na qualidade de vida e na ressignificação da velhice como bem-sucedida e saudável; impactos nas relações sociais e de apoio; e, estratégias pedagógicas para o ensino dessa população (Cachioni, 2012).

As UATI continuam sendo campo fértil para pesquisa sobre o envelhecimento, e diversas pesquisas vem demonstrando sua importância para ampliar a qualidade de vida e emancipação na velhice. Inouye, Orlandi, Pavarini e Pedrazzani (2018) demonstraram em seu estudo, que a participação na UATI é positiva para o desenvolvimento das percepções de qualidade de vida das pessoas idosas. Também Peixoto, Lima e Bittar (2017) concluem que idosos participantes de atividades nas UATI são capacitados a ter melhor percepção de qualidade de vida global, principalmente frente ao convívio social. Segundo os autores Lolli,

Lolli e Maio (2014), o papel social da UATI foi visto como desencadeador de um processo autocrítico da pessoa idosa e de sua inserção na sociedade, a partir do âmbito da educação. De acordo com esses autores ainda, essa participação provoca uma presença mais ativa do idoso na própria sociedade como tentativa de um processo emancipatório. Neri (2001) teceu considerações à educação como oportunidade real de aprendizagem, tornando-se espaço significativo para engajamento social da pessoa idosa e como oportunidade para experimentar a percepção sobre sua própria existência.

Apesar de as UATI oportunizarem o desenvolvimento de pesquisas, ainda não é significativa a produção científica no que concerne ao questionamento das características, estrutura e funcionamento dos programas oferecidos para que possam direcionar novos programas e contribuir para a melhoria dos já existentes. Tal lacuna compromete uma maior difusão das informações pertinentes aos programas no cenário nacional, impedindo maior troca entre os existentes e os que estão sendo planejados e projetados. Nesse sentido, Silva, Souza e Rocha (2017), apresentaram reflexões sobre o compromisso social dos programas de educação permanente através das UATI, como um processo emancipatório e reafirmaram também o compromisso institucional desses programas junto à própria universidade. Esses autores resgataram o conceito de responsabilidade social, em uma visão mais ampliada, com promoção de bem-estar coletivo e não de promoção assistencialista. De acordo com eles, há pontos frágeis nesse cenário, visto que não se apresentam políticas de médio prazo para o fortalecimento de tais programas e alertam também que, apesar de haver legislação que os institui, carecem ainda de estruturação.

Isto posto, torna-se objetivo desse estudo realizar uma revisão sistemática da literatura acerca das características das Universidades Abertas da Terceira Idade no cenário brasileiro, quanto às suas metodologias, estruturas e programas educacionais.

Método

Refere-se a um estudo de revisão sistemática da literatura sobre o tema “Caracterização das Universidades Abertas da Terceira Idade brasileiras, em relação as suas metodologias, estruturas e programas educacionais”, guiada pela recomendação PRISMA – Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises, buscando atender aos avanços conceituais e práticos das construções de revisões científicas. Foi realizada em quatro etapas: definição do

problema e do objetivo; coleta de dados com busca metódica e extensiva de artigos sobre o tema e seus critérios de seleção; análise dos dados qualitativos com apresentação sintetizada dos resultados em forma de tabela e finalmente a interpretação dos dados obtidos.

A busca dos artigos ocorreu durante o mês de maio de 2019, em consulta às seguintes bases de dados: BVS - Portal Regional da Biblioteca Virtual da Saúde que incluiu as bases: LILACS, Index Psicologia – Periódicos Técnicos Científicos e MEDLINE e ainda às bases: SciELO - Scientific Electronic Library Online, APA – PsycNET, ERIC - Educational Resources Information Center e Dialnet. A revisão considerou os registros publicados no período de 2014 a 2018 completos, objetivando encontrar estudos mais atuais sobre o assunto.

No processo de rastreamento dos artigos foram utilizados os seguintes descritores e operadores booleanos tentando abarcar a extensão dessa matéria: "universidade aberta da terceira idade" OR "universidade da terceira idade" OR "universidade aberta" OR "university of the third age" OR "open universities" AND idoso OR "pessoa idosa" OR "terceira idade" OR velhice OR envelhecimento OR elderly OR aging AND educação OR "educação continuada" OR "educação permanente" OR extensão OR "educação na terceira idade" OR "gerontologia educacional" OR education OR "aging education" OR "extension education" OR "educational gerontology" OR "continuing education". Em algumas das bases indicadas, o espaço destinado aos caracteres de busca era reduzido, então foram aplicados os descritores centrais: “universidade aberta da terceira idade” AND idoso AND educação e os mesmos descritores somente em inglês, quando se tratavam de bases internacionais, com a mesma restrição de espaço na busca.

Foram identificados 53 registros a partir das bases de dados citadas, no período indicado e com os descritores apresentados acima. Foram eliminados nove registros duplicados. A seguir houve a leitura com avaliação inicial dos títulos e resumos a partir dos critérios de inclusão e exclusão determinados. Como critérios de inclusão foram considerados os registros tipo artigos e publicados nos idiomas português e inglês, além de estarem do período estabelecido de 2014 a 2018. Os critérios de exclusão se referiram aos estudos que não consideravam o contexto das Universidades Abertas da Terceira Idade brasileiras e sim de outros contextos nacionais ou mesmo relacionados a outros países que não o Brasil. Ainda foram aplicados critérios de exclusão aos estudos que focavam em características clínicas, nutricionais, fisioterápicas, corporais, psíquicas, médicas, sexuais, tecnológicas, cognitivas e farmacológicas da população idosa e não centralizavam suas informações sobre as

características das Universidades Abertas da Terceira Idade, apesar de muitos deles terem realizado sua coleta de dados nesse tipo de contexto. E finalmente, foram excluídos também os estudos relatados em outra forma que não artigo, tais como capítulos de livros e teses.

Foram excluídos 31 registros nesse primeiro momento elegendo-se, portanto, 13 artigos selecionados para a fase de leitura em formato de texto completo, a partir dos critérios de inclusão e exclusão determinados. Dessa etapa, foram excluídos ainda seis artigos que não focavam especialmente nas características das UATI, estando, portanto sete artigos em texto completo a serem considerados para essa revisão sistemática, a partir dos objetivos desse estudo, conforme ilustrado na Figura 1.

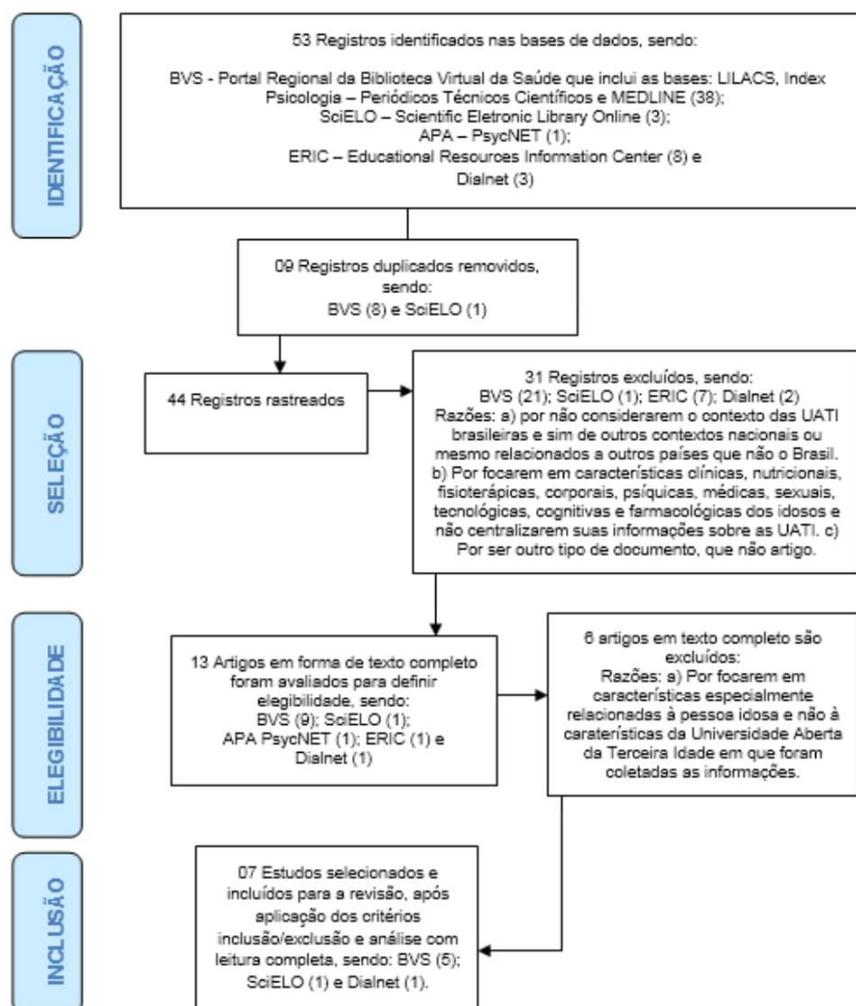


Figura 1. Diagrama de fluxo de informações, com as diferentes fases da revisão sistemática, segundo o modelo PRISMA (2009).

Partindo do objetivo desse estudo, que é a caracterização metodológica, estrutural e programática das Universidades Abertas da Terceira Idade no cenário educacional brasileiro, os artigos considerados para essa revisão sistemática foram examinados e analisados a partir das seguintes categorias estabelecidas *a priori* com base na literatura da área: a) título, autor(es) e ano de publicação; b) caracterização do estudo: tipo do estudo e método utilizado, com população e instrumentos; c) Estado federativo da UATI e breve descrição; d) Eixos da Estrutura das UATI em relação à: 1) metodologia, 2) recursos físicos, humanos e materiais e 3) programa, apresentando os conteúdos e forma de avaliação. As categorias foram organizadas em uma tabela com os resultados encontrados, que em seguida, foram descritos e analisados.

Resultados

A partir dos descritores e operadores booleanos designados, no período de 2014 a 2018, foram identificados 53 artigos científicos relativos às Universidades Abertas da Terceira Idade brasileiras. Desses, apenas sete artigos foram selecionados, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, compondo desse modo, o *corpus* de análise desse estudo.

A Tabela 1 apresenta os dados principais coletados nesses artigos selecionados, a partir de unidades de análise que compõem o quadro comparativo de caracterização das Universidades Aberta da Terceira Idade brasileiras, apresentadas e descritas em artigos científicos neste período designado.

Os sete estudos selecionados para essa revisão sistemática estavam compreendidos entre 2015 e 2017, sendo especificamente cinco deles de 2015, 1 de 2016 e 1 de 2017. Os estados federativos nacionais em que se encontravam as UATI dos estudos concentravam-se quatro no estado de São Paulo, uma no estado de Minas Gerais e duas no estado do Paraná. As Instituições promotoras das UATI referidas eram instituições públicas, sendo cinco delas estaduais e duas federais.

Cinco estudos apresentados na revisão eram empíricos (Cachioni et al, 2015; Rodrigues & Fernandes, 2016; Pereira, Couto & Scorsolini-Comin, 2015; Dátalo & Marin, 2015; Binotto et al, 2015), um teórico (Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017) e um teórico e empírico (Silva et al, 2015). Dos empíricos, apenas um deles era quantitativo (Cachioni et al., 2015) e os demais qualitativos. Os dados são sumariados na Tabela 1, apresentada ao final deste artigo.

Em três instituições foram realizadas entrevistas para coletar os dados, sendo uma delas aplicadas somente aos professores/monitores (Cachioni et al, 2015) e nas outras duas, aplicadas diretamente aos idosos (Pereira, Couto & Scorsolini-Comin, 2015; Dátilo & Marin, 2015). O grupo focal foi a forma de coleta de dados em outra instituição com mulheres idosas (Rodrigues & Fernandes, 2016), sendo que em outra foi aplicado um programa específico de avaliação denominado modelo RE-AIM (Binotto et al, 2015). Em outras duas instituições foram realizados o modelo relato de experiência (Silva et al, 2015; Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017), sendo que nessa última os dados obtidos foram através de pesquisa documental.

A caracterização pesquisada sobre as UATI foi distribuída em três categorias: a primeira compondo sua estrutura metodológica, a segunda sua estrutura em termos de recursos físicos, humanos e técnicos e por último sua estrutura programática, que incluía seus conteúdos educacionais e forma de avaliação. Nem todos os estudos descreveram todas essas categorias, mas no mínimo uma delas foi descrita.

Quanto à estrutura metodológica adotada pelas UATI, observaram-se através dos estudos, que as aulas dialógicas e palestras estavam presentes (Cachioni et al, 2015; Pereira, Couto & Scorsolini-Comin, 2015; Dátilo & Marin, 2015; Silva et al, 2015; Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017) como também alguns estudos demonstraram a realização de aulas práticas e oficinas, havendo maior interação do público idoso com seus responsáveis nesta metodologia (Rodrigues & Fernandes, 2016; Pereira, Couto & Scorsolini-Comin, 2015; Dátilo & Marin, 2015; Binotto et al, 2015; Silva et al, 2015; Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017).

Em relação aos recursos físicos utilizados nas UATI e suas instituições, nem todos os estudos mencionaram esse tópico, mas alguns deles informaram que todas as salas eram equipadas com recursos de multimídia (Cachioni et al, 2015; Rodrigues & Fernandes, 2016) e que havia espaços físicos disponíveis tais como salas de aula, pátio aberto, quadra esportiva, campo de futebol, salas de ginástica e pista de atletismo, constituindo-se como diferentes espaços educativos (Binotto et al, 2015; Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017), além de uma estrutura física institucional com 3 *campi* disponíveis, a partir de localizações distintas pela cidade (Silva et al, 2015).

Em relação aos recursos humanos, um dos estudos demonstrou que mulheres, das áreas de ciências humanas e biológicas, compunham o perfil predominante dos professores daquele programa (Cachioni et al, 2015). Em outro estudo verificou-se que os profissionais formados na área de atividades físicas eram supervisores de alguns dos programas desta mesma área

(Rodrigues & Fernandes, 2016). Já outro programa evidenciou que docentes e discentes de vários cursos participavam dos projetos (Pereira, Couto & Scorsolini-Comin, 2015), como também profissionais de outras instituições (Dátilo & Marin, 2015). Outro estudo afirmou que profissionais da área da saúde eram os que mais ofertavam atividades, assim como mencionou que acadêmicos e profissionais contratados recebiam subsídio financeiro por meio de bolsa, para atuar (Binotto et al, 2015). Em outra investigação verificou-se que todos os educadores do seu programa possuíam conhecimento especializado em Geriatria e Gerontologia (Silva et al, 2015). Foi descrita também a existência de uma diretoria anual em outro estudo, que era responsável por organizar e oferecer festas com o intuito de promover maior entrosamento do público idoso, através de um GUATI – Grêmio da UATI (Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017).

Em relação ainda à dimensão estrutural, em termos de recursos materiais, poucos estudos mencionaram essas informações, mas um deles citou os recursos de multimídia como equipamentos utilizados (Cachioni et al, 2015). Outro ainda comentou a existência de recursos de divulgação nos serviços de saúde de atenção básica da sua cidade (Pereira, Couto & Scorsolini-Comin, 2015). Um dos estudos selecionados mencionou a existência de diversos recursos visuais utilizados pelas oficinas com intuito educativo e de estimulação cognitiva (Silva et al, 2015). E por fim, outro estudo registrou a existência de certificados de atualização e participação na referida UATI (Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017).

Completando as dimensões que caracterizam as UATI encontra-se a programática, que inclui conteúdos educacionais e formas de avaliação. Todos os estudos informaram de algum modo seus conteúdos programáticos, explicando as atividades principais ofertadas em seus programas. O primeiro deles denominou suas atividades como: didático-culturais, formada por minicursos e oficinas de duração mínima de um semestre letivo (Cachioni et al, 2015). Outro estudo explicou suas atividades em forma de oficinas temáticas relacionadas à informática, turismo social, teatro, dança, palestras e cursos sobre saúde, qualidade de vida e atividades físicas (Rodrigues & Fernandes, 2016). Em outro estudo referiu-se que os conteúdos eram advindos das próprias demandas dos participantes, identificados com conversas prévias juntamente com a equipe, possibilitando a construção de saberes e práticas em assuntos tais como saúde mental, acompanhamento psicológico na terceira idade, relações interpessoais e aposentadoria (Pereira, Couto & Scorsolini-Comin, 2015). Outro estudo apresentou seu programa descrevendo suas atividades como palestra, oficinas de voz, teatro, memória, leitura, informática, inglês, artesanato, filmes e assuntos relacionados a direitos em diferentes esferas,

sendo que em todos os dias da semana ocorria oferta dessas atividades diversas, para que os idosos participassem mediante disponibilidade e interesse (Dátilo & Marin, 2015). No estudo de Binotto et al. (2015) mostrou-se que o responsável poderia adotar a fundamentação teórica de seu interesse, para as atividades da área física, psicológica, linguística, inclusão digital, rítmico-expressiva, artesanato e circense. Nesse programa ainda eram ofertadas mensalmente sessões de cinema, anualmente eventos sociais, como festas e comemorações, e ainda viagens, passeios culturais e de lazer. O estudo de Silva et al. (2015) apresentou o programa considerado de revitalização geriátrica que oferecia disciplinas e oficinas, tais como: educação corporal, oficina de gerontologia, origami, dança e alongamento, musicalização, laboratório de arte, roda de samba, coral, ginástica localizada e aeróbica, relaxamento, hidroginástica, natação, atividades lúdicas, exercícios para memória e projeto fotonovela. E, o último estudo demonstrou que seu programa foi estruturado em quatro grandes eixos articuladores: a) educação, cultura e arte; b) saúde, nutrição e qualidade de vida; c) educação física, esporte e lazer; d) direito, empoderamento e cidadania e em cada um desses eixos estavam alocadas as diferentes disciplinas, projetos e subprojetos, com atividades para os idosos. Os alunos que optassem por permanecer no Programa UATI após a formatura poderiam frequentar depois o Curso UCTI (Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017).

Na estrutura programática, nem todos os estudos apresentaram sua forma avaliativa. Um deles explicou que depoimentos e vínculos percebidos entre o grupo formavam sua forma de avaliar (Rodrigues & Fernandes, 2016). Em outro estudo, recomendou-se o acompanhamento dos idosos ao longo do tempo, permitindo uma análise do processo e da avaliação dos benefícios daquela UATI em particular, através de grupos de reflexão em um processo colaborativo (Pereira, Couto & Scorsolini-Comin, 2015). Outro estudo formulou uma pergunta aberta acerca da percepção do envelhecimento como forma de avaliação (Dátilo & Marin, 2015). No estudo de Binotto et al, 2015 demonstrou-se o modelo RE-AIM de avaliação do efeito do programa, onde informações obtidas em vídeos, relatórios e documentos institucionais eram examinadas. Nesse mesmo estudo, os métodos qualitativos, através de questionários e relatos informais dos participantes, também media a implementação do programa, além do parecer e relato dos acadêmicos e professores. E no último estudo analisado, verificou-se que as avaliações eram realizadas tanto com os alunos, como com professores e coordenadores, através da participação nas atividades, aproveitamento, frequência e relatórios orais e escritos (Oliveira, Scortegagna & Silva, 2017).

Discussão

Através dessa revisão sistemática de literatura, foram encontrados programas de UATI em três das cinco regiões brasileiras, especificamente nos estados de São Paulo, Minas Gerais e no Paraná. Silva, Silva e Rocha (2017) mencionaram essa questão, demonstrando que percebiam proporcionalidade de programas e projetos nas cinco regiões brasileiras. Eltz et al. (2014) também referiram que tais programas estão localizados em instituições espalhadas pelas cinco regiões brasileiras. Por outro lado, na presente revisão, nem todas as regiões do Brasil foram contempladas em estudos que abordavam sua forma de funcionamento, o que demonstra que ainda há carência nesse sentido.

Essa revisão verificou que não há um único modelo ou padrão referente à sistematização e estruturação dos programas das UATI no cenário brasileiro. Todos os resultados encontrados demonstraram diversas formas de delinear, planejar, e estruturar os programas descritos, mesmo que respaldados em um mesmo modelo de base: o francês, conclusão essa obtida com base na descrição desse modelo na introdução, principalmente no tocante à metodologia e recursos utilizados em termos físicos, humanos e materiais. As aulas em forma de palestra, disciplina e momentos teórico-práticos ou oficinas demonstraram isso. Assim como a equipe de professores ter sido formada a partir da própria Instituição e possuir bagagem científica. Mas, ao mesmo tempo, também foi demonstrado que apesar do modelo ser *top-down* em muitos dos programas referidos, as prévias metodológicas incluíam consultar o público idoso para explicitar seus próprios interesses e expectativas. Isso salientou a tentativa de se integrar ambos os modelos, francês e inglês, mesmo que em proporções predominantemente francesas. Posada (2016) bem descreve, que esse tipo de programa das UATI inclui uma variada sequência de conteúdos e momentos educativos para esse público, ressaltando que há grande variedade de enfoques acadêmicos e metodológicos por trás de sua estruturação, sejam os de modelo inglês ou francês.

Pelos estudos revisados, observou-se que existem pressupostos importantes relacionados à estruturação dos programas, em termos de metodologia, recursos utilizados e conteúdos programáticos a serem lembrados e contemplados em momentos de formação dos programas das UATI. Mas nem todos os programas apresentados pelos estudos revisados, descreviam completamente todos esses aspectos, bem como quando o faziam, mencionavam características diversas e com diferentes ênfases. Mas de modo geral, demonstravam a importância de dar um contorno ao seu programa, que trouxesse delimitação em termos de

funcionamento e estrutura. É possível que alguns desses estudos selecionados, não tenham descrito exhaustivamente tais informações estruturais, pois também tinham outros objetivos associados em suas pesquisas, mas isso de certo modo, fez com que ficassem menos conhecidas as características estruturais das UATI que estavam mencionando nesses estudos.

Silva, Silva e Rocha (2017) consideraram que alguns pontos são imprescindíveis na apreciação de um programa de UATI, conforme descritos na introdução dessa revisão. Os estudos selecionados confirmaram a maioria desses pontos descritos pelos autores, tais como a metodologia interdisciplinar, a busca pela integração e socialização dos participantes, a atenção aos aspectos intergeracionais, a possibilidade de produção de conhecimento, os conteúdos programáticos reflexivos sobre envelhecimento ativo e suas consequências nas esferas de vida da pessoa idosa, com foco na promoção da saúde de forma integral (biopsicossocial), com envolvimento da sociedade, de forma institucional e acadêmica (cursos de graduação, funcionários da universidade e mentores dos programas) ou de forma geral (quando os programas realizam suas festividades e comemorações junto a outros públicos). Com isso, ressalta-se a importância de haver uma descrição completa e detalhada dos programas das UATI referidos nos artigos, pois isso facilitaria o entendimento sobre os programas e oportunizaria estudos comparativos.

No relato de pesquisa de Doronin, Santos e Araújo (2019) registrou-se que a metodologia qualitativa para coleta de dados com os participantes foi utilizada para que suas preferências, necessidades e expectativas ficassem explicitadas a fim de gerar a retroalimentação para os conteúdos programáticos e facilitação de ementas futuras, o que demonstraria a eficácia desse tipo de coleta com esse público. O que ficou retratado nos estudos da revisão em questão, é que tal coleta qualitativa, através de entrevistas e grupos focais, torna-se uma ferramenta útil para se conhecer qualitativamente o próprio público.

Os achados mais sobressalentes estavam em torno dos conteúdos dos programas das UATI, remetendo a diversas áreas do saber transformadas em atividades a serem vivenciadas, teórica ou praticamente com seus participantes. A tabela 1 mostrou tais resultados informando a riqueza de conteúdos dispostos em vários tipos de estruturas programáticas, sendo que nenhuma era igual à outra. Por meio dos outros aspectos existentes, tais como recursos e metodologias, havia combinações das mais diversas ordens, e seu inverso também procedia, pois, dependendo dos conteúdos eleitos, os outros aspectos estruturais, teriam que atender ao programa delineado. No relato de pesquisa de Doronin, Santos e Araújo (2019) foi desenvolvida

uma tabela bem completa de assuntos por cursos ou áreas, demonstrando o leque de temas que podem ser contemplados em um programa de UATI. Muitos dos assuntos citados pelas autoras apareceram também na tabela 1 dessa revisão sistemática de estudo, na coluna acerca da estrutura programática, em termos de conteúdos. Silva, Silva e Rocha (2017) também exploraram esse detalhamento nos 36 programas mapeados. Para isso utilizaram-se de notícias e publicações de cada um nas páginas das instituições e pelo sistema e-mec. Posada (2016) ressaltou a importância da adaptação dos conteúdos dos programas, orientando que os papéis sociais dos idosos, tanto na comunidade como na família, devem ser reforçados. Destacou ainda, que as atividades devem ser tanto em forma de aula como fora dela, no cotidiano de vida das pessoas, por exemplo, associadas a outras organizações da comunidade. Nos estudos dessa revisão tivemos alguns que demonstraram estar atentos a essa parceria comunitária, social e cultural, relatando, por exemplo, atividades culturais desenvolvidas pelos participantes e mesmo formatos bem práticos como é o caso da UEPG que propõe o estágio de inserção comunitária, conforme descrito no estudo revisado de Oliveira, Scortegagna e Silva (2017).

Considera-se necessário ressaltar a importância de se considerar a Gerontologia Educacional como uma das formações importantes para estar associada aos programas das UATI, pois discute aspectos referentes à educação de idosos. Enquanto disciplina científica está localizada entre a pedagogia social e a gerontologia social e de acordo com Oliveira, Scortegagna & Oliveira (2015), “se alicerça na concepção, elaboração e implementação de programas de animação, estimulação, enriquecimento pessoal, formação e instrução dirigidos aos idosos. Dessa maneira, congrega todas as atividades educativas em que participem os idosos.” (p. 347). Diante dos mais variados pontos de estruturação de uma UATI, há de se reconhecer que uma equipe interdisciplinar favoreça melhor planejamento, desenvolvimento e execução de projetos e programas relacionados ao assunto.

Sobre os aspectos práticos relacionados à duração dos programas e funcionamento, fica demonstrado por essa revisão, que a maioria deles funciona semanalmente, com exceção do período de férias escolares, em turnos da manhã e/ou da tarde, com horários variados. Eltz et. al. (2014) demonstram em seu estudo que o tempo de duração dos programas analisados, era predominantemente indeterminado. Essas autoras acreditavam que o ideal seria a forma baseada na educação continuada, sem prazo determinado, onde o participante teria liberdade de permanecer ou mesmo sair do programa quando desejasse. Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2015) também assinalaram sobre a não obrigatoriedade de frequência, as experiências podem

ocorrer em tempos e espaços mais flexíveis, traduzindo a educação não formal. Segundo essas autoras, a atenção primordial deveria recair sobre a promoção da autonomia, participação e inserção da pessoa idosa contribuindo para sua qualidade de vida.

Sobre o processo de avaliação que ocorre nos programas das UATI, a maioria dos estudos mencionou alguma forma avaliativa, como caminho tanto de estruturação como de reestruturação de seus programas. Desde perguntas investigativas, passando por observações, acompanhamento, relatos informais, depoimentos, grupos de reflexão, frequência, participação e relatórios, coletados com diversos instrumentos e com diferentes pessoas envolvidas nos processos, tais como coordenadores, professores, monitores e participantes. Posada (2016) mencionou que a avaliação da aprendizagem dos participantes não é um elemento importante nesses casos, mas que deve haver avaliação em pelo menos dois momentos, sendo o primeiro em sua etapa de formação do programa e em um segundo momento, após sua finalização, no modelo de acompanhamento, para verificar se os participantes, mediante os objetivos do programa, estão ampliando suas contribuições nos diversos contextos sociais a que pertencem, através de suas competências que são trabalhadas e desenvolvidas naquele período da ocorrência das atividades previstas. O mesmo autor ainda salientou que todo esse resultado servirá principalmente para refinar os programas, pois caso isso não aconteça, o risco será o de comprometer sua qualidade e eficiência. Foi surpreendente observar como a avaliação dos programas foi mencionada em caráter de igual importância comparado aos conteúdos programáticos, em grande parte dos estudos selecionados para essa revisão sistemática, demonstrando que as UATI em questão já demonstravam atenção a esse aspecto estruturante. Mas ainda se observou que muitos aspectos poderiam ser mais bem aproveitados e ampliados, para a obtenção de maior qualidade dos processos de cada programa descrito nos estudos.

Considerações finais

Essa revisão sistemática de literatura pretendeu conhecer o estado da arte das UATI, em termos de suas características estruturais, no tocante aos seus fatores metodológicos, de recursos (físicos, humanos e materiais) e programáticos (conteúdos e avaliação). Apresentou resultados importantes para a compreensão do delineamento, planejamento e operatividade desses programas, demonstrando que metodologicamente utilizam-se os formatos dialógicos, através de aulas/palestras e oficinas/práticas.

Os recursos físicos fundamentais para a execução dos programas ficaram centrados nos espaços educativos e estruturas físicas tanto fechadas como abertas para o desenvolvimento das atividades de cada programa. Os recursos humanos disponíveis dependeram de equipes mais próximas e atuantes, como também dos cursos de graduação envolvidos nos projetos, através dos professores, monitores e graduandos. A participação da comunidade e a parceria com outras instituições demarcaram um processo de caracterização que ultrapassou as grades externas da instituição promotora do programa. Os recursos materiais basicamente se limitaram aos recursos tecnológicos e materiais de apoio à execução das atividades desenvolvidas. A estrutura programática das UATI contemplou em sua grande maioria, temas diversos que atendiam as necessidades e expectativas de integração, autonomia e cidadania da pessoa idosa, com seu fortalecimento, participação social e maior qualidade de vida. Os processos avaliativos foram considerados de fundamental importância devido ao seu caráter de formação e acompanhamento, tanto da implementação como da execução desse tipo de programa.

Outros estudos, como os de Silva, Silva e Rocha (2017) e Silva, Souza e Rocha (2017), salientaram a necessidade de se observar mais essa caracterização que gera identidade à UATI, demonstrando a importância do compromisso social e institucional, e de pontos básicos em sua estruturação (juntamente com aspectos regionais e locais), que garantissem o bom funcionamento do programa e a concretização de seus objetivos. A maior parte desses refere-se fundamentalmente ao sentido da educação não formal, interdisciplinaridade, integração social dos participantes, envelhecimento ativo, promoção de saúde integral, integração intergeracional e produção de conhecimento, com articulação de ensino, pesquisa e extensão.

O modelo adotado pelo programa, seja francês ou inglês, garantirá algumas premissas para a estruturação dos programas, ficando demonstrado por essa revisão que não há uma forma padronizada que garanta uma mesma caracterização às UATI, em termos tanto estruturais como funcionais.

Uma limitação identificada por essa revisão sistemática decorreu de haver um número pouco expressivo de estudos recentes que apresentassem suas UATI em termos de características e funcionamento. Isso limitou a revisão, pois grande parte dos estudos selecionados apenas articulava esse contexto educacional com processos relacionados à qualidade de vida dos idosos, demonstrando de forma mais genérica e pouco detalhada, quando se tratava da caracterização de seus programas ofertados aos participantes.

Diante disso, a equação contemporânea, que inclui longevidade e acesso à educação, com políticas públicas e sociais que apoiem a criação de UATI por todo o Brasil, apresenta oportunidades significativas social e cientificamente, ao processo de qualidade de vida do idoso.

Apesar de haver pesquisas que já investigam perfis institucionais e processos pedagógicos de ensino para participantes de UATI pelo mundo, no Brasil especialmente, ainda ocorrem em menor número, carecendo mesmo de apresentação desse tipo de programa por parte da instituição que o promove e também de produção científica por parte dos envolvidos nesse tipo de processo educacional. Tais investigações que exploram esse cenário estrutural e funcional das UATI constituem-se, portanto, uma das lacunas existentes no campo atual relacionado ao objeto desse estudo, retratando a necessidade de se explorar melhor os fatores relacionados, principalmente em termos de estrutura metodológica, de recursos e programática, acrescentando também a possibilidade de um delineamento histórico em relação aos diversos programas existentes no Brasil, mas pouco divulgados.

Referências

- Brasil. (2013). Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. 3. ed., 2. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde.
- Binotto, M. A., Milistetd, M., Benedetti, T. R. B., & Almeida, F. A. (2015). Programa Universidade Aberta para a Terceira Idade: avaliação do programa por meio do modelo RE-AIM. *Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde*, 20(3), 309-320. doi: 10.12820/rbafs.v.20n3p309
- Cachioni, M. (2012). Universidade da terceira idade: História e pesquisa. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), 1-8.
- Cachioni, M., Ordonez, T. N., Batistoni, S. S. T., & Lima-Silva, T. B. (2015). Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Educação & Realidade*, 40(1), 81-103. doi: 10.1590/2175-623645741
- Dátilo, G. M. P. A., & Marin, M. J. S. (2015). O envelhecimento na percepção de idosos que frequentam uma universidade aberta da terceira idade. *Estud. interdiscipl. Envelhec.*, 20(2), 597-609.
- Doronin, J. A. F., Santos, R. S. & Araujo, G. A. F. (2019). Proposta de Educação Continuada: As áreas de conhecimento e o interesse dos idosos. *Rev. Longeviver*, 1(2), 49-56.

- Eltz, G., Artigas, N., Pinz, D., & Magalhães, C. (2014). Panorama atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. *Revista Kairós: Gerontologia*, 17(4), 83-94.
- Inouye, K., Orlandi, F. S., Pavarini, S. C. L., & Pedrazzani, E. S. (2018). Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. *Educação e Pesquisa*, 44, e142931. doi: 10.1590/S1678-4634201708142931
- Lolli, M. C. G. S., Lolli, L. F., & Maio, E. R. (2014). Universidade aberta à terceira idade: uma tentativa de emancipação. *Revista Labor*, 12(1), 131-151. doi: 10.29148/labor.v1i12.6579
- Neri, A. L. (2001). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea.
- Oliveira, R. C. S., Scortegagna, P. A., & Oliveira, F. S. (2015). Universidades abertas a terceira idade: delineando um novo espaço educacional para o idoso. *Revista HISTEDBROnline*, 15(64), 343-358. doi: 10.20396/rho.v15i64.8641945
- Oliveira, R., Scortegagna, P., & Silva, F. O. A. (2017). A educação permanente protagonizada pelo idoso na universidade aberta para a terceira idade/UEPG. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, 14(27), 19-33. doi: 10.5007/1807-0221.2017v14n27p19
- Organização Mundial da Saúde - OMS (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde.
- Peixoto, N., Lima, L. C. V., & Bittar, C. M. L. (2017). Percepções sobre qualidade de vida entre idosos que participam de uma Universidade Aberta para Maturidade. *Acta Scientiarum. Humam and Social Sciences* 39(2), 209-216. doi: 10.4025/actascihumansoc.v39i2.33089
- Pereira, A. A. S., Couto, V. V. D., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Motivações de idosos para participação no programa Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 207-217.
- Posada, F. V. (2016). La generatividad en la vejez: implicaciones para el futuro de los Programas Universitarios para Adultos Mayores. In R. C. S. Oliveira, P. A. Scortegagna, & M. J. F. Cury, *A velhice e o envelhecimento no contexto ibero-americano* (páginas consultadas). Cascavel: EDUNIOESTE.
- Rodrigues, J. P., & Fernandes, C. A. M. (2016). Lazer e sociabilidade: sobre as memórias e motivações de idosos participantes de uma experiência de educação não formal na zona leste da cidade de São Paulo. *Licere*, 19(4), 201-225.
- Silva, P., Faria, S., Carriço, I., Casemiro, F., Costa, F., & Castro, P. (2015). O papel do bacharel em Gerontologia na Universidade da Terceira Idade: um relato de experiência. *Revista Kairós: Gerontologia*, 18(19), 149-165.

Silva, F. M., Silva, A. T. D., & Rocha, R. A. (2017). Onde estão as UNTI das universidades públicas federais do Brasil. In XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária, Mar del Plata, Argentina.

Silva, F. M., Souza, I. M., & Rocha, R. A. (2017). Universidade da terceira idade, compromisso social e compromisso institucional. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, 14(27), 4-18. doi: 10.5007/1807-0221.2017v14n27p4

TABELA 1
Caracterização das Universidades Abertas da Terceira Idade – UATI brasileiras, segundo: metodologia, estrutura e programa

Estudo (título, autor(es) e ano)	Caracterização Estudo	Estado Federativo da UATI e descrição	ESTRUTURA			Forma de Avaliação (início)
			Tipo	Método: população/ instrumentos	Metodológica	
Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade (Cachioni et al., 2015)	Empírico Quantitativo 82 professores e monitores/ Entrevistas	SP UnATI - Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH USP), organizada segundo o modelo francês.	Aulas dialógicas Fatores facilitadores de aprendizagem da pessoa idosa: Pedagogia Participativa Problematicizadora; Estratégias cognitivas e habilidades sociais empáticas considerando os declínios associados à idade; Pedagogia da Transmissão.	Todas as salas destinadas ao programa são equipadas com recursos de multimídias. Perfil dos professores: mulheres e das áreas de ciências humanas e biológicas.	Parte significativa das atividades oferecidas. denominadas didático-culturais, caracterizam-se por minicursos e oficinas com duração mínima de um semestre letivo.	
Lazer e sociabilidade: sobre as memórias e motivações de idosos participantes de uma experiência de educação não formal na zona leste da cidade de São Paulo (Rodrigues & Fernandes, 2016)	Empírico Qualitativo 10 idosos/entre 62-75 anos/ Grupo focal	SP UNATI do CEPAF - Centro de Estudos e Práticas de Atividades Físicas da EACH-USP. Nesse projeto, o idoso matriculado que, em geral, não teve acesso à formação superior	Interage com docentes e com estudantes dos diversos cursos de graduação oferecidos pela EACH/USP. A cada semestre são realizados em média 4 programas de atividades físicas, no período da manhã, com 25 a 40 vezes cada. A frequência das aulas varia de 1 a 3 vezes por semana, com duração de 1 a 2 horas.	Ambientes online; Alguns dos programas de atividade física desenvolvidos pela UNATI são supervisionados por profissionais formados na área de atividades físicas (educadores) do CEPAF.	Oficinas temáticas: informática, turismo social, teatro, dança, palestras e cursos sobre saúde e qualidade de vida e com programa de atividades físicas de 1 a 2 horas.	Considera-se, a partir dos depoimentos e vínculos percebidos entre o grupo, a importância da "saúde social" e a urgente necessidade de criação de políticas públicas.
Motivações de idosos para participação no programa Universidade Aberta à Terceira Idade (Pereira, Couto, & Scoresini-Comin, 2015)	Empírico Qualitativo 10 idosos/ entrevistas	MG UATI da Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM, instituição pública. Programa de extensão universitária que teve início no ano de 2009. A UATI funciona anualmente, de março a dezembro. As atividades são realizadas uma vez por semana, no período da tarde. As atividades da UATI são divulgadas em serviços de saúde da cidade, ligados à Atenção básica.	Que os idosos possam expressar seus sentimentos, experiências, dificuldades e perspectivas, combinando atenção psicológica e ensino de conteúdos relacionados à Psicologia.	O projeto conta com a participação de docentes e discentes de vários cursos.	Cada curso envolvido desenvolve aspectos relacionados ao seu campo de atuação, contribuindo com conteúdos relevantes para a população idosa. São desenvolvidas oficinas, grupos e workshops sempre tendo como referência, os interesses relacionados pelos participantes em conversas prévias. São assuntos como fragilidade do idoso, saúde mental, acompanhamento psicológico na terceira idade, relacionamentos interpessoais com amigos, familiares e cuidadores, aconselhamento de carreira na transição para a aposentadoria dentre outros.	Para uma avaliação do programa recomenda-se o acompanhamento desses idosos ao longo do tempo, a fim de permitir uma análise de processo e, consequentemente de avaliação dos benefícios específicos da UATI, bem como seus possíveis entraves. Essas avaliações poderiam também ser conduzidas em grupos de reflexão, levantando as sugestões dos próprios participantes acerca do programa, em um processo mais colaborativo. Sugere-se que essa avaliação de processo seja integrada às atividades da UATI, e não como uma pesquisa isolada como a relatada no presente estudo, de modo a possibilitar que todos os envolvidos respondam os instrumentos.

(conclusão)

Estudo (título, autor(es) e ano)	Caracterização Estudo	Estado Federativo da UATI e descrição	ESTRUTURA	Forma de Avaliação	Estudo (título, autor(es) e ano)	Caracterização Estudo	Estado Federativo da UATI e descrição
Tipo	Método: população/instrumentos	Método: população/instrumentos	Metodológica	Tipo	Método: população/instrumentos	Tipo	Método: população/instrumentos
O envelhecimento na percepção de idosos que frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade (Dátilo & Marin, 2015)	Empírico	Qualitativo 25 idosos/ entrevista com pergunta aberta.	SP A UNATI da Universidade Estadual Paulista – Unesp, campus de Marília/SP é um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária dessa Universidade (PROEX). A UNATI de Marília iniciou suas atividades em 1995.	A metodologia ocorre por meio de palestras, de modo que, todos os dias da semana, sejam oferecidas atividades para que os idosos participem de acordo com sua disponibilidade e interesse.	Ministradas com profissionais da UNESP e de outras instituições	Atividades como palestras e oficinas de voz, teatro, memória, leitura, informática, inglês, artesanato, cursos sobre direito, direitos do idoso, do consumidor, da família e filmes seguidos de debates Os temas são sugeridos por escrito pelos alunos em parceria com a equipe de coordenação.	Na análise das respostas à pergunta aberta: Como percebem o envelhecimento? Foram identificadas três categorias temáticas: O envelhecimento entre gambos e perdas; O envelhecimento como conquista e liberdade; Percebem o peso da idade e a proximidade da finitude.
Programa Universidade Aberta para a Terceira Idade: avaliação do programa por meio do modelo RE-AIM (Binotto et al., 2015)	Empírico	Qualitativo	PR Universidade Aberta para a Terceira Idade da Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO campus Irati, que teve início como uma ação extensionista em 1998 e em 2007 passou a ser um programa de extensão permanente, vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da UNICENTRO	Ocorre em forma de oficinas no programa. Cada responsável tem autonomia para utilizar a fundamentação teórica que considere mais adequada, a partir sua área de conhecimento. As atividades e oficinas do programa são oferecidas semanalmente, nas terças e quintas feiras à tarde, com carga horária de 6 horas, durante 8 meses do ano.	Espaços físicos: salas de aula, pátio aberto, quadra esportiva, campo de futebol, salas de ginástica, pista de atletismo. Os professores da área de ciências da saúde são os que mais ofertam atividades. A maioria dos acadêmicos que participam do programa recebe subsídio financeiro, por meio de bolsa, para sua atuação, bem como os profissionais contratados para as oficinas.	As seguintes oficinas são ofertadas: atividades físicas, psicologia, línguas, inclusão digital, atividades rítmicas e expressivas, artesanato e atividades crecheses. Sessões de cinema mensal e ao longo do ano alguns eventos festivos. Além de viagens e passeios culturais e de lazer para os participantes do programa.	Utilizou-se o modelo RE-AIM, uma ferramenta desenvolvida para avaliar o efeito de programas de intervenção em ambientes construídos. Foram analisadas as informações em vídeos, relatórios e documentos institucionais. A utilização de métodos qualitativos para medir a implementação do programa se dá por questionário e relatos informais dos idosos participantes, parecer e relato dos acadêmicos e professores envolvidos. Utilizam-se relatos informais dos idosos participantes e formulário como método qualitativo para medir a manutenção individual no programa.
O papel do bacharel em Gerontologia na Terceira Idade: um relato de experiência (Silva et al., 2015)	Teórico e Empírico	Qualitativo Uma revisão sistemática da literatura, duplo- cega, foi realizada, sobre o movimento das Universidades de Terceira Idade no Brasil e no mundo.	SP Universidade Aberta da Terceira Idade UATI/FESC, da Fundação Educacional São Carlos/SP. Há a parceria com o curso de Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. É um programa de uma fundação, sendo considerada uma autarquia municipal.	Disciplinas são oferecidas a maiores de 40 anos, e não estão inseridas em um contexto de ensino superior. Há um cronograma com temas pré-determinados, mas alterado de acordo com interesse dos participantes. As oficinas funcionam através de teatro, gincana entre grupos, apresentação de questionários interativos e estimulação cognitiva.	Estruturada em três <i>campi</i> : Vila Nery (Campus do Rui); Vila Prado (Campus 2) e Santa Paula (Campus 3). A FESC conta com 77 funcionários. Todos os educadores possuem conhecimento em Geriatria ou Gerontologia. O programa da UATI/FESC tem financiamento público.	Alguns temas tratados foram: políticas públicas, alterações biopsicossociais decorrentes do envelhecimento, nutrição, saúde bucal, quedas, atividade física, autonomia, ansiedade, fragilidade, doenças crônicas e sexualidade. O programa oferece disciplinas, oficinas e programa de revitalização geriátrica (atividade física), de acordo com as atividades.	
A educação permanente protagonizada pelo idoso na Universidade Aberta para a Terceira Idade/UEPG (Oliveira, Scottegagna & Silva, 2017)	Teórica	Qualitativo	PR A UATI/Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) foi criada em 1992, inicialmente como projeto e a partir de 2012 foi transformado em programa. A Universidade continuada para a Terceira Idade (UCTI) é um curso criado em 1994.	O critério para ingresso é ser alfabetizado e ter 60 anos ou mais. O ingresso acontece por ordem de chegada. Os idosos podem eleger as atividades em que estarão envolvidos; a carga horária anual pode ser diferente da estabelecida (ampliada). Os alunos do Curso UATI têm como atividades obrigatórias aulas teóricas e estágio de inserção comunitária. Após o término das atividades do Curso, e a formatura, os alunos que optarem por permanecer no Programa UATI passam a frequentar o Curso UCTI.	Existente o Grêmio da Universidade Aberta da Terceira Idade (GUATI), cuja diretoria e escolhida anualmente no mês de julho, com as atribuições principais de oferecer festas anuais	São realizadas avaliações com os alunos, professores e coordenação. Abrangem a participação, os relatórios orais e escritos dos alunos e dos responsáveis de cada conteúdo teórico ou prático. A avaliação dos alunos se baseia em dois critérios: aproveitamento e frequência. O aluno é avaliado por participação nas atividades, a critério de cada professor.	

Apêndice B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Redes sociais significativas formadas pelos egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade

Apresentação do Pesquisador e da Instituição

Apresentação do TCLE e assinatura

Garantia do anonimato e do sigilo

Conversa inicial – Aquecimento

A) Dados sociodemográficos:

1. Nome (SOMENTE iniciais):
2. Idade:
3. Gênero:
4. Naturalidade/Estado:
5. Estado Civil: Há quanto tempo:
6. Tem filhos? (quantidade, gênero e idade)
7. Mora com quem?
8. Escolaridade:
9. Crença Espiritual /Religiosa:
10. Profissão:
11. Trabalha ou exerce alguma atividade remunerada atualmente? Qual?
12. Participa de algum projeto voluntariado/ação social? Qual?
13. Participa de algum grupo social atualmente? Qual? (dança, coral, artesanato)
14. Realiza atividades/exercícios físicos regularmente? Com que frequência?
15. Estado atual de saúde (presença de doenças e tratamentos realizados no momento)
16. Cuida de alguém? Quem? (Parentesco)
17. Participa de redes sociais tecnológicas? Qual?
18. Participou do programa de Universidade Aberta da Maturidade (UAM)? Quando?
19. Sobre sua experiência na UAM como você se sente?
 - 19.1 () muito satisfeito
 - 19.2 () satisfeito
 - 19.3 () nem satisfeito, nem insatisfeito

19.4 () insatisfeito

19.5() muito insatisfeito

20. **IMPORTANTE:** Por que se sente assim em relação à sua experiência na UAM

B) Sobre o acesso do egresso na UAM:

1. Como soube do trabalho desenvolvido na UAM na época que se inscreveu?
2. O que fez com que se inscrevesse na UAM?
3. Teve incentivo de alguém para participar? Quem e qual sua relação com essa pessoa?
4. Quanto tempo participou do projeto da UAM?
5. Como foi participar?

C) Sobre a relação do egresso com a rede social UAM, após a realização do programa:

1. O que significou para você quando acabou o programa da UAM em junho/2018?
2. Como ficou a convivência entre os participantes em geral, após o término do programa?
3. Como percebeu o SEU relacionamento com os outros participantes após o término?
4. Encontrou, sem programar, algum de seus colegas após o término do programa? Quem, quantas vezes e como se encontraram.
5. Você promoveu ou organizou algum encontro com seus colegas depois que o programa terminou? Quem, quantas vezes e como foi.
6. Foi convidado por algum deles para algum encontro posterior com seus colegas depois que terminou o programa? Quem, quantas vezes e como foi.
7. Gostaria que algo tivesse sido diferente em relação a essa convivência? O que?
8. Afinal, considera que houve ou não a MANUTENÇÃO da rede social da UAM após o programa?
9. Como consegue perceber isso?

D) Relação do egresso com a rede social UAM, durante a realização do programa:

1. Quais as lembranças mais importantes do período em que participou da UAM?
2. Já conhecia algum dos participantes de outro lugar, quando iniciou o programa? Quem e de onde?
3. Como as pessoas foram se aproximando durante o programa? (questão das 2 turmas que se juntaram)
4. Como se sentia em relação aos outros participantes na época do programa?
5. Costumava encontrar as pessoas do grupo da UAM somente nos dias de aula, na época do programa ou em outros dias também?
6. Houve algum constrangimento ou desconforto com algum participante na época do programa que foi importante para você?
7. Considera que houve ou não a CONSTRUÇÃO da rede social da UAM enquanto acontecia o programa?
8. Como percebeu isso?

E) Relação do egresso com o tema rede social significativa

1. O que você entende por rede social significativa?

F) Mapa de rede

Apresentação do instrumento gráfico e explicação dos quadrantes e círculos de convivência.

F.1 Características estruturais:

1. Quem são as pessoas mais significativas do grupo da UAM atualmente em sua vida?
2. Onde essas pessoas moram? (DISPERSÃO)
3. Desde quando existe esse relacionamento? (HISTÓRIA)
4. O que te levou a se aproximar dessas pessoas? (HISTÓRIA)
5. Onde elas estão localizadas aqui nos círculos de convivência, por exemplo, estão mais próximas, em média proximidade ou menos próximas de você que está aqui no centro?
6. Há diferenças socioculturais ou econômicas entre essas pessoas da rede da UAM? (HOMO/HETEROGENEIDADE)

F.2) Tipos de funções

7. Qual a função principal do relacionamento com cada uma dessas pessoas na sua vida? Ou seja, me explique como funcionam esses relacionamentos com essas pessoas significativas.

F.3) Atributos dos vínculos

8. Há reciprocidade, ou seja, também faz isso por essa pessoa ou ela por você?
(RECIPROCIDADE)

9. Considera que há intimidade nesse relacionamento? (INTENSIDADE)

10. Com que frequência esse relacionamento é mantido? (PERIODICIDADE)

11. Qual a importância dessas pessoas da rede da UAM nesse momento da sua vida hoje da “maturidade”? **Pergunta principal/objetivo pesquisa**

G. Distribuição da rede (não fazer quadrante por quadrante, perguntar geral).

1. Além das pessoas da UAM, há outras pessoas que você considera significativas em sua vida? Quem são?

2. Onde estão localizadas nos quadrantes (DISTRIBUIÇÃO)

3. Onde moram? (DISPERSÃO)

4. Desde quando existe esse vínculo? (HISTÓRIA)

5. Onde elas estão localizadas aqui nos círculos de convivência? Estão mais próximas, em média proximidade ou menos próximas?

6. Há diferenças socioculturais ou econômicas entre essas pessoas?
(HOMO/HETEROGENEIDADE)

7. Qual a função principal do relacionamento com essas pessoas em sua vida?
(TIPOS DE FUNÇÕES) GERAL E NÃO PESSOA POR PESSOA.

8. Há reciprocidade, ou seja, também faz isso por essas pessoas ou elas por você?
(RECIPROCIDADE)

9. Considera que há intimidade nesse relacionamento? (INTENSIDADE)

10. Com que frequência esse vínculo é mantido? (PERIODICIDADE)

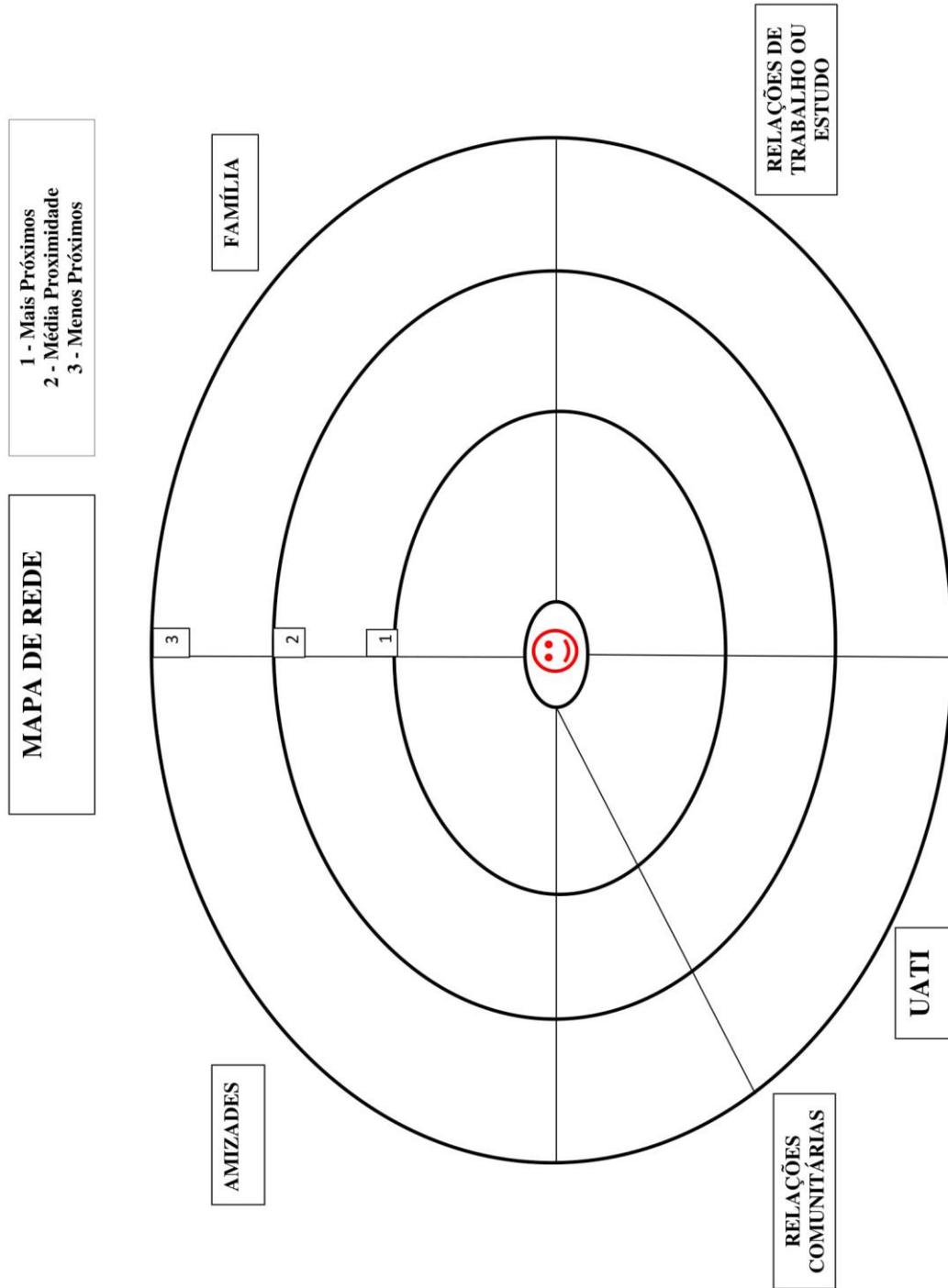
11. Qual a importância dessas pessoas das outras redes nesse momento da sua vida hoje da “maturidade”?

12. Essas pessoas se conhecem entre si, desses outros quadrantes com as pessoas do quadrante da UAM? (DENSIDADE)

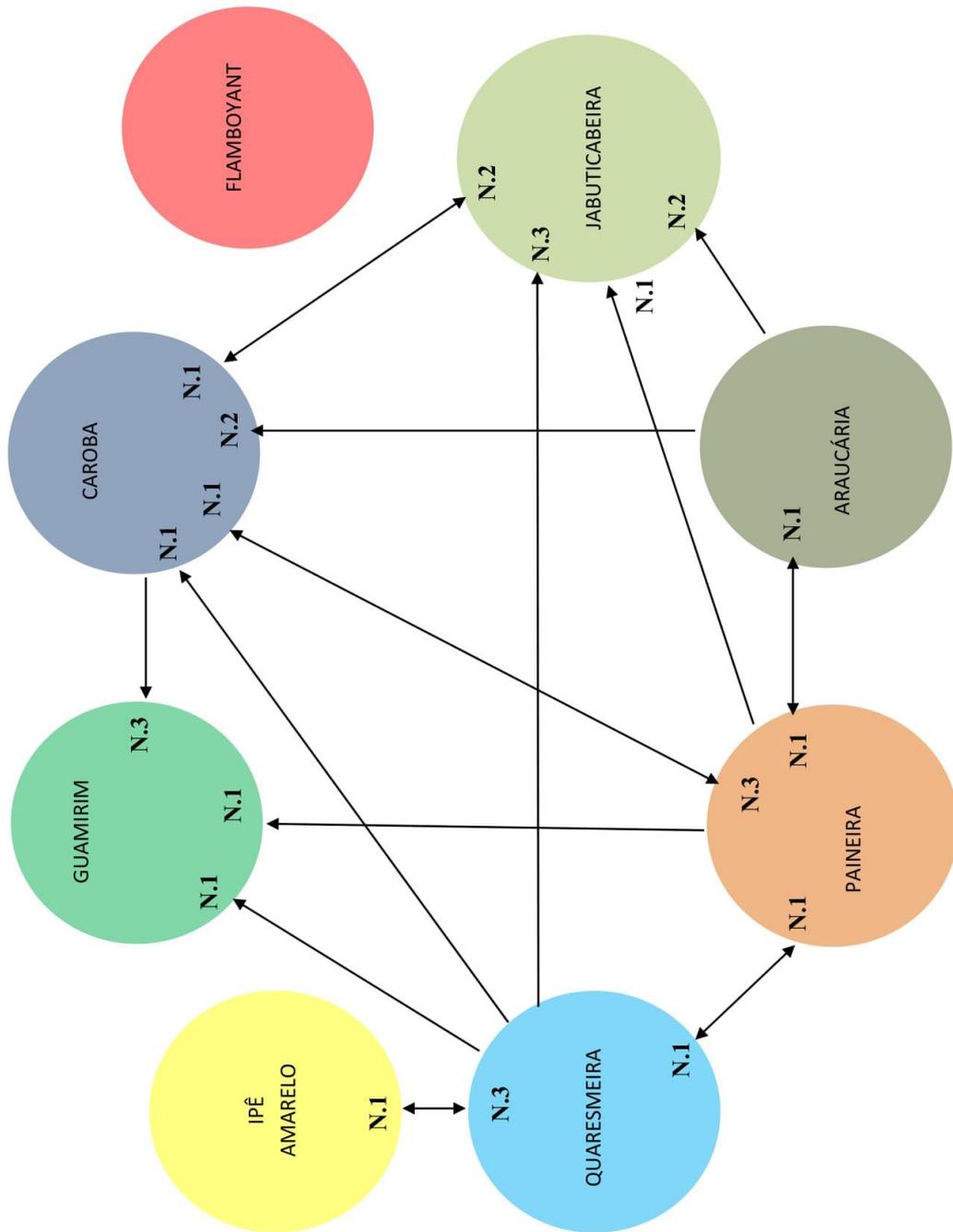
Agradecimento

Agradecimento pela valiosa colaboração nessa pesquisa, lembrando que seus dados pessoais estão protegidos pelo sigilo e anonimato, e suas informações são importantes para o avanço científico nas ciências sociais, particularmente na Psicologia Social e Saúde.

Apêndice C - Modelo Diferenciado de Mapa de Rede Social, Incluindo a Rede da UATI no Quadrante Comunidade

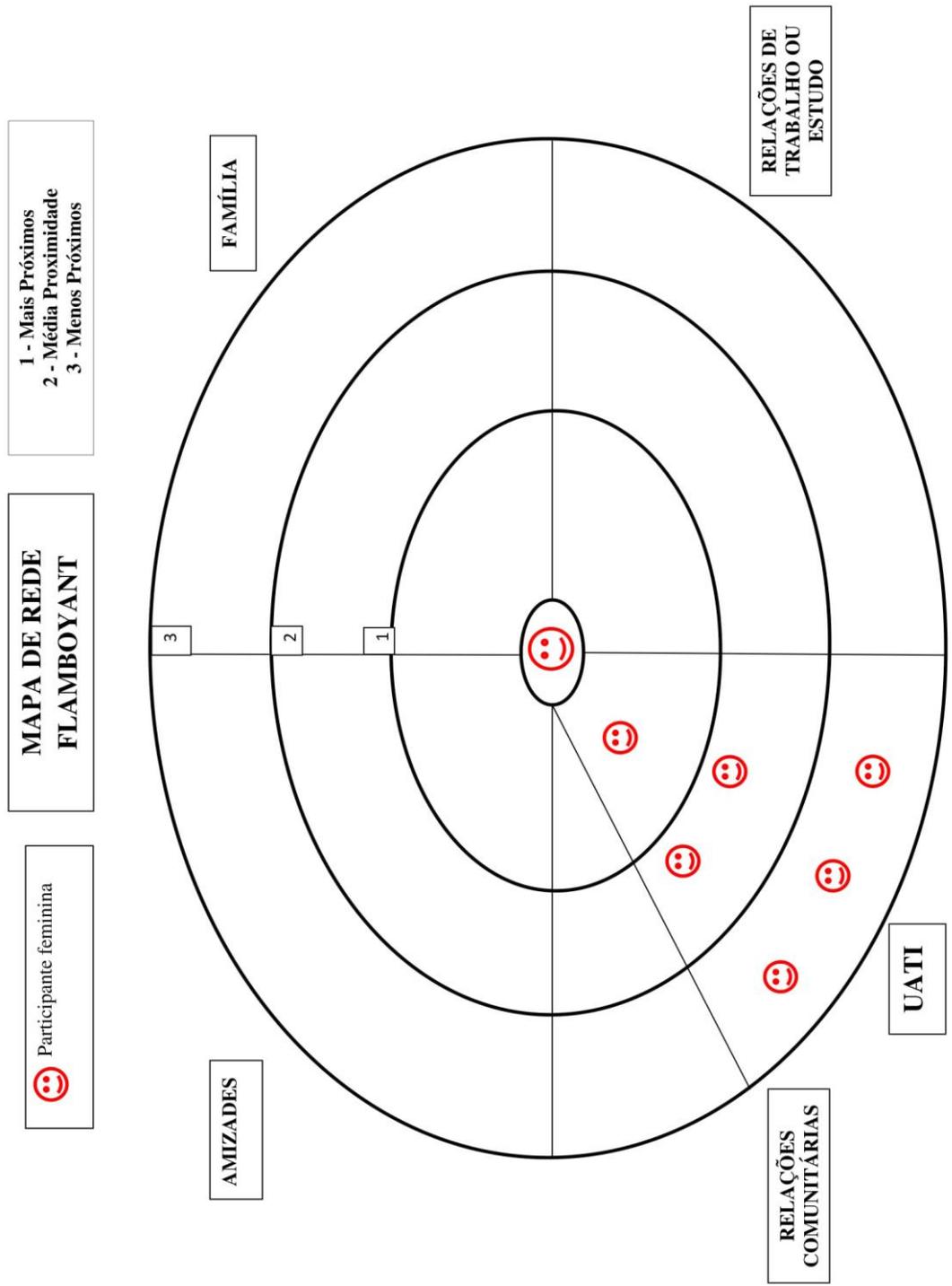


Apêndice D - Diagrama de Relações Entre as Participantes da Pesquisa

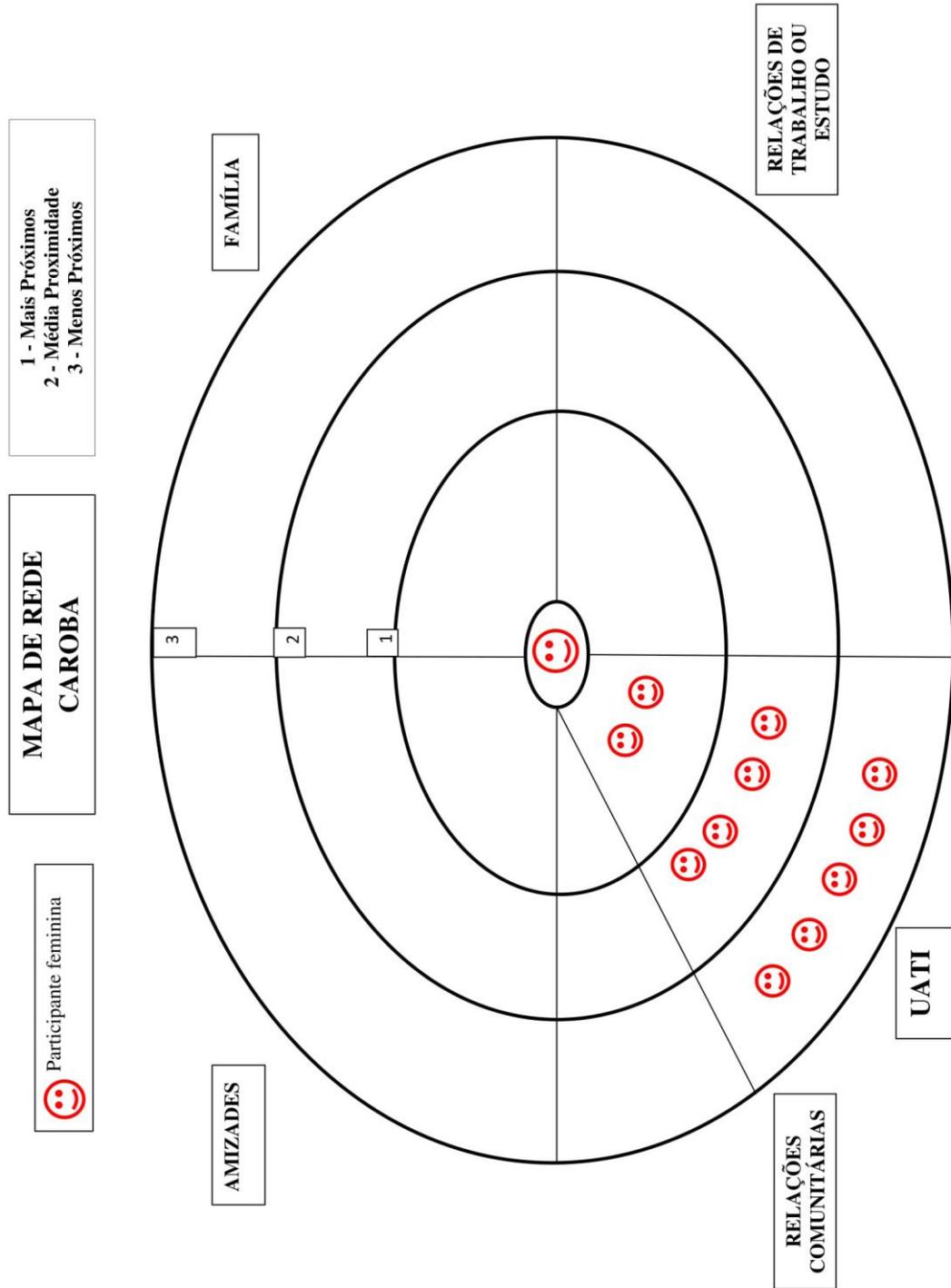


Nota. N.1= nível de maior proximidade; N.2= nível de média proximidade; N.3= nível de menor proximidade. Fonte: a autora (2020).

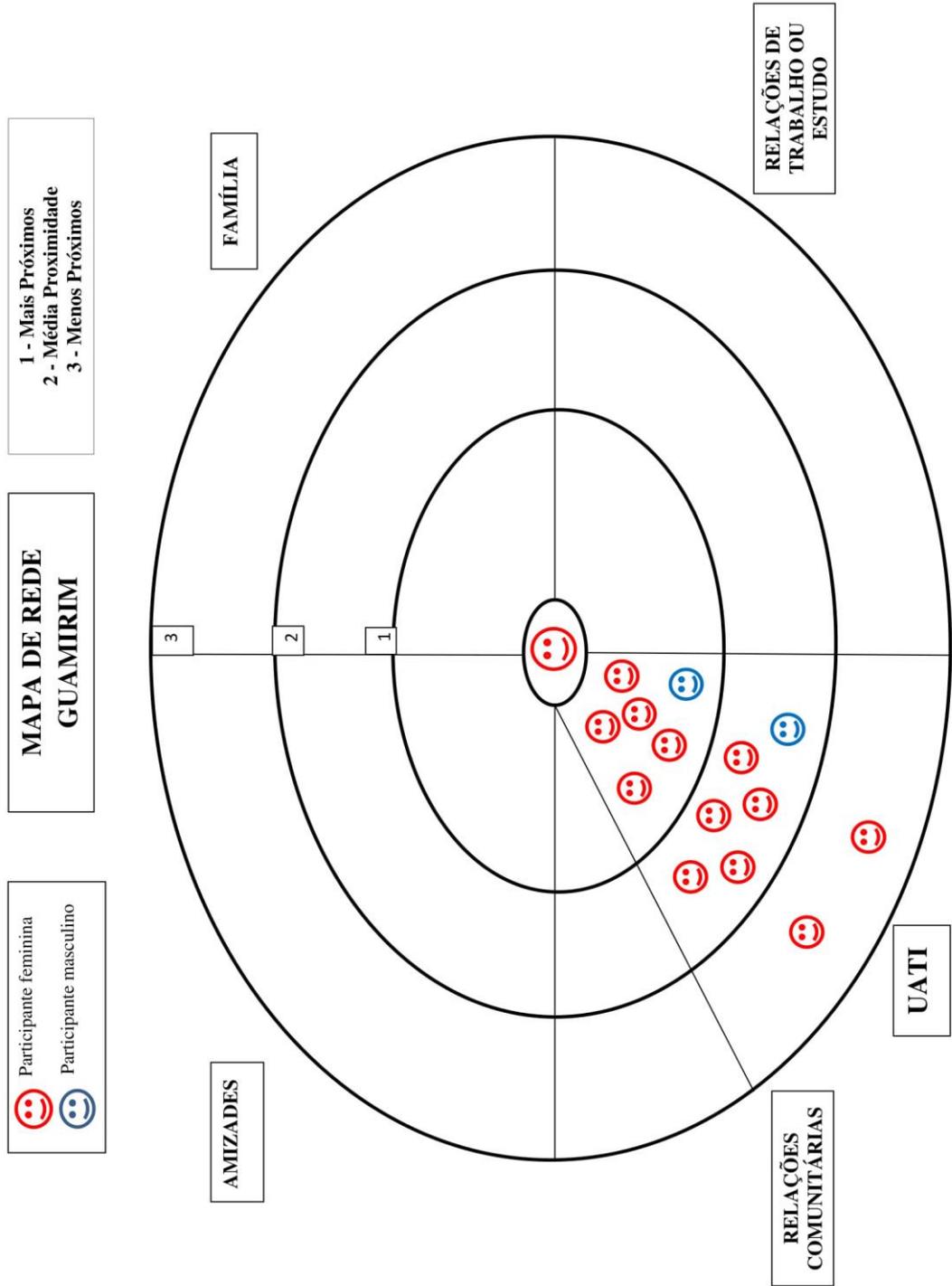
Apêndice E - Mapa de Rede de Flamboyant



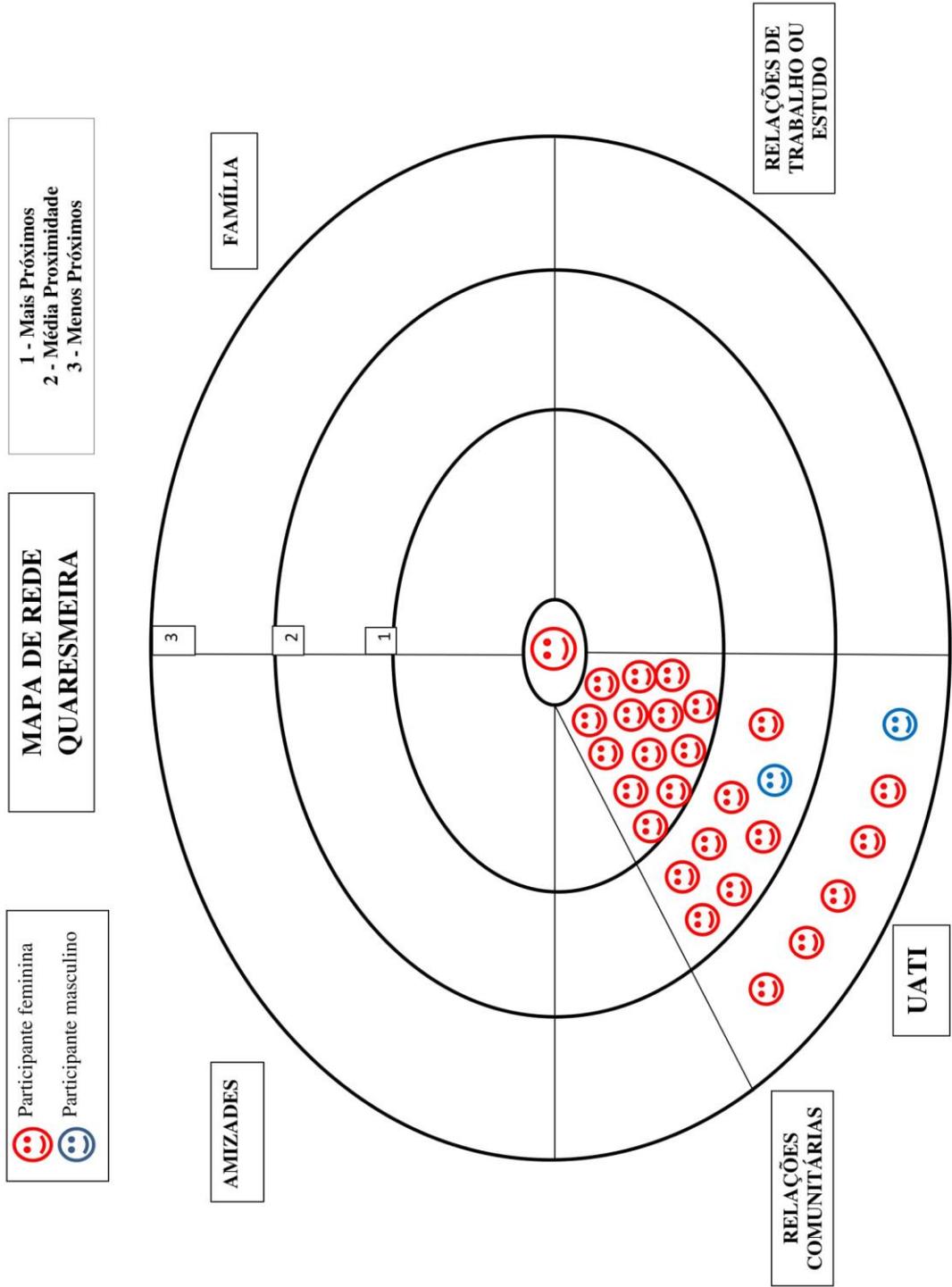
Apêndice F - Mapa de Rede de Caroba



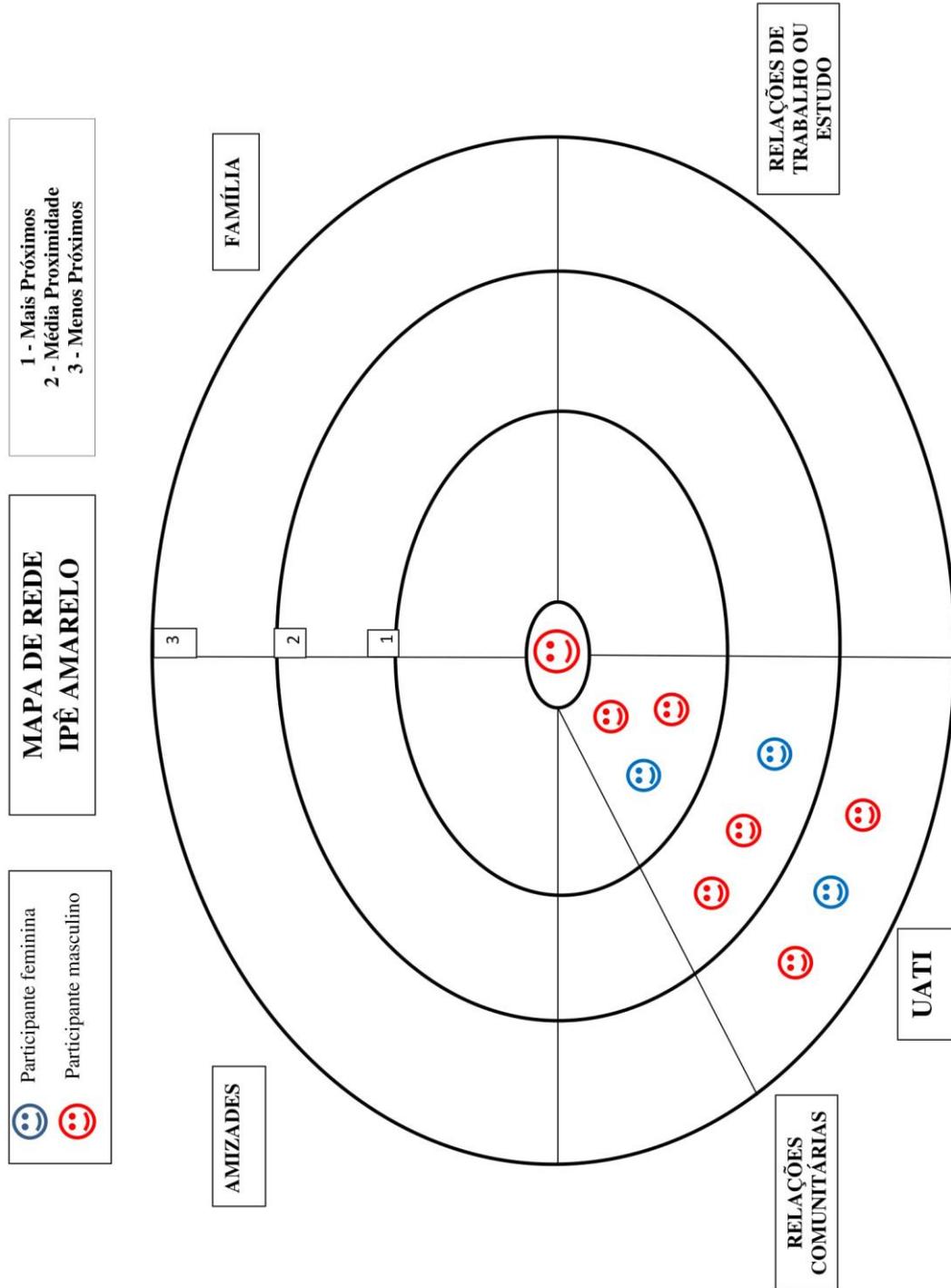
Apêndice G - Mapa de Rede de Guamirim



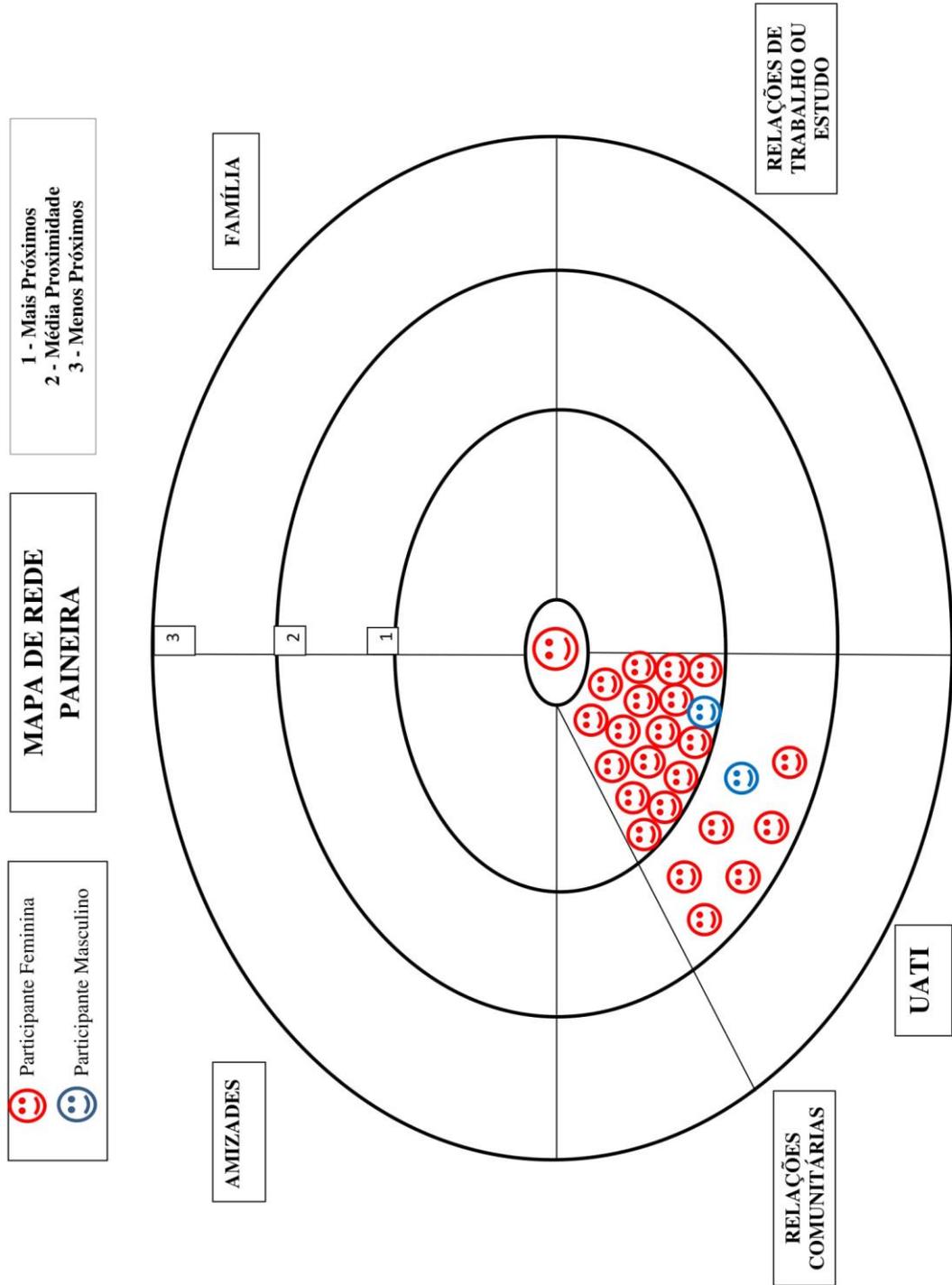
Apêndice H – Mapa de Rede Quaresmeira



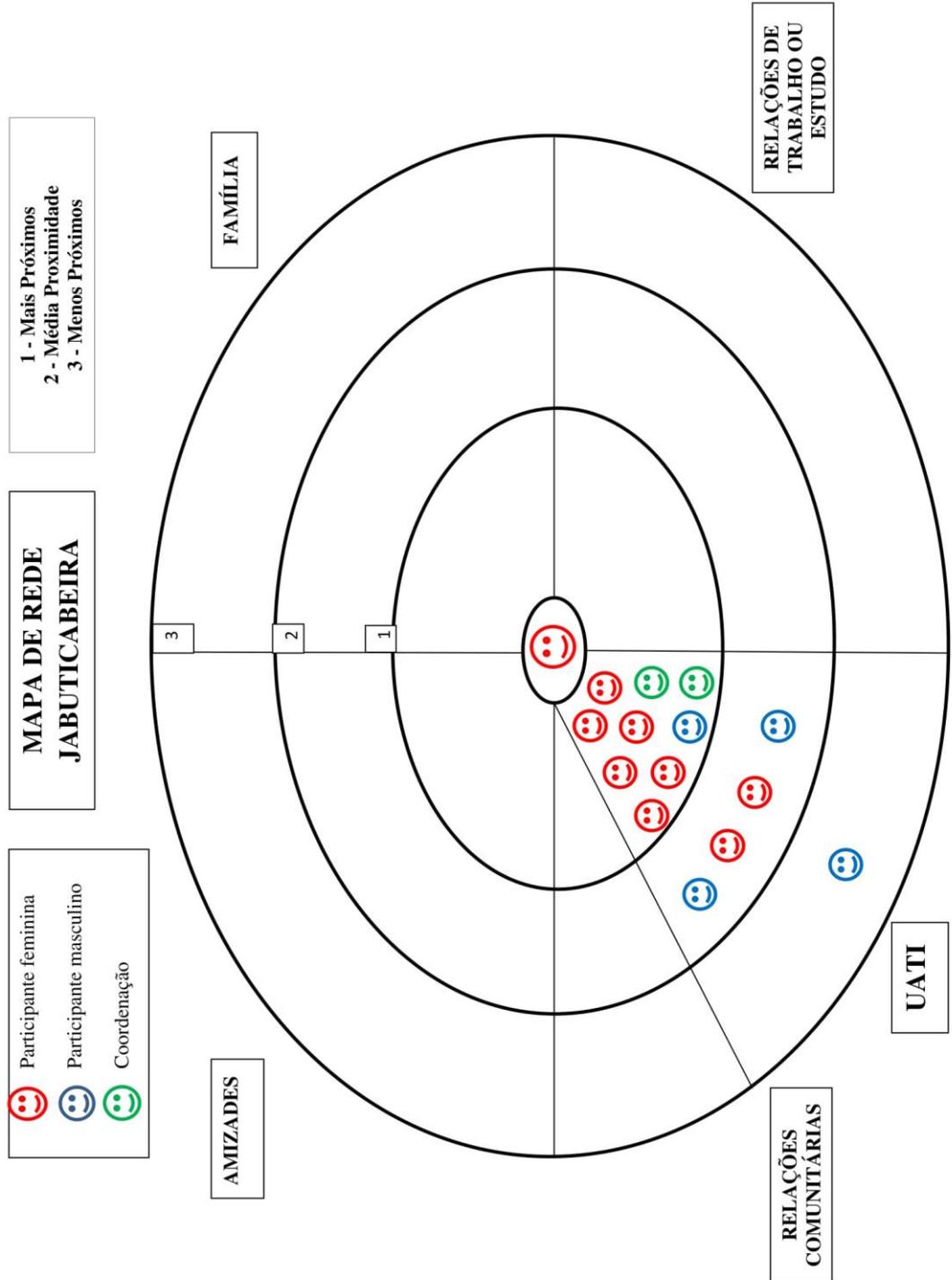
Apêndice I - Mapa de Rede Ipê Amarelo



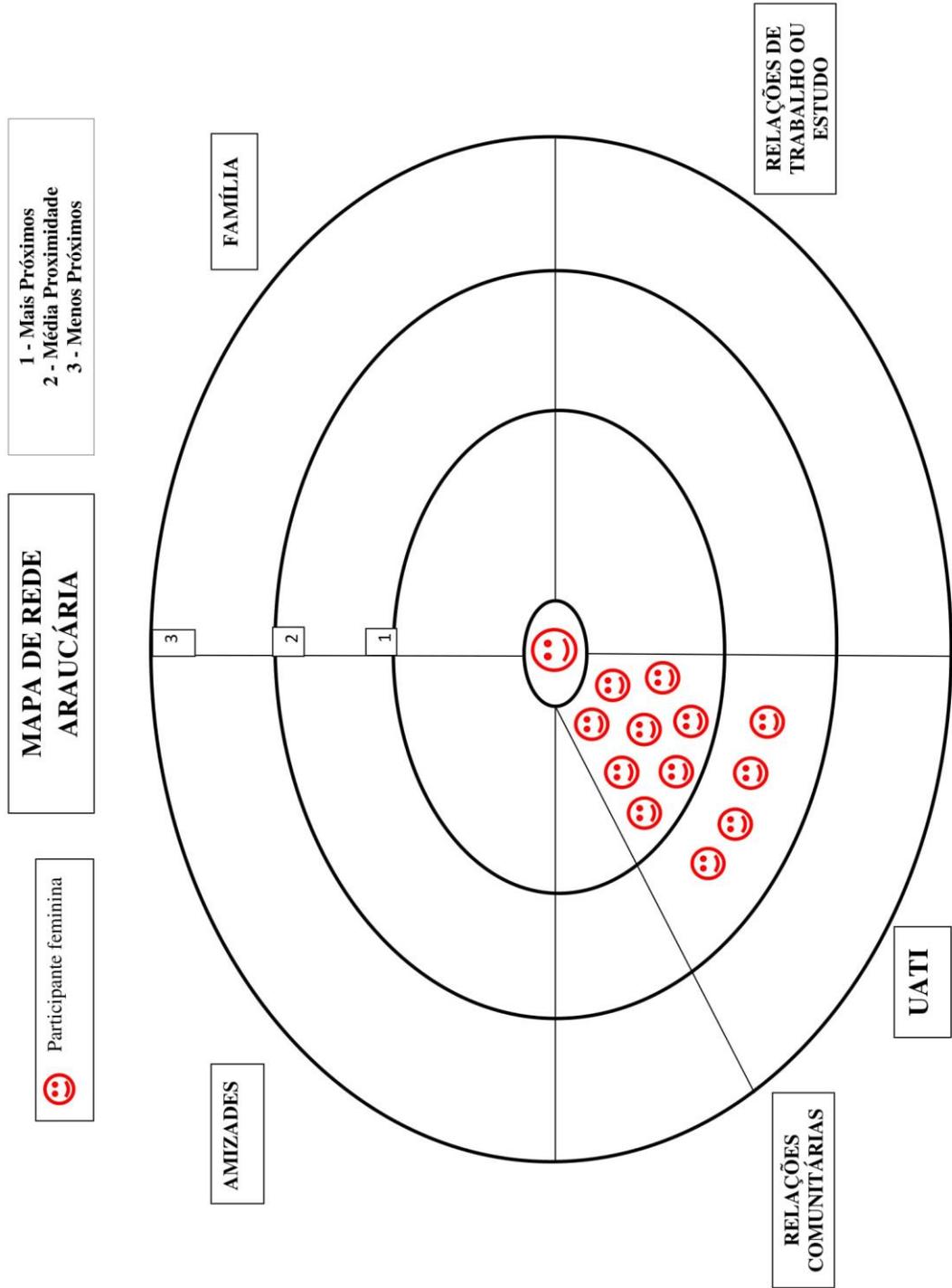
Apêndice J - Mapa de Rede Paineira

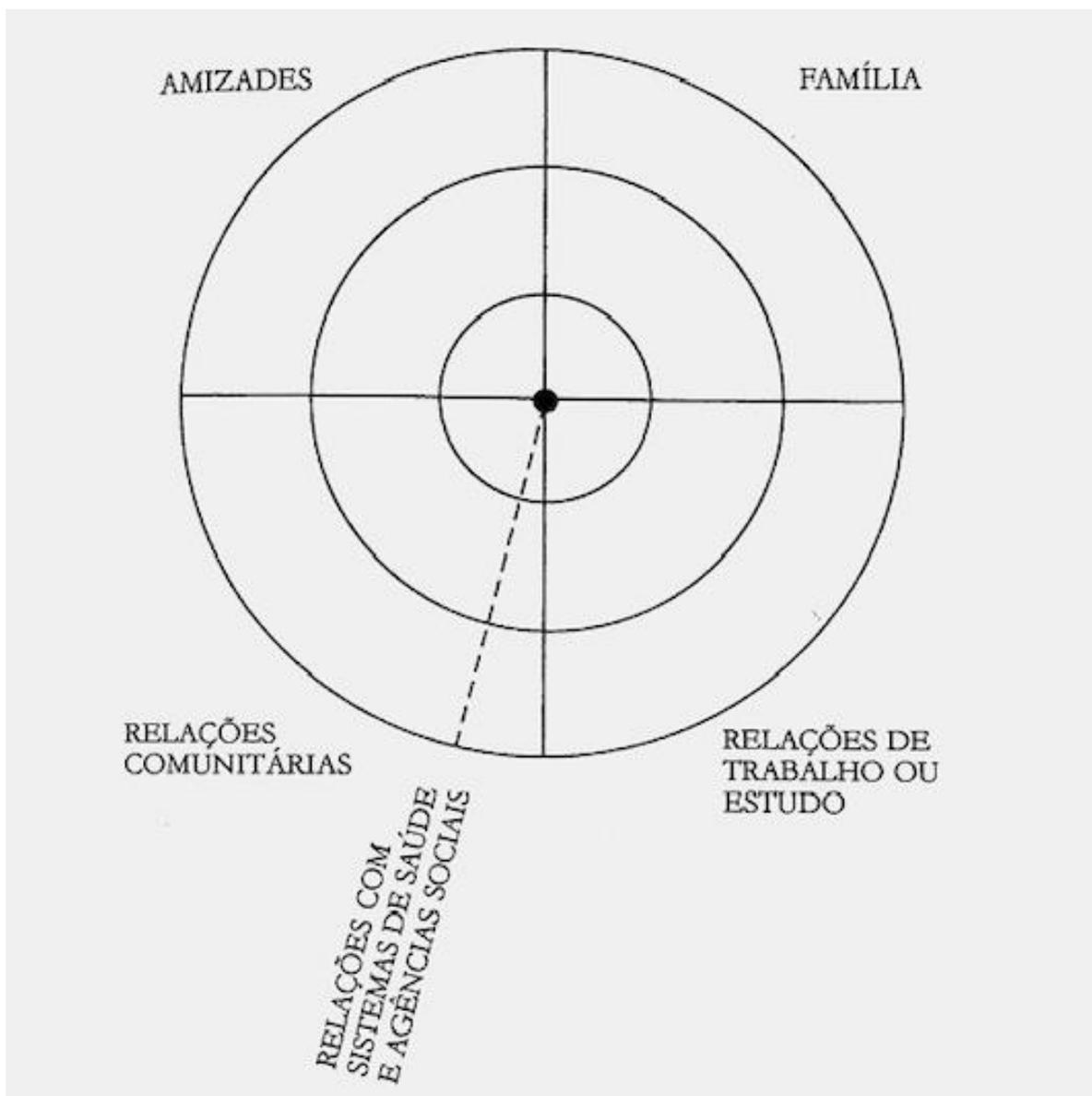


Apêndice K - Mapa de Rede de Jaboticabeira



Apêndice L - Mapa de Rede Araucária



Anexo A - Mapa de Rede - Modelo Proposto por Sluzki (1997)

Fonte: Sluzki (1997, p. 43).

Anexo B - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE TUIUTI DO
PARANÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SENTIDOS DA REDE SOCIAL SIGNIFICATIVA FORMADA PELOS EGRESSOS DE UMA UNIVERSIDADE ABERTA DA MATURIDADE

Pesquisador: DANIELA BERTONCELLO DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 97954718.4.0000.8040

Instituição Proponente: SOCIEDADE CIVIL EDUCACIONAL TUIUTI LIMITADA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.952.789

Apresentação do Projeto:

Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória sobre os sentidos da rede social significativa formada pelos egressos de uma Universidade Aberta da Maturidade (UAM), com base em entrevistas semiestruturadas com aproximadamente 15 egressos da UAM.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar os sentidos da rede social significativa formada pelos egressos da Universidade Aberta da Maturidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Pesquisa baseada em entrevistas, com riscos mínimos de desconforto e sem benefícios materiais aos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa viável e com riscos mínimos de desconforto aos seus participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados estão apropriados.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Endereço: Rua Sidnei A. Rangel Santos, 245 - Bloco Proppe, sala 04 - Térreo

Bairro: SANTO INACIO

CEP: 82.010-330

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3331-7668

Fax: (41)3331-7668

E-mail: comitedeetica@utp.br

UNIVERSIDADE TUIUTI DO
PARANÁ



Continuação do Parecer: 2.952.789

Pesquisa viável, com riscos mínimos e termos apresentados apropriados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1206571.pdf	25/09/2018 11:10:10		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	25/09/2018 11:09:01	DANIELA BERTONCELLO DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.docx	25/09/2018 11:08:33	DANIELA BERTONCELLO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_infra_estrutura.pdf	10/09/2018 11:14:53	DANIELA BERTONCELLO DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	27/08/2018 22:32:10	DANIELA BERTONCELLO DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 09 de Outubro de 2018

Assinado por:
Maria Cristina Antunes
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Sidnei A. Rangel Santos, 245 - Bloco Proppe, sala 04 - Térreo
Bairro: SANTO INACIO **CEP:** 82.010-330
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3331-7668 **Fax:** (41)3331-7668 **E-mail:** comitedeetica@utp.br

Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Tuiuti do Paraná

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Eu, Daniela Bertoncello de Oliveira, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, estou convidando você a participar de um estudo de minha Dissertação de Mestrado, intitulado **“Redes Sociais Significativas formadas pelos Egressos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade”**, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Claudia Nunes de Souza Wanderbroocke. Este estudo é necessário para compreender a importância da rede social significativa do idoso, a partir da sua experiência de convivência social em uma Universidade Aberta da Terceira Idade, e por consequência as possíveis repercussões produzidas em seu processo de Envelhecimento Saudável.

a) O objetivo desta pesquisa é analisar as redes sociais significativas formadas pelos Egressos da Universidade Aberta da Terceira Idade.

b) Caso você aceite participar, a pesquisa consistirá na realização de uma entrevista individual que será guiada por um roteiro de perguntas relacionadas ao tema da pesquisa e na construção de um Mapa de Redes, instrumento gráfico aplicado pela pesquisadora, a partir das suas respostas às perguntas realizadas.

c) Para tanto você deverá comparecer no local escolhido para a realização dessa entrevista, podendo ser um local de sua própria escolha ou mesmo ser na própria Universidade Aberta da Maturidade - UAM, no edifício do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da UFPR, sito à Avenida Prefeito Lothário Meissner, 642, bairro Jardim Botânico, na cidade de Curitiba – PR, em uma das salas de aula do primeiro andar que será designada no momento do agendamento da entrevista, sendo que esta levará aproximadamente uma hora e trinta minutos para ser realizada, estando prevista para um único encontro.

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE _____

d) É possível que você experimente algum desconforto ou constrangimento, principalmente relacionado a alguma lembrança que possa emergir decorrente de alguma das perguntas formuladas durante a entrevista. Caso isso ocorra, a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento, e se for necessário poderá haver o encaminhamento para a clínica de psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP para apoio psicológico, decorrente dessa mobilização emocional.

e) Não há previsão de benefícios diretos ou indiretos ao participante com essa pesquisa, mas você aceitando participar poderá contribuir para o avanço científico em relação ao tema dessa pesquisa.

f) A pesquisadora Daniela Bertoncello de Oliveira, responsável por este estudo poderá ser localizada em seu consultório particular, na Rua Manoel Eufrásio, 403A, Cj13, Bairro Juvevê, Curitiba, Paraná, e-mail daniberton@ig.com.br, telefone 41 98835-9417, em horário comercial para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

g) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

h) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas da Universidade Tuiuti do Paraná, como a Orientadora dessa pesquisa. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.

i) O material obtido através das gravações será utilizado unicamente para essa pesquisa e será apagado e eliminado totalmente ao término do estudo, dentro de 1 ano e 6 meses a partir da data dessa coleta.

j) As despesas necessárias para a realização da pesquisa, tais como o transporte da pesquisadora e fotocópias dos materiais utilizados, não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

k) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome e sim um código, ou serão apresentados apenas dados gerais de todos os participantes da pesquisa.

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE _____

l) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, pelo telefone (041) 3331-7668. Rua Sidnei A. Rangel Santos, 238 Sala 328 Bloco C. Horário de atendimento das 13h30 às 17h30.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu receberei uma via assinada e datada deste documento.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ____ de _____ de 20____.

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

[Nome e Assinatura do Pesquisador]